Manchete

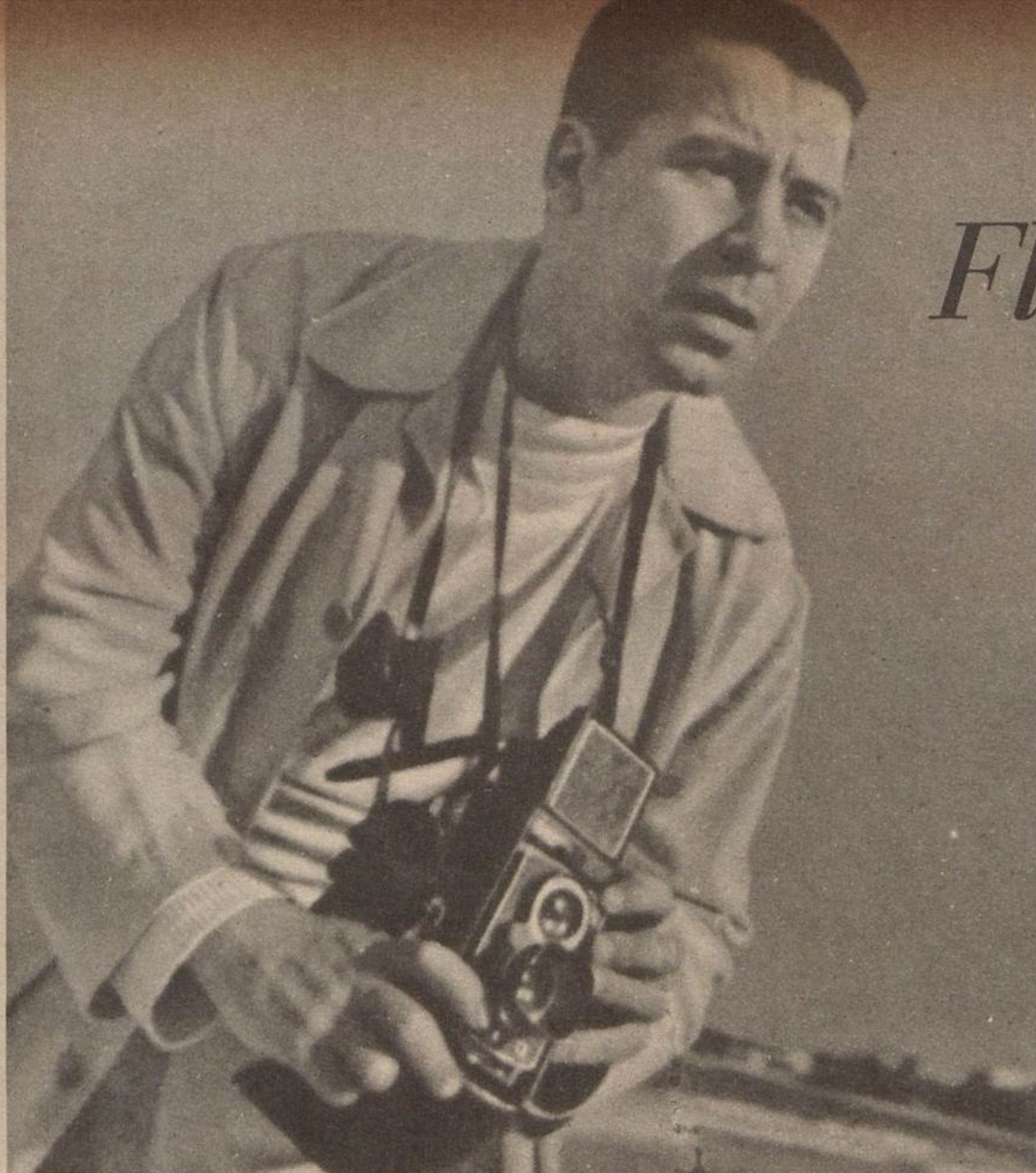
HELBE CONDENADA

•

FRANCISCO ALVES
REPORTAGEM A CORES

•

PENA DE MORTE NO BRASIL

N.º 25 – REVISTA SEMANAL – RIO DE JANEIRO – 11 DE OUTUBRO DE 1952 – CR$ 5,00

Flagrantes do Brasil

POR *Jean Manzon*

NÃO É APENAS UMA COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS PRIMOROSAS : É O MAIS SINCERO E ESTUPENDO DOCUMENTÁRIO DA REALIDADE BRASILEIRA !

UMA cousa é escrever-se sôbre um país, e outra, muito diversa, é fotografá-lo. A pena cede fàcilmente à influência dos gostos e preferência do escritor. O ôlho da objetiva, não : êste retrata friamente o que vê, sem se apegar a qualificativos, sem a distorção das simpatias ou das indiossincrasias pessoais, sem outra intervenção humana além da escolha do assunto, do ângulo e da luz. Por isso mesmo, a obra notável de JEAN MANZON, êsse moderníssimo Rugendas da fotografia, atinge a culminância de um dos documentos mais expressivos e sinceros jamais produzidos sôbre o nosso país.

Jean Manzon retrata fielmente a nossa terra, a nossa gente, os costumes das cidades e dos sertões, o branco, o prêto, o índio, o carnaval, o trabalho e a ociosidade, o que é belo e o que é feio, todo êste mundo que é o Brasil de hoje, de norte a sul, com tôda a emocionante e dramática beleza plástica que só êle sabe dar às suas estupendas fotografias.

Textos em português e inglês
Legendas de Orígenes Lessa
Volume encadernado :

CR$ 300,00

Em tôdas as livrarias

IMPRESSO POR GRÁFICOS BLOCH

Manchete

REVISTA SEMANAL

RUA FREI CANECA, 511 - TEL. 32-4355 - RIO DE JANEIRO

Número 25 11 de Outubro de 1952 CR$ 5,00

CAPA: Francisco Alves, 'O Rei da Voz', cujo trágico desaparecimento comoveu o país inteiro. Ver nêste número a reportagem em côres: CHICO ALVES: LUTO, HERANÇA E DESESPÊRO

(págs. 21/24)

CARA OU CORÔA

Crônica de HENRIQUE PONGETTI

São Cristovão fala aos santinhos

O carioca aprendeu com o jôgo do bicho a cercar sua esperança por todos os lados. Essa genialidade em operações de assedio êle a manifesta levando, na mesma semana, flôres à igreja de S. Judas Thadeu, na rua das Laranjeiras, e cocadinhas para S. Cosme e S. Damião nas encruzilhadas do seu bairro. Catolicismo e macumba com a mesma pureza de alma. Como vocês sabem, S. Damião e S. Cosme são crianças e, como crianças, preferem o açúcar ao incenso. Seus doces prediletos, no Brasil, são os de côco e de batata. Influência talvez das nossas negras bahianas de tabuleiro, que sendo geralmente mães de santo, se especializam em cocadinhas brancas, rosas e negras; e em docinhos de batata doce, brancos e roxos. Os dois meninos podem ficar indiferentes a uma "crèpe Suzette" feita pelo "patisseur" do "Bife de Ouro" com aquelas labaredas transcendentais, produzidas à vista do "gourmet", e aquêle gorro de alquimista ou de bacharel em caçarolas, grelhas e escumadeiras... Mas botou cocadinha e docinho de batata, na encruzilhada, à hora zero do dia dos seus anos — êles águam todos. Ora, o carioca cercador mesmo vai mais longe na sua habilidade assediativa e manda também brinquedos para os santinhos gêmeos. Apenas nem sempre reflete e escolhe mal os brinquedos. Vou dar um exemplo perfeito. Na manhã do dia glorioso eu acordei cedo e resolvi tomar um rápido banho de mar antes de escrever a minha crônica. A manhã era de começo de primavera, mas o verão andava se assanhando, saindo da fila, e uns calores convidativos antecipavam o canto das cigarras. Tôdas as areias do posto 2 ao 3 estavam cheias de oferendas avulsas — flôres, doces, velas, cartas com mal traçadas linhas pedindo, de uma vez só, para mais nomes do que uma petição de "barnabés". Mas dominando tudo, como se fôsse o altar-mor da igreja destelhada, havia um grande tapête de papel crespo amarelo com pratinhos de doces e dois automóveis pequeninos de matéria plástica. Quem foi o fiel insensato, ou o hereje militante, que anda incutindo no espírito dos dois santinhos a idéia de andar de automóvel nesta capital mundial do abalroamento, nesta metrópole do atropelado? Êsse sacrílego não sabe que S. Damião e São Cosme conversam todos os dias com São Cristovão, protetor dos "chauffeurs" do Rio, e que podem vir a saber de tôda a verdade? Aliás, eu não tenho a menor dúvida de que, tratando-se de santos da devoção dos cariocas, os três estejam fartos de conversar sôbre o assunto entre uma cocadinha-puxa e um doce de batata roxa. Ousarei mesmo imaginar aqui as confidências de São Cristóvão, na sua linguagem simples já meia contaminada pela gíria dos motoristas e dos trocadeiros:

— Meus santinhos, não caiam nesses "parangolés" de automóveis. Lá em baixo o "rodante" não passa de automorte, mas Deus é grande. Porque é que vocês pensam que êles botam o meu retrato perto do retrato do "papai", bem na cara do freguês? Êles querem é que eu inspire ao velho um aumento periódico de trinta e de cinquenta por cento, e que ao mesmo tempo dê ao passageiro conformação para pagar. Moraram? moraram? E vocês pensam também que o meu retrato está ali para evitar desastres? Anjinhos! Êles esperam que eu os ajude a "bater", isto é, que o carro dos seus desafetos se arrebente e o dêles saia recromado e repintado a "duco", além de reestofado a "nylon"... Vocês não fazem uma idéia dos milagres terríveis que essa gente me pede. Uns, quando o pedestre corre mais ligeiro e dribla o carro alucinado, olham furiosos para o meu retrato e exclamam: "Como é? êsse me viu!"... Outros resmungam "Manjou? mais um que espicha cinco e marreta o trôco de um cruzeiro"... Tudo é comigo. Quando o passageiro dá ao trocador uma pele de cem para trocar, eu vejo que é de mim que motorista e trocador esperam a morte repentina ou pelo menos a hemiplegia do criminoso. Meus santinhos, querem o conselho de um santo velho cansado de guerra? Fiquem com os doces e devolvam imediatamente os automóveis. Eu já escrevi ao Estrêla uma carta impondo condições para deixar o meu retrato perto do retrato do "papai" nos "rodantes". Sem tacômetro e sem exame psicotécnico: neca!

O Brasil em Manchete

REFORMA DE BASE

O Presidente Vargas reafirmou, em seu discurso de 3 do corrente, o propósito de fazer a reforma de base. "A Nação — disse — paga um ônus pesado pela falta de ordem administrativa e o povo já manifesta a impaciência e a descrença que o assalta ante as demandas, a morosidade e a ineficiência do órgão governamental". E depois de declarar que não quer governar sem oposição, porque entende que sem a crítica livre não há democracia, acrescentou: "Apelo para todos os homens públicos, sem distinção de partido ou de côr política, para que coloquemos os esforços a serviço do bem geral". O discurso teve grande ressonância em quase todos os círculos (o brigadeiro Eduardo Gomes não topou) e enquanto se anuncia a formação de uma Comissão Inter-Partidária para estudar a reforma de base, tem-se como certa a criação de 5 novos ministérios: o dos Tranportes (desdobramento do M. da Viação e Obras Públicas), o de Minas e Metalurgia (CNP, Volta Redonda, S. Francisco, Vale do Rio Doce e Conselho de Energia Elétrica), o da Saúde (desdobramento do M. da Educação), o da Iudústria e Comércio (Dep. Nac. Ind. e Comércio, CEXIM e outros órgãos correlatos) e, finalmente o da Previdência Social (desdobramento do M. do Trabalho). Enquanto isso, Vargas iniciou o contato com a oposição, como, por exemplo, com o senador Ferreira de Souza, líder da UDN no Senado.

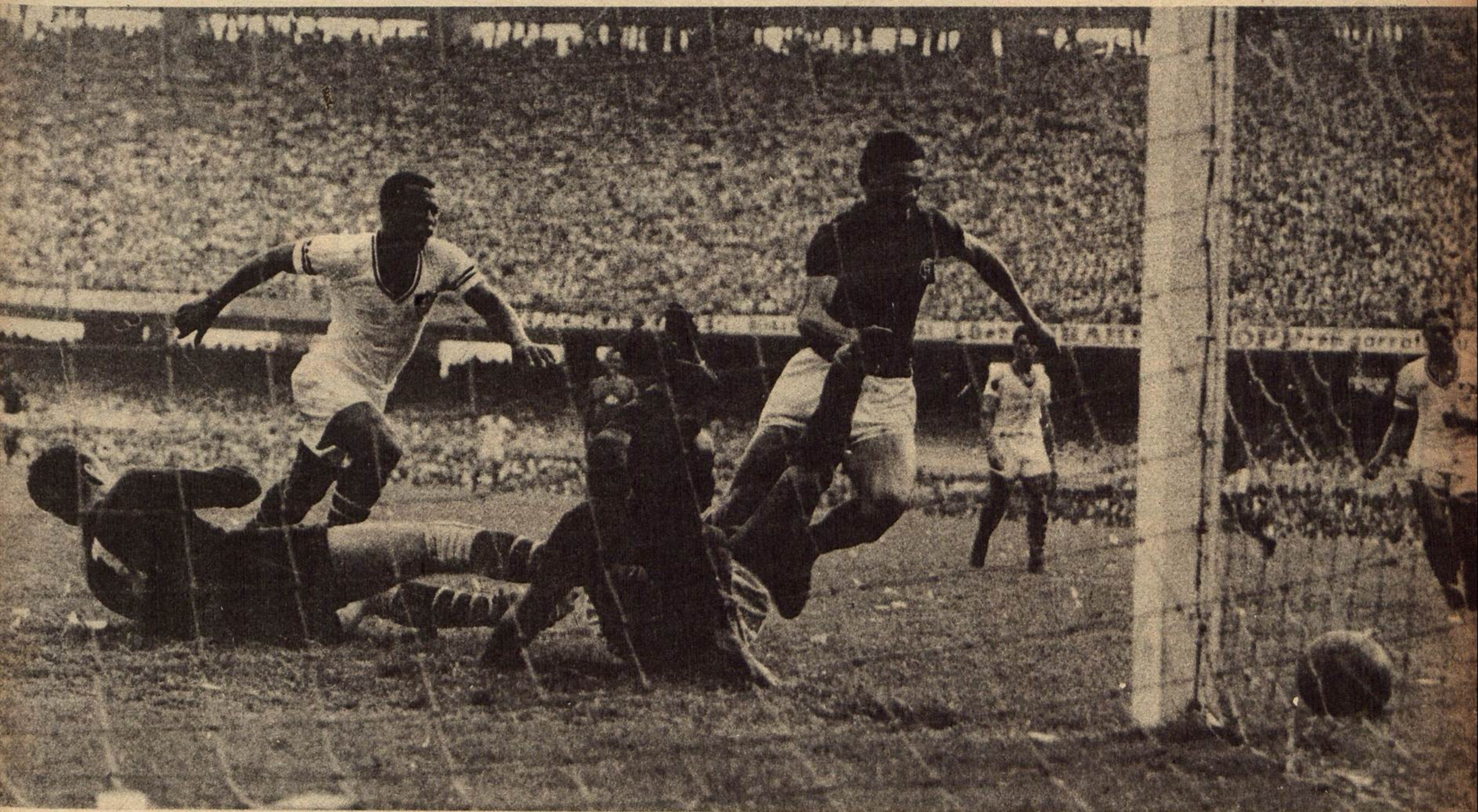
FELIPETA CONFIAVA EM BORGHI

O caso das Felipetas continua no cartaz. Depondo no processo de falência do tenente Luiz Felipe de Albuquerque Júnior, o ex-deputado Hugo Borghi fez sensacionais declarações, referindo-se a negócios fabulosos do falido, nos Estados Unidos. Felipeta, dizendo-se representante de capitais norte-americanos no Brasil, procurou Borghi, oferecendo-lhe 40 milhões de cruzeiros, para emprêgo em qualquer negócio de lucro razoável. Não queria juros. Desejava sòmente participar dos lucros, na proporção do capital emprestado. Como primeira parcela, chegou a mandar, dias depois, a importância de 800.000 cruzeiros. O portador, com surprêsa de Borghi, recusou qualquer documento comprovante da entrega do dinheiro, explicando que tinha recomendação expressa do tenente nesse sentido. De outra feita, o tenente procurou novamente o ex-deputado, revelando-lhe que estava concluindo um negócio nos Estados Unidos, o qual lhe deveria render a fabulosa importância de 180 milhões de cruzeiros, que estava interessado em aplicar no Brasil, por intermédio de Borghi. Esta operação não se concretizou.

VIOLÊNCIA E COVARDIA

Com informações e documentos fornecidos pelo advogado Hilário Rui Rolim, a "Tribuna de Imprensa" publicou sensacionais manchetes, acusando investigadores e autoridades da Polícia de Costumes, como sócios das mundanas Solange e Aimée, que vivem da exploração do lenocínio. O delegado Abelardo Luz, atingido pelas acusações, fez uma operação de comando contra o escritório do advogado, a quem procurou, armado, disposto a matar, segundo confessou. Esmurrou Rolim, que ajoelhou a seus pés, pedindo clemência. O causídico escreveu, assinou e entregou ao Delegado uma carta, que constitui um verdadeiro "atestado de bons antecedentes". Depois de passado o perigo, afirmou que tudo fizera, em seu escritório, por coação, pois o Delegado lhe encostara um revólver no peito. No inquérito (policial), aberto por determinação do Ministro da Justiça, Luz confirmou que fôra armado, disposto a matar um homem, mas não o fizera por ter encontrado um covarde. Rolim confirmou a coação, adiantando que o delegado estava acompanhado de capangas, mas as testemunhas não confirmaram a existência de acompanhantes. E as mundanas, como era de se esperar, inocentaram a Polícia, procurando incriminar o advogado Rui Rolim. A corda, nesses casos, arrenbenta sempre pelo lado contrário ao da Polícia...

MONSTRO MARINHO EM CABO FRIO

Agonizante, deu à praia de Massambaba, perto de Cabo Frio, no Estado do Rio, um monstro marinho, medindo 18 metros de comprimento, 5 de largura, com pêso aproximado de 20 toneladas. Tratava-se de um cachalote, que fôra atingido dias antes, com vários tiros de fuzil, pelo delegado de polícia e soldados do destacamento de Cabo Frio, além de pescadores e de outras pessoas. A agonia do gigantesco cetáceo foi demorada e impressionante. A população da redondeza fugiu espavorida com seus urros e gemidos. Morto, o povo tentou esquartejá-lo. Tarefa difícil. Sua couraça só foi furada a picareta. Depois usaram dinamite. Alguns dos 48 dentes tinham 40 centímetros e pesavam ½ quilo.

FLA-FLU SENSACIONAL

O Flamengo pagou uma dívida que tinha com coı grande torcida. provàvelmente a maior do Brasil : conquistou uma grande e espetacular vitória, ao vencer, de modo categórico o clássico Fla-Flu. A contagem foi de 3 a 0. Adãozinho fez dois goals (de cabeça) e meio, pois o terceiro, de autoria de Benitez, foi provocado por uma jogada vigorosa sua. Investiu com ímpeto e arrematou com violência. A bola bateu na cara de Castilho e se ofereceu ao meia paraguaio, que completou. O esplêndido goleiro do Fluminense fraturou o nariz no lance, ficando desacordado. E jogou o resto da partida meio inconsciente. No final, só pôde abandonar o campo amparado pelo médico e companheiros

OS DEZ HOMENS MAIS ELEGANTES DO RIO

Existe a elegância masculina? — Quanto custa — Os alfaiates mais famosos e os clientes mais disputados — Elegantes em prêto e branco e em tecnicolor — A elegância como preocupação e a elegância como profissão — Os que adoram exibir-se — Opinião de alfaiates e colunistas sociais famosos.

Reportagem de HELIO FERNANDES

EXISTE a elegância masculina? É evidente que sim, e mesmo em alguns casos, com muito mais fôrça que a elegância feminina. Um cabeleireiro de Copacabana, contou-me que um conhecido grã-fino sempre que senta na sua cadeira, avisa com a maior seriedade:

— O meu cabelo você já sabe. Em cima eu quero bem fofinho. E do lado à George Raft.

Cavalheiros da maior responsabilidade, ocupando altos cargos na indústria, no comércio e na administração pública, gastam horas preciosas com o alfaiate, arredondando ombros, diminuindo cinturas, prendendo ou soltando um pouquinho mais o paletó. Alguns fazem de 5 a 10 ternos por mês, havendo mesmo quem chegue a 15 e 20. Vivem permanentemente no alfaiate.

O Presidente da Caixa Econômica Federal, Dr. Samuel Ribeiro — falecido há pouco mais de 1 mês — chegou a ter no guarda-roupa, 420 ternos, 600 camisas e mais de 300 sapatos. Seu alfaiate — o famoso J. Brum — tinha oficiais destacados especialmente para serví-lo. Certa vez, precisando de uma casaca e não podendo vir ao Rio, telefonou. O contra-mestre viajou para S Paulo com tôdas as despesas de viagem e estadia pagas pelo Dr. Samuel, que ainda gratificou-o com a importância de 4.000 cruzeiros. Juntando mais o preço da fazenda — 6 mil cruzeiros — e o feitio — 10 mil — a casaca saiu quase por 30 mil cruzeiros.

O Campeão de Polo e milionário Carlos Eduardo de Souza Campos, é outro preocupado com a própria elegância. Sabe tôdas as combinações que se pode fazer entre terno, meia, gravata, camisa e sapato. E tudo de cór. Poucas vêzes dispensa o colete branco e tem sempre um cravo branco ou vermelho na botoeira do seu terno invariàvelmente impecável.

Há também os que são elegantes mas displicentes. Nessa categoria vamos encontrar principalmente Augusto de Gregório – elegante nato – Horácio de Carvalho Jr. — que detesta tanto a ostentação que faz uma porção de ternos iguais — e Aluízio de Salles.

Há muitas categorias, nêsse páreo da elegância. Os elegantes em tecnicolor — camisa riscadinha, colete branco, meias arco-iris — os elegantes em branco e prêto, como por exemplo o Senador Alencastro Guimarães que só usa roupa cinza, mas que parece um modêlo — em tamanho grande — da 5.ª Avenida de Nova Iorque; e a "marca" Walter Quadros, elegante a qualquer hora da manhã, da tarde ou da noite.

Não se pode esquecer também o Barão de Saavedra e o Dr. Otávio Guinle, representantes de uma época inesquecível de galanteria, elegância e cavalheirismo.

★

Os alfaiates mais disputados chamam-se Cosentino, J. Brum, Trota e De Cicca. Cobram em geral, entre 5 e 7 mil cruzeiros por um terno. Têm atelieres confortáveis e espaçosos, e só tratam os freguêses de Exa. para cima. E com muita razão. Pois quem gasta 50 mil cruzeiros mensais só com alfaiate, espera receber um tratamento especial, fora de todos os usados ou previstos comumente. E há os que merecem mesmo.

OPINIÃO ALHEIA

COSENTINO — Alfaiate

Horácio de Carvalho Jr.	João Cleofas
Aluízio Salles	Filinto Muller
Silverio Ceglia	Genaro e Abelardo Accetta
Pedro Brando	Alencastro Guimarães
Rodolfo Marques da Cunha	Santiago Dantas

CARLOS DE LAET — "Última Hora"

Otávio Guinle	Cesar Proença
Walter Moreira Salles	Antônio Castelo Branco
Aluízio Salles	Horácio de Carvalho Jr.
José Willensens Jr.	Angelo Sertório
Otávio Simonsen	Augusto de Gregório

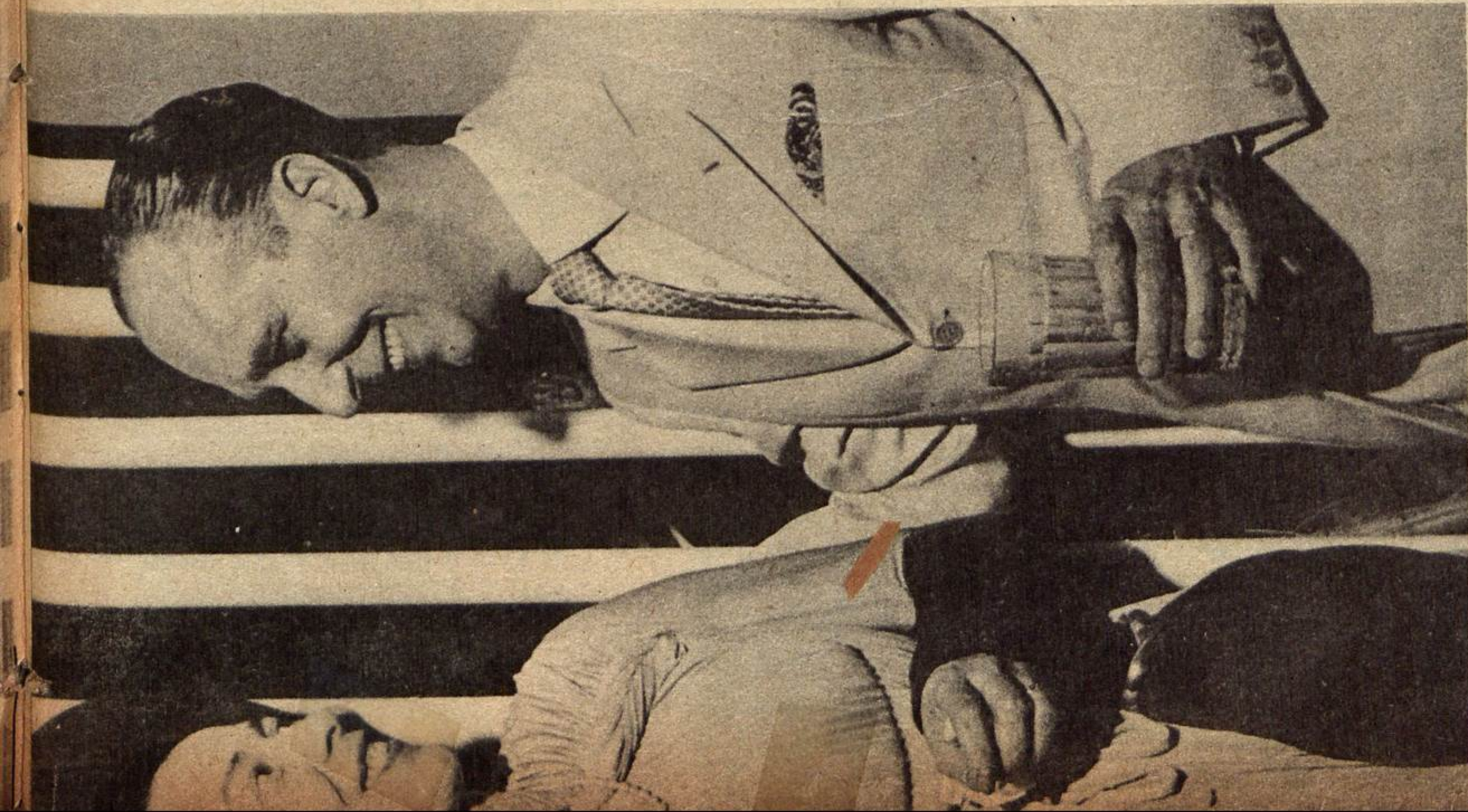
LÚCIO RANGÉL — "Sombra"

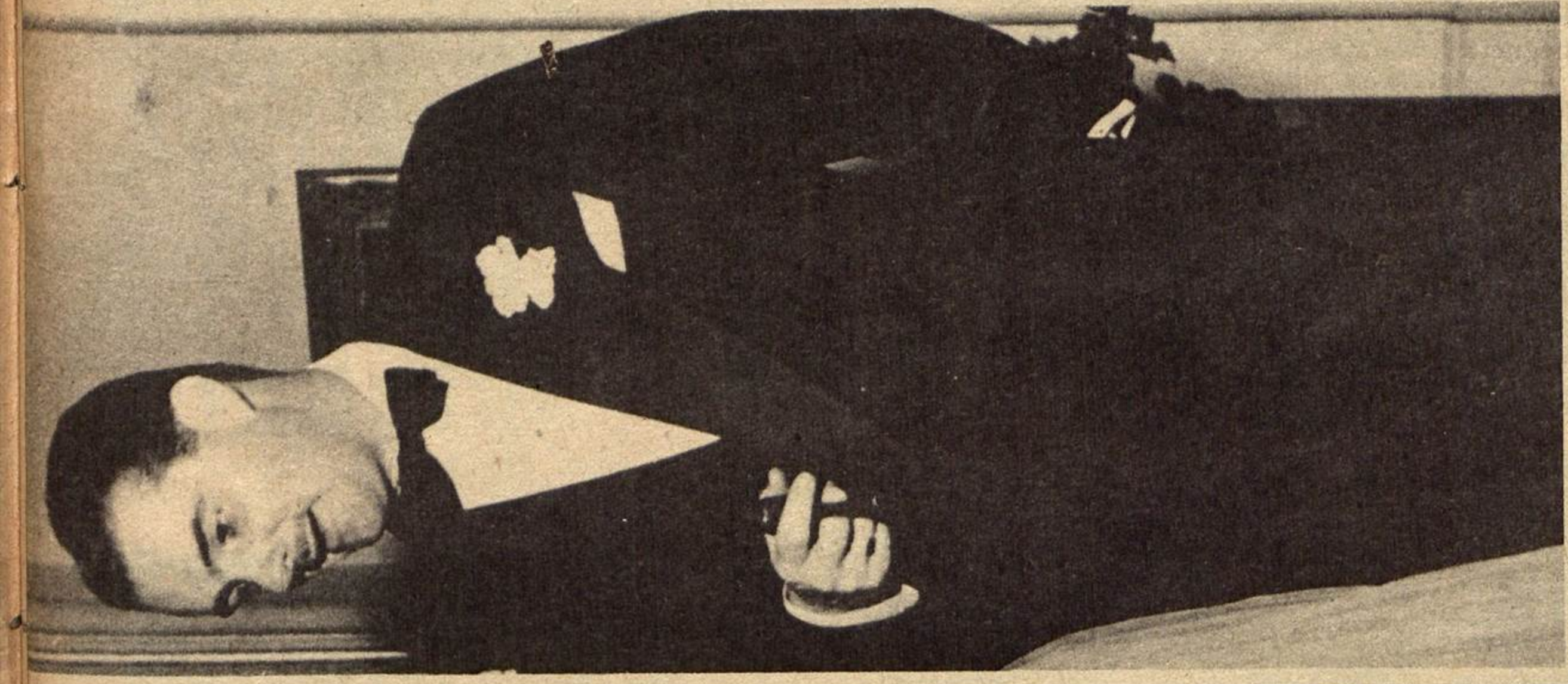
Aluízio Salles	Herculano Lopes
Carlos Eduardo de S. Campos	Barão de Saavedra
Fernando Delamare	Cecil Hime
Horácio de Carvalho Jr.	Henrique de Moura Liberal
Carlos Guinle	Artur Bernardes Filho

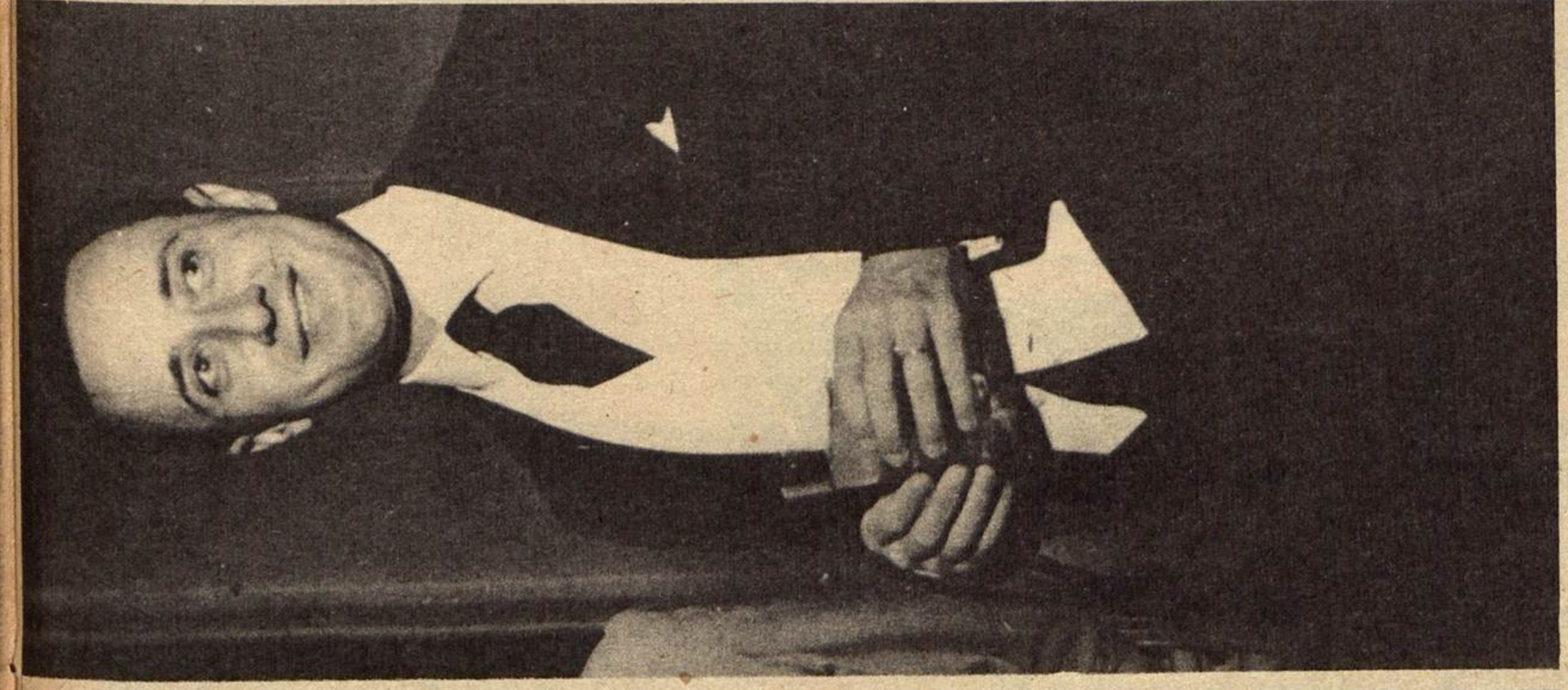
J. BRUM — Alfaiate

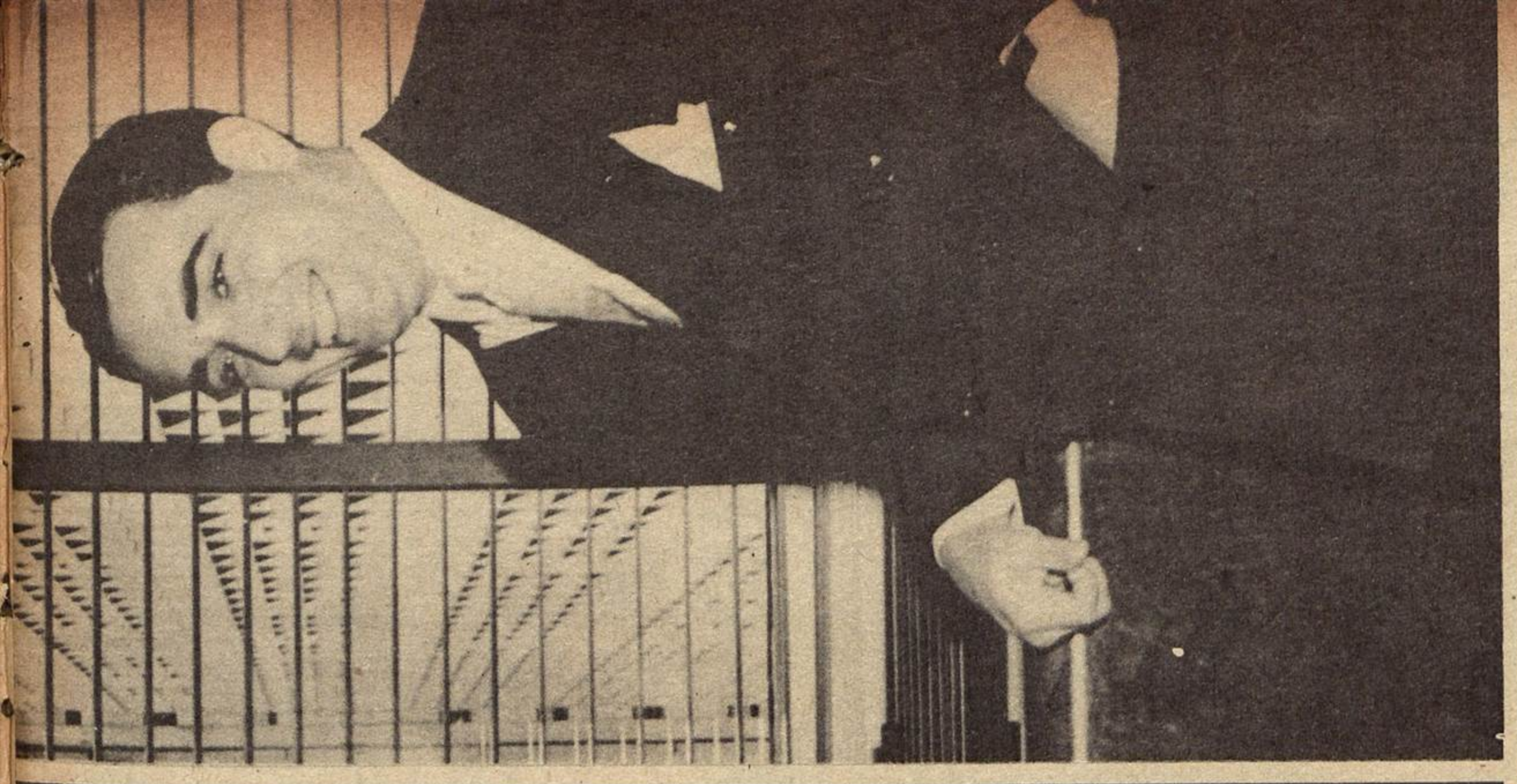
Humberto Ramos	Eduardo Ramos
Marcello Castello Branco	Leonio Ramos de Carvalho
H. Lopes da Cunha	Orlando Leite Ribeiro
João Pessoa de Mello	Augusto de Gregório
Hugo Napoleão	Mario Rabello de Oliveira

JACINTO DE THORMES — "Diário Carioca"

Simões Filho	Ricardo Fasanello Jr.
Otávio Guinle	Castelo Branco
Cesar Proença	Walter Quadros
Aluízio Salles	Walter Frederick Pretyman
José Willensens Jr.	Michel Lichnowsky

Henrique de Moura Liberal

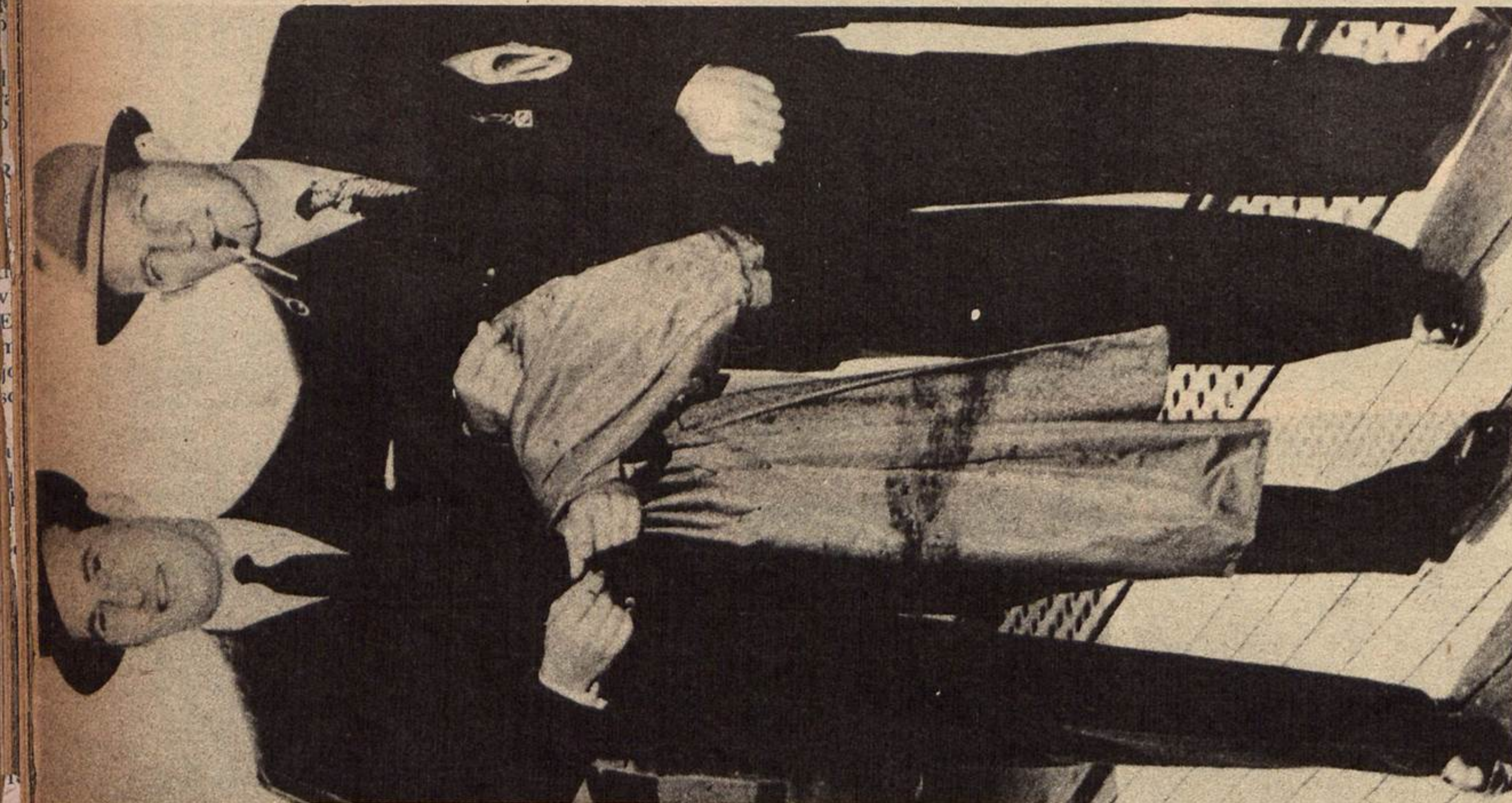
O conhecidíssimo Liberal é o mais barato e autêntico de todos os elegantes. Sua verba orçamentária no capítulo roupa é muito pequena. Pertence à espécie indiferente concentrado. De qualquer maneira que se vista está elegante. Bebe uísque magnìficamente e paga ainda melhor. Já esteve doze vêzes na Europa e tem amigos íntimos em Paris, Londres e Rio de Janeiro. Poucos sujeitos podem se orgulhar de serem inimigos seu. Tem uma casaca feita em Roma em 1936 que é um primor de resistência. Está sempre alegre, é grande amigo de Dutra, e absolutamente jovem apesar dos 48 anos. Não joga, fuma pouco e adora conversar. Sôbre qualquer assunto.

Carlos Eduardo de Souza Campos

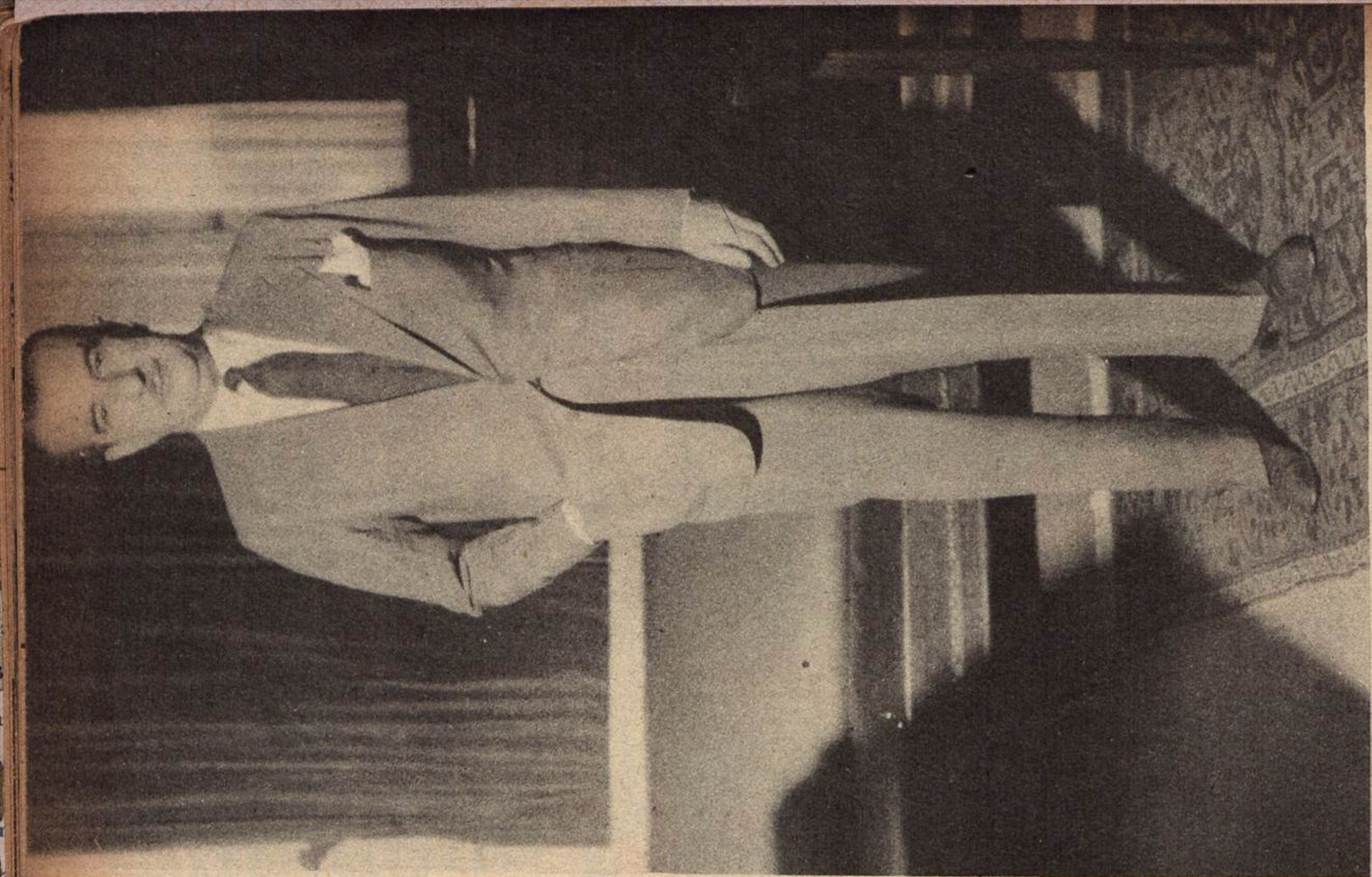
Um dos mais perfeitos representantes da espécie Natalie Kalmus (tecnicolor). É elegante 24 horas por dia. É também o inventor dos pijamas de cerimônia para noites especiais. Seu mundo tem fronteiras certas e limitadas, poucas vêzes ultrapassando o Vogue ou o Bife de Ouro. Mesmo quando vai à Europa. Usa sempre flôr na lapela. Prefere cravos e "bluettes" Para as viagens tem uma mala-canteiro que lhe permite ostentar flôres frescas dia e noite. É milionário, campeão de polo, e dizem que excelente bailarino. Tem mais de 50 ternos, 200 gravatas, e um armário cheio de sapatos. Bebe uísque, mas sempre com uma linha impecavel. Não joga. Nem fuma.

Aluízio de Salles

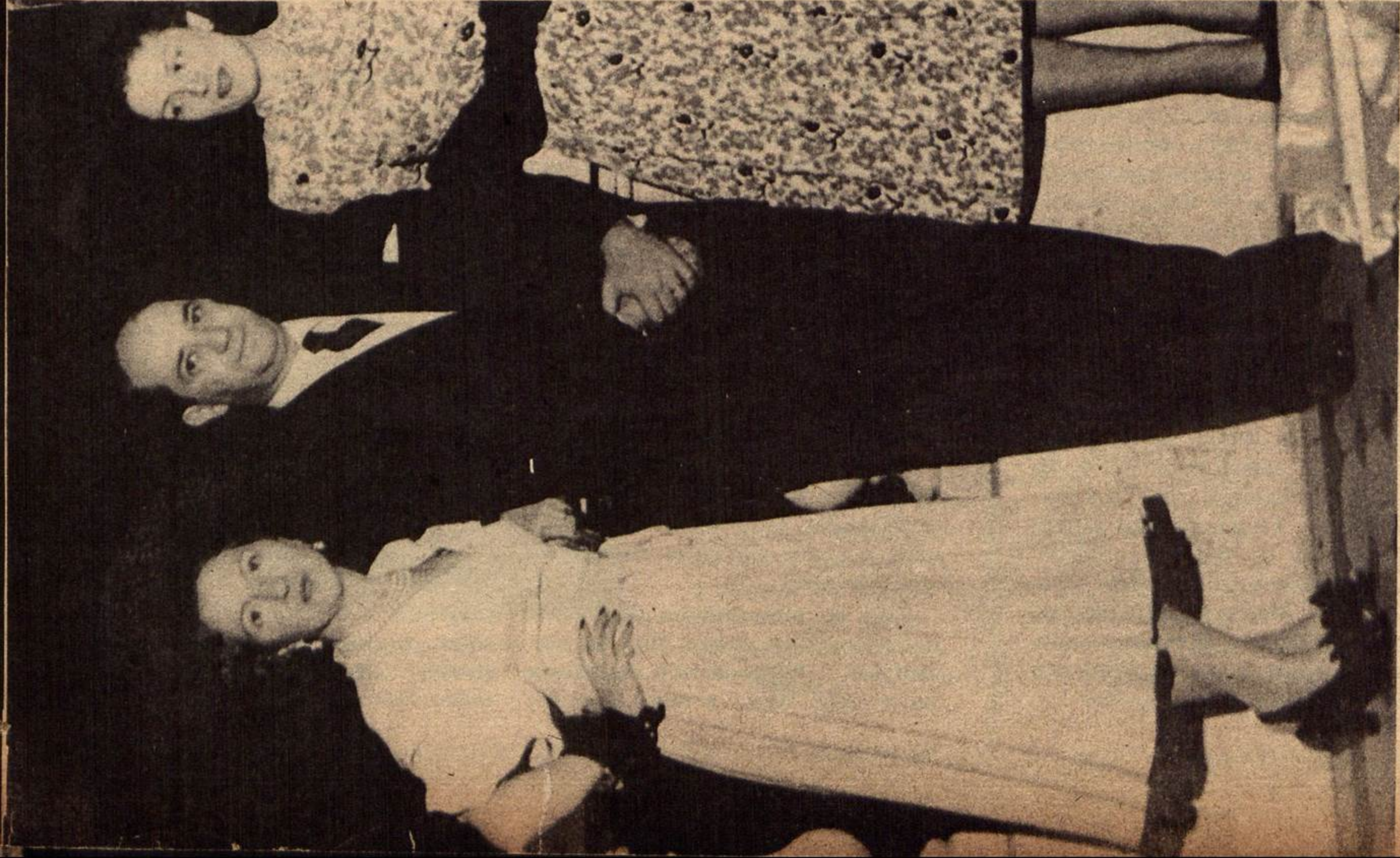
40 anos. Quando rapaz foi elegantíssimo, e ainda conserva tôda a classe. É considerado o "public relations man" n.º 1 do Brasil. Isso lhe rende por mês, de 60 a 70 mil cruzeiros. Foi secretário do saudoso Virgílio de Mello Franco e trabalhou — como advogado — com Francisco Campos. Assinou o famoso "manifesto mineiro". E não se arrepende disso. Bebe moderadamente, não joga buraco, mas joga bridge. É também o único sujeito que conhece "Ma-jhong", um jôgo chinês que os inglêses adoram. Torce pelo Fluminense, é presidente, ou Diretor de um sem número de companhias, e foi classificado por Ginger Rogers como o terceiro bailarino do mundo

Augusto De Gregório

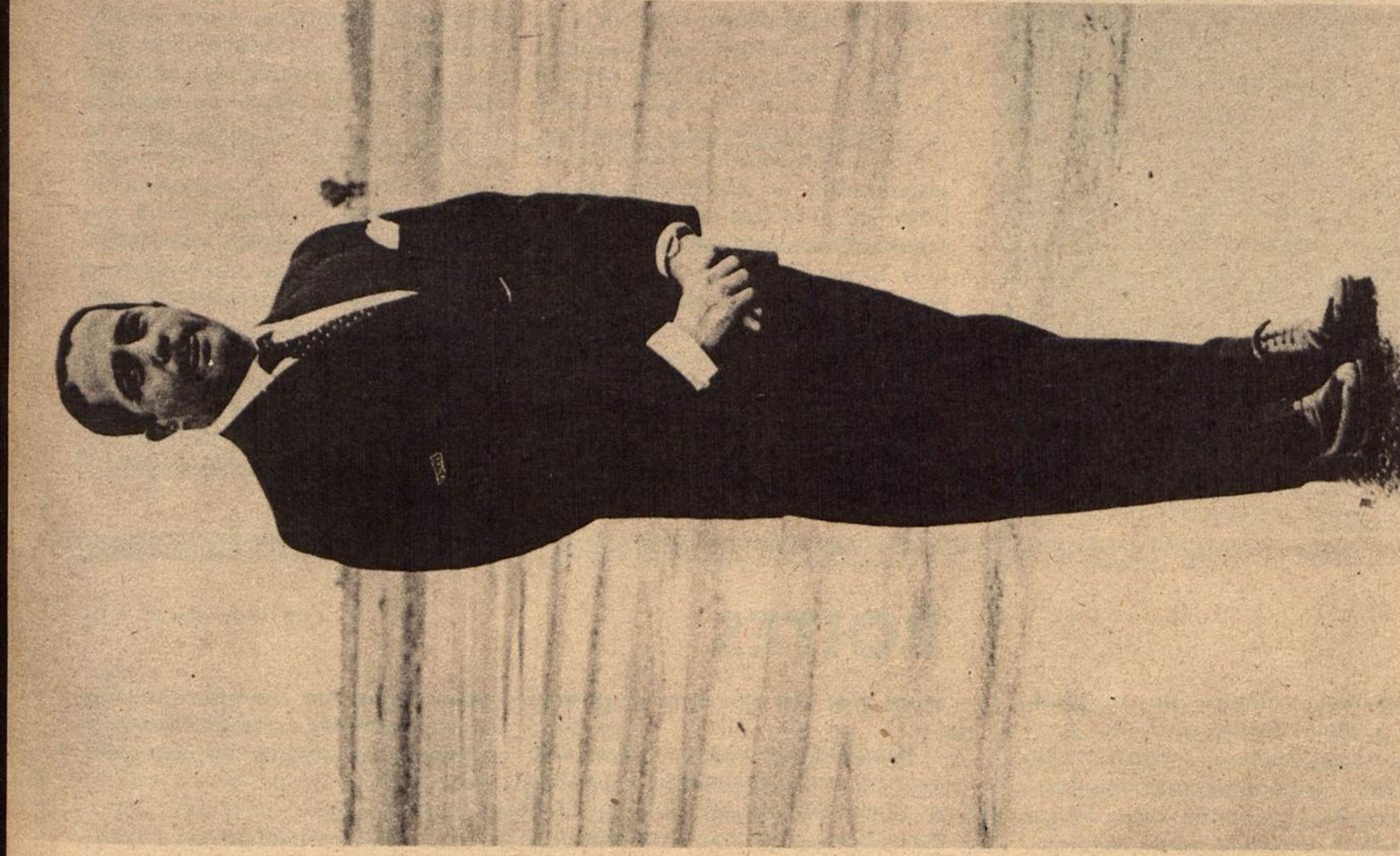
Elegantíssimo. Pertence à espécie sóbrio irrepreensível. Tem 42 anos, mas quando diz a idade, invariàvelmente escuta : "não parece". Homem dos seus 50 milhões de cruzeiros. É o braço direito do Presidente do Banco do Brasil, Ricardo Jaffet. Tem uma quantidade enorme de amigos e sempre aumenta a lista. Possue uma casa fabulosa na Ladeira do Ascurra, apelidada na intimidade de "La vie en Rose". É esportivo, gosta muito de cavalos, dirige o próprio automóvel, e não fuma, Jornalista, advogado, Diretor do Banco Pimentel, da Cantareira, da Rádio Mairinque Veiga, membro da Comissão de Desenvolvimento Industrial e do Conselho S. de Tarifas.

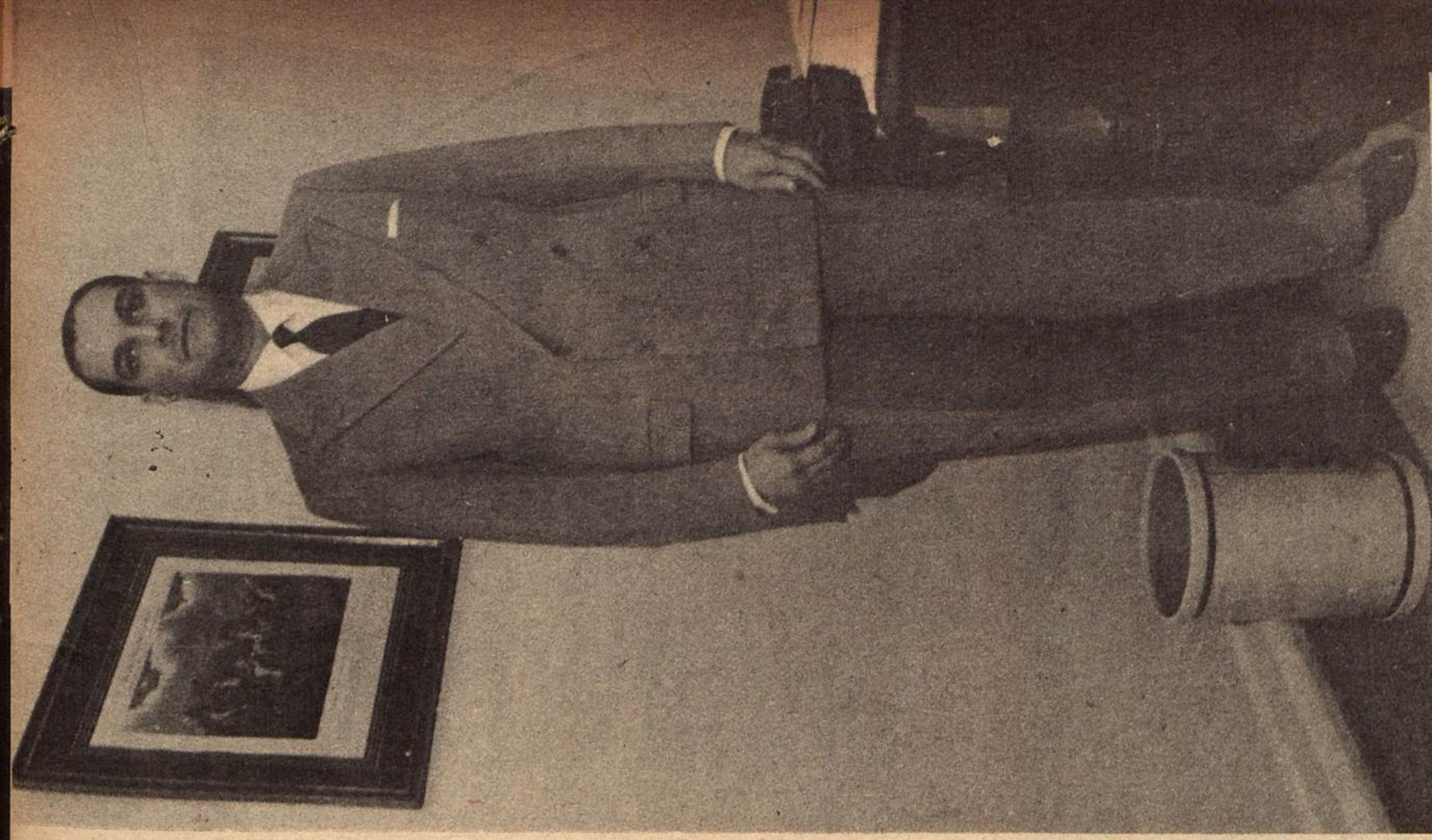
Orlando Leite Ribeiro

O Ministro Orlando Leite Ribeiro, pertence à espécie dos surpreendidos — e—inconformados—com—a—própria—elegância. Um pouco longo mas é a verdade. Depois de participar de uma porção de revoluções jamais sonhou em ser considerado elegante, embora vista-se bem e pertença ao Itamarati. Revolucionário de 22, 24 e 30. Amigo de Prestes e de Getúlio, segundo Joel Silveira, seu biógrafo oficial. Expulso do colégio por insubordinação, esteve várias vêzes na Europa, e respondeu até a Conselho de guerra. Foi comerciante, é Ministro, esteve prêso muitas vêzes, perdeu vários empregos, mas continua "tenente". Tem um arquivo fabuloso que muitos gostariam de destruir. Mas não ousam.

Walter Quadros

O Diretor da Revista "Sombra" é um elegante difícil de classificar. Pode pertencer à espécie **irrepreensível**, pode ser classificado como **tecnicolor**, ou mesmo como **displicente**. Mas de qualquer maneira é um sujeito de enorme bom gôsto. A festa que organizou para o Presidente Dutra, no Country, foi um negócio maravilhoso. É temido, respeitado e odiado. Bebe com excelente disposição, principalmente uísque. Tem um apartamento fabuloso, decorado com um gôsto admirável. Nos seus grandes dias muda de roupa várias vêzes. É um homem ocupadíssimo embora trabalhe pouco. Responsável sozinho pela publicidade mais bem lançada dos últimos tempos: a do algodão Bangu

Artur Bernardes Filho

Sua espécie é a indiferente atenta. Político desde os 17 anos. Ainda não tem 50 anos, mas já é Senador da República, eleito pela Zona da Mata. Citado por Rosalina Coelho Lisboa no seu extraordinário "Seára de Caim" É um grande apreciador de uísque, fuma com piteira, usa óculos de aros grossos e até 1945 foi assíduo frequentador do Copacabana, principalmente de um salão que tinha tôdas as mesas revestidas de verde. Come com bastante apetite, é simpático por vocação, mas às vêzes amarra a cara para parecer mau. Mas não consegue. Dorme muito pouco, e se tivesse tempo seria um excelente boêmio. Mas não tem. Fala com bastante desembaraço. Mesmo em público.

Horácio de Carvalho

O Dr. Horacinho é um elegante da espécie sóbrio diletante. Tem mais de 100 ternos, mas como não suporta exibição, faz sempre vários da mesma côr. 8 cinzas igualzinhos, 5 azuis, etc. No momento tem 12 smokings. Tem 43 anos, embora aparente menos. Já foi Secretário do Interior na Interventoria Amaral, e Deputado Estadual. Mas hoje a sua política é apenas a do "Diário Carioca". Em 1930 — depois da revolução — entrou para o Itamarati. Mas saiu logo. Alguns dos seus companheiros daquela época, são hoje ministros. É fazendeiro por vocação e jornalista por profissão e convicção. Não joga, — nem buraco —, não fuma, mas é um excelente bebedor de uísque.

Walter Moreira Salles

O Embaixador brasileiro nos Estados Unidos é elegante desde garotinho. Pode ser classificado como displicente preocupado. Tem 46 anos, 120 ternos rigorosamente contados e mais roupa branca que qualquer outro sujeito no mundo. Por um acordo misterioso com a Light, seu telefone muda de número tôdas as semanas. Os amigos íntimos são avisados. Mas ninguém sabe se êle muda mais rapidamente de telefone ou de amigos íntimos. Sua fortuna vem de família mas aumentou-a enormemente. No apagar das luzes do govêrno Dutra, só num negócio de importação (máquinas, tratores, etc.) ganhou 100 milhões de dólares. Tem uma casa maravilhosa, — projeto Redig de Campos — e gosta de receber.

Humberto Ramos

O Doutor Humberto Ramos, médico particular do Presidente Getúlio Vargas é de uma elegância extraordinária, podendo ser classificado também na espécie sobrio. Seu habitat — além do Catete por fôrça da profissão — é o Jouqei Clube — principalmente sede — e adjacências. É muito moço, simpaticíssimo e faz roupas constantemente. Mas não gosta de exibição. Gosta de um bom uísque, mas conhece imediatamente quando é falsificado. Fuma pouco, não joga, e sente-se bem viajando. Conhece a Europa tôda, mas prefere viver no Rio de Janeiro. É especialista em oto-rino-laringologia. É Diretor da sede do Joquei, e um dos diretores mais respeitados. Tem 37 ternos e mais de 100 sapatos.

ESPETÁCULOS

CINEMA

SALVYANO C. DE PAIVA

E PUR, SI MUOVE

À tout seigneur tout honneur. Assanharam-se alguns moços de senzala com o congresso de cinema e, das pequeninas campanhas de ponta de rua, caluniosas e vis — diante do sucesso incontestável, da fôrça e da unidade dos que realmente labutam bem ou mal pela indústria de cinema no Brasil — passaram aos xingamentos, às delações mentirosas, ao desespero amargo dos frustrados e vendidos... Uma velha coroca da sub-literatice cabocla, em sua coluna diária de conversa fiada num vespertino carioca pretendeu dar lições de gramática aos organizadores do congresso, mas estrepou-se espetacularmente por ser, em primeiro lugar um gramatiqueiro sem sorte e em segundo lugar um filosofastro e um cinéscio (beócio em cinema). Combate o cabra a denominação "Primeiro Congresso Nacional do Cinema Brasileiro". A frase não é nossa, nem pertencemos a qualquer comissão do conclave, mas nos permitimos esclarecer o aparente eufemismo. O congresso não é de "cinema", generalizadamente, mas, especìficamente de "cinema brasileiro". E a palavra "nacional" aparece porque já houve — e poderá haver — congressos estaduais (paulista, carioca), municipais, regionais. Sempre de "cinema brasileiro". Porque não se restringe o colunista a rabiscar os recibos dos seus senhores da Casa Grande?

Lamentável, porém, é que, comprometido com gente grossa e autárquica, um dos críticos cariocas de maior responsabilidade, e meu particular amigo, investe contra o Congresso num artigo sem o equilíbrio costumeiro. Defende o capital estrangeiro, elimina a possibilidade de possuirmos bons estúdios e laboratórios no Brasil, considera que os gringos são os únicos capazes de escrever e cenarizar para o cinema, acha que os filmes brasileiros devem ser falados em inglês ou russo. Fingindo ignorar que o cinema é uma indústria especial e, nestas condições, desobrigada de cumprir capítulos de nossa legislação trabalhista, acredita que pedir a aplicação da lei de dois terços é chover no molhado... Para coroar, o meu preclaro colega e amigo defende a evasão de divisas. Não é possível! Vôooote! Com gente tão cabeçuda a única solução é dançar um tango argentino.

TEATRO

BRUTUS D. G. PEDREIRA

O TEATRO E O ESTADO

12) — Os períodos em que as companhias atuarem no exterior serão computados como parte integrante do triênio teatral normal, na Itália. Em substituição do reembôlso dos prêmios adiante indicados, o Centro outorgará à companhia, dentro de quinze dias contados daquele em que retornar ao país, uma indenização equivalente à importância da fôlha de vencimentos normal, sem majoração, do dia da partida ao de retôrno, inclusive. Em caso algum, a companhia poderá receber indenização de importância superior à da folha de vencimentos de três meses, embora a duração de cada período de representações no exterior exceda dêsse limite de tempo, nem tampouco poderá obter o benefício da indenização por espetáculos no exterior mais de três vêzes no triênio. Nenhuma indenização será concedida à companhia que, no exterior, não representar, em maioria, repertório italiano, em língua italiana ou em dialeto. Essa maioria será considerada na base das representações efetivamente realizadas, e não em função do número de peças de teatro italiano de prosa representadas. 13) — Para sua instalação e desenvolvimento de suas atividades iniciais, será assinado para a Industrialização do Teatro Italiano de Prosa um fundo de 250.000.000 de liras, inscrito no orçamento do Ministério do Tesouro (Presidência do Conselho). 14) — Centro instituirá várias formas de prêmios, não excluídas aquelas em dinheiro. Os prêmios serão conferidos quer aos conjuntos, quer aos simples contratados que se hajam distinguido, particularmente, durante o ano teatral. O mérito dos conjuntos será indicado, exclusivamente, pela maior afluência de público; o dos simples contratados, pelo evidente êxito pessoal. É taxativamente excluída qualquer outra forma de reconhecimento de mérito, tanto para os conjuntos quanto para os atores contratados. 15) — A passagem do pessoal duma companhia para outra, a troca de material e utensílios cênicos, a utilização do repertório serão regulados pelo Centro, sem autorização do qual não poderá ser feita modificação alguma de pessoal, material ou repertório. (No próximo número, daremos os quatro últimos artigos da lei e os comentários, pró e contra).

RÁDIO

LUIZ SODRÉ

A VOZ QUE DOMINA

Luto completo: a voz de Francisco Alves emudeceu. E, mais do que nunca, ouvimos agora a sua voz. Tôdas as emissoras giram em seus pratos, num retrospectivo póstumo, uma homenagem sincera ao que foi o maior sucesso sonoro do rádio brasileiro. A homenagem continuara ainda por muito tempo. Morreu o homem, mas sua voz está bem viva. Êste é um dos méritos do sem fio. Mas há o outro lado. O lado triste do rádio. O lado em que humoristas sem sal e com muita pimenta, invadem os lares decentes com sua irresponsabilidade pornográfica através dos receptores desprevenidos. Paradoxo. Quase que irremediável. Porque a rotina é uma coisa difícil de ser vencida. Mas não impossível. E música, muita música popular na Eldorado. Em programas bem feitos, gravações bem selecionadas. Um pouco de tudo e para todos. Sob o lema inviolável: "o mínimo de palavras e o máximo de prazer para os ouvintes". Mas há a "Pausa para Meditação", imponente, quase absoluta dentro do seu horário crepuscular. Arrastando milhares de ouvintes com a alma doente, que não procuram um médico — porque não podem —, para solucionar seus problemas. Mas procuram a voz amiga do Júlio Louzada — nunca uma autoridade — mas um prestígio absoluto para as mentalidades mal formadas dessa massa de ouvintes incompreensìvelmente crédula. Ao ponto de confiar seus conflitos íntimos à uma multidão de desconhecidos. Mas há música erudita na Rádio Ministério da Educação e na Rádio Jornal do Brasil. E há também o prestigiado "Honra ao Mérito" da Nacional, descobrindo casos e homens, principalmente homens — para torná-los públicos por merecimento. Há também o Antônio Maria e o Haroldo Barbosa fazendo humorismo limpo, sadio, inteligente. Sem esquecer o dono do Edifício que balança, mas não cái: Max Nunes. Cujas pilhérias saltam pelas janelas do edifício e alcançam ràpidamente a rua para atingir o povo. Mas tudo isso será reencontrado depois. Porque, no momento, é ainda a voz de Francisco Alves que domina os corações.

BOITES

SERGIO ROBERTO

ROTEIRO IGNOTO

Ribeirão das Lages volta ao cartaz, há crise de energia e o Rio escurece justamente quando mais forte deviam brilhar suas luzes. A primavera invade tudo, há risos, flôres e mocidade. Mas não há claridade. Apagam-se os "neons" coloridos que enfeitam as ruas, a cidade fica feia e apavorante, como se houvesse guerra perto de nós, como se a Light tivesse feito um corte em nós mesmos.

Energia que falta, luz que está faltando, e as noites mais tristes que nunca, sem o convite luminoso do anúncio das "boites" e dos bares. Mas hoje parece que tudo está pior. A noite vem vindo sem importância, um silêncio danado invade tudo que é canto. Noite de segunda feira, "boites" fechadas (quase tôdas), tudo vazio e triste.

Ninguém sabe, nem saberá jamais por que há tanta tristeza na segunda feira.

Fugi de mim mesmo dentro da noite, fugi dos outros, fugi até dos assuntos. E fui rodando dentro da noite, sem rumo e sem objetivo, procurando um roteiro que ninguém conhece, principalmente os boemios: o roteiro da tranquilidade.

•

No Monte Carlo, Silveira Sampaio, Teófilo Vasconcelos e Grande Otelo num Show extraordinário que se chama "Terceiro Homem". No Casablanca, Fernando Lobo trabalha ativamente para apresentar Colé no seu anunciado "o palhaço o que é", ainda de parceria com Paulinho Soledade. O Casablanca é no momento a casa mais concorrida do Rio de Janeiro. Lobo e Soledade sabem que não podem parar. Principalmente quando o Carlos Machado anuncia que vem para o asfalto, fazer "show" em plena Copacabana. Machado anuncia pretende arrendar o Vogue, e ficar ao mesmo tempo com as duas casas em pleno funcionamento.

Mas por enquanto tudo é plano. A noite vai girando, os boatos vão surgindo, e a própria noite se recolhe, fugindo de um sol avermelhado e intrometido que surge do outro lado da Baía.

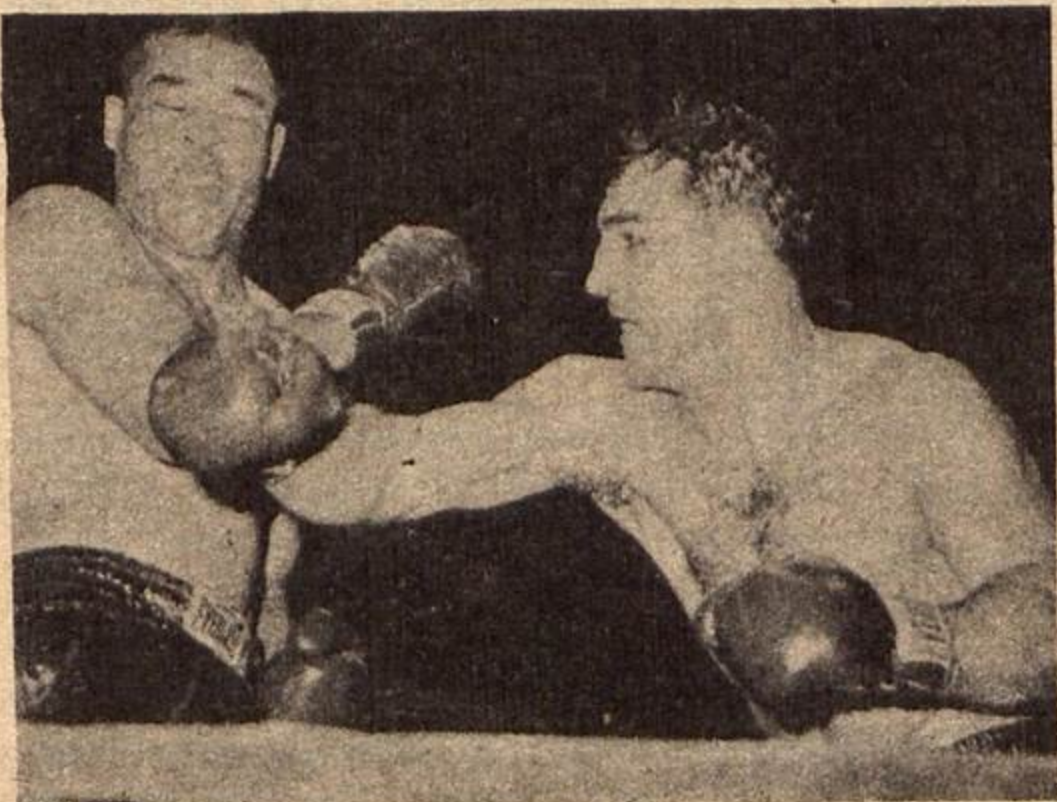
NOVO REI DO MURRO

ROCKY MARCIANO SOBE AO TRONO

O 1.º branco, depois de 16 anos de reinado negro de Louis e Walcot.

Filho de sapateiro — Já passou fome e nunca pensou em ser campeão de box — Nos 3 últimos anos ganhou 50 mil dólares — Só em 1952 comprou o seu primeiro carro — Folha corrida: 47 lutas e 45 vitórias — Primeiro branco a conquistar o título de campeão de box nos últimos 16 anos.

NOS dias do outono passado, depois que Rocky Marciano provou que Joe Louis era um homem cansado, o pessoal de Brockton, Massachusetts, ficou a imaginar o que levara o seu herói a trocá-los pela vida alegre de New York. Normalmente, após cada vitória, Marciano corria para casa a cumprimentar os seus vizinhos.

Desta vez, no cume do seu mais importante sucesso, o invencível pêso pesado aparentemente havia-os esquecido. Um zeloso vizinho, com o objetivo de descobrir a verdade, foi até à Broadway ver o que havia com o herói ausente. Êle voltou pra casa com uma explicação. Al Weill, um pequeno empresário de lutadores e atual árbitro de competições do "International Boxing Club", havia impedido Marciano de voltar a Brockton.

Rocky derrotou Louis no oitavo assalto Levou-o ao tablado com violento esquerdo.

"Êste sujeito não pode ir pra casa quando está havendo uma grande eleição em Brockton. Êle não tem partido e nem vai tomar nenhum".

Weill hàbilmente escondeu o campeão de pêso pesado de 27 anos numa pista de treino na cidadezinha de Bay State, arredores de New York. Marciano poderia ter sido eleito prefeito sem necessidade de qualquer campanha. No momento em que êle derrubou Louis na noite de 26 de outubro de 1951, no Madison Square Garden, as ruas de Brockton ficaram repletas de entusiastas. O conterrâneo Rocky havia provado ser não só o melhor pêso pesado a sair de Bay State desde Jack Sharkey, mas ainda o mais eficiente esmurrador desde que o próprio Louis pusera atrás de si os cortiços de Detroit dezesseis anos atrás.

Em seu 38.º encontro sem derrota, Marciano marcou o seu 33.º nocaute. Êle liderou a luta com Louis vantajosamente a partir do 5.º tempo. Mostrou-se um pugilista de poucos artifícios, mas forte e decidido esmurrador, com a direita ou com a esquerda, avançando ou recuando. E mostrou que poderia ganhar de qualquer antagonista. Quando derrubou Louis com tanta fôrça que o levou aos 8 pontos contados pelo árbitro, com uma esquerda no queixo, fê-lo com a ambição da conquista. Provàvelmente pensando no título que conquistou.

Depois, momentos após o triunfo, com o sucesso escrito no próprio rosto, Marciano era manifestamente um jovem sem malícia. "Não posso deixar de sentir a sorte de Joe", explicou. "Êle foi um grande boxeador e eu, que o derrubei, lamento muito".

É facílimo para um campeão, dizer as coisas certas na hora do sucesso, mas Marciano é sincero quando o diz. Horas depois de vencer Louis, Marciano foi a uma festa de comemoração em Hampshire House no Parque Central. Ninguém estava elegante, mas todos decentemente trajados como acontece nestas festas de pugilistas. Marciano apareceu exatamente como gosta de se vestir normalmente: calças antigas, sapatos usados, uma camisa batida e uma sueter branca. Êle sente-se à vontade assim.

No dia seguinte, quando apareceu nos escritórios da IBC em Madison Square Garden, Marciano estava vestido num terno tropical branco. Não estava embaraçado pelo óbvio anacronismo do costume de verão em pleno outono. Nem tampouco piscou quando um jornalista esportivo desconhecido perguntou-lhe porque não usava uma gravata para combinar com sua camisa esporte marron.

"Nunca uso gravatas. Detesto-as. Acho que sou como Ted Williams"

Joe Louis tinha sido avisado de que a direita de Marciano era dinamite puro. Um direto da esquerda, primeiro, tonteou o ex-campeão. Um ataque duplo, a seguir liquidou-o. Todavia, no início quando Marciano apareceu como desafiante, as apostas eram de 6 x 2 contra êle. Fora de Brockton, naturalmente.

Marciano começou a boxear formalmente no Exército, em Forte Lewis, Estado de Washington, em 1945, depois de uma expedição militar à Europa com o 150.º Corpo de Engenharia. Em 1948, depois de sua dispensa do Exército, veio para casa, em Brockton. Um amigo chamado Al Colombo, que vivia em Brook Street, no mesmo quarteirão insistiu para que êle continuasse a lutar.

Colombo é um moço corado de pêso médio e linhas duras. A princípio foi gozado por Marciano. Mas persistiu na campanha tentando interessar Marciano no box como um negócio sério. Finalmente, sob a insistência de Colombo, Marciano entrou para o campeonato das Luvas de Ouro na Nova Inglaterra. Obteve sucesso suficiente para aparecer nas finais do Leste em New York, mas não teve sorte quando lutou com Coley Wallace, um amador experimentado, do Harlem, que foi, naquela época, considerado como um candidato potencial ao profissionalismo. Wallace derrubou Marciano.

Rex Layne também capitulou no sexto assalto ante os punhos de aço do ídolo de Brockton.

O box na Nova Inglaterra sempre teve duas fases : amadores lutam com profissionais normalmente. Em 1948 Marciano, ainda na categoria de amador, lutou numa competição profissional. Colombo lembra-se da noite muito bem. Recorda como Rocky, cujo verdadeiro nome é Rocco Francis Marchegiano, ficou atrapalhado quando o árbitro perguntou-lhe o nome e não pôde fàcilmente pronunciar "Marchegiano". Por isso êle passou a se chamar Rocky Mack. Seu adversário, um rapaz de possibilidades, era consideràvelmente mais experimentado, mas Marciano conseguiu chegar ao fim dos quatro rounds. Além disso, ganhou a peleja. Haviam-lhe prometido $50 pela luta. Êle a vendeu antecipadamente por 20 dólares.

Pouco tempo depois, Colombo escreveu uma carta a Weill, explicando que Marciano desejava ir a New York. Êle não escrevera a Weill por acaso. A sugestão partira de um antigo empresário, que era conhecido na intimidade como Carlito Goldman. Ex-lutador com considerável habilidade no quadrilátero, Goldman treinou Weill como empresário de lutadores.

Weill é um homem cauteloso. Tem fama de ser pão duro: cada dólar emprega num novo negócio. Interessou-se em Marciano, sim, mas estaria Marciano apto a pagar por sua estada em New York?

Marciano concordou. É verdade que dinheiro não havia. Na realidade, não dispunha de um centavo. Tomou um caminhão de vegetais que o levou, gratuìtamente, no mercado de New York e foi hospedar-se na Associação Cristã de Moços.

A primeira vez que Goldman viu Marciano no ringue ficou impressionado com o jeito do rapaz. Não tinha "jeito" nenhum. Marciano não sabia nem esmurrar. E quando o fazia, não sabia como terminar. Perdia socos no ar. Não passava de um amador. Mas possuía uma coisa: determinação.

A princípio Weill relutou em tomar um novo aspirante em sua quadra. Custa dinheiro fazer um lutador. Êle disse a Marciano que podia entrar para o "clube", mas que teria de pagar suas despesas. O rapaz concordou. A 12 de julho de 1947, em Providence, Rhode Island, Marciano lutou pela primeira vez profissionalmente. Claro que venceu e daí por diante obteve a maioria de suas lutas realizadas naquela cidade. Os empresários novaiorquinos — como sempre — olharam com suspeitas essas vitórias de Marciano. Acusaram-no de lutar em pelejas prèviamente "arranjadas" entre o seu empresário e Manny Almeida, promotor das lutas em Providence. Recusaram-se a dar crédito ao novo pêso pesado.

Aí, no meio da ascensão de Marciano, um processo legal veio complicar as coisas. Um mecânico de automóveis de Brockton, Gene Caggiano, alegou que possuía um contrato de 5 anos pelo qual Marciano se comprometia a tê-lo como empresário se algum dia se tornasse profissional, contrato assinado em 1948.

Os empresários de New York exultaram com a possível derrocada de Weill. Êste, pressionado pela Comissão Atlética de New York, cujo regulamento proíbe que um árbitro seja empresário de lutadores, havia passado o contrato para seu filho, Marty, antigo agente que trocara o negócio para se tornar vendedor em Ohio. Aparentemente os Weills estavam perto de perder Marciano. Foram ameaçados de pagar 29.642 dólares de indenização.

A única vez em que Rocky temeu não ganhar : quando lutou com Roland La Starza, em 1950.

Almoço no leito.. E servido pela linda espôsa, Barbara May, no dia da vitória sôbre Louis.

Enquanto o processo corria, Marciano continuava a lutar na Nova Inglaterra. Weill apelou para a Côrte Suprema. O júri foi favorável a Marciano em 2 de julho de 1951. Êle podia ter Marty ou Al Weill como empresário sem ter de pagar indenizações a Caggiano.

Desde então Marciano caminhou um bocado. Ganhava com grande convicção. Mas só veio a lutar numa preliminar em New York depois que lutou a 24.ª vez lá. Os empresários novaiorquinos acusaram Weill de só escolher adversários fracos para o seu pupilo. Êle foi cuidadosamente observado quando pisou o ringue do Madison Square Garden. Foi em dezembro de 1949. Dia 30. O adversário foi Carmine Vingo, um jovem lutador que possuía talento e fôrça nos punhos, e que já ganhara algumas pelejas nos clubes da vizinhança, embora não tivesse ainda fama de grande esmurrador. No 5.º round Marciano aprendeu que Bingo podia esmurrar forte. Um direto de esquerda derrubou-o — e mais tarde êle confessaria que o rapaz socava mais forte do que Joe Louis... — Marciano recobrou os sentidos ràpidamente, e surpreendentemente parecia ter aço nos punhos, arrasando Vingo em poucos minutos. O golpe de misericórdia foi um direito louco que deixou seu adversário inconsciente. Vingo ficou em tal estado que teve de ser operado no próprio vestiário. O Dr. Vincent Nardiello, médico oficial do estádio, achou muito crítica a situação e não esperou pela ambulância.

Marciano continuou treinando. E rezando por seu colega. Mas, afinal, Vingo conseguiu sobreviver.

A vitória de Marciano foi importante, mas êle provou que na vitória era ainda muito cru. Goldman fê-lo treinar diàriamente. Marciano progrediu. Três meses depois da quase fatal luta com Vingo, Marciano voltou ao estádio. Seu oponente foi Roland La Starza, um

jovem ex-colegial de New York, que cumprira 37 lutas sem derrota alguma. Era muito rápido. Marciano parecia muito lento para êle.

Êste foi o teste decisivo para Marciano — e para Goldman. Foi duro, tim-tim, por tim-tim por tim-tim, a despeito de um **knockdown** de oito pontos que Marciano sofreu no 4.º round Marciano ficou penalizado de perder um round por causa desta queda. Todavia, no final da peleja Marciano ganhou por pontos. O juiz, Jack Watson agiu com lisura.

Jimmy De Angelo agente de La Starza ficou espantado com a vitória do adversário. E acusou o juiz de roubar, chamou-o de ladrão, disso e daquilo. E exigiu uma revanche. Mas Weill declarou que o seu pupilo tinha de caminhar para a frente e não para trás. Portanto, não concedia a revanche. Em vez disso, manejou no sentido de conseguir que Marciano lutasse com Louis, que êle considerava pronto para decidir dos destinos do seu contratado. A princípio, Louis não acreditando na importância de Marciano, recusou o convite. Mas Weill usou de todos os meios possíveis para convencer o pessoal da necessidade da luta. Apelou até para Jim Norris, presidente da IBC. Foi para a imprensa e alegou

Marciano só começou a lutar profissionalmente em 1948. Ganhou 38 preliminares seguidas.

que Joe estava com mêdo de Marciano. Clamou que Louis não passava de um poltrão. Percebera que Louis não queria dar oportunidade a Marciano. Porisso, quando Rex Layne, um pêso pesado de Lewiston, Utah, tornou-se capaz de servir como adversário, concordou com o "match". Afinal de contas Layne havia derrotado Jersey Joe Walcott em sua estréia no Garden. E vencera Cesar Brion. E nocautizara Bob Satterfield... Marciano foi para a luta disposto a bater. Primeiro cansou Layne bastante, pulando daqui e dali. Quando sentiu-se seguro, recebendo o sinal de Goldman para abrir a grande batalha, abriu mesmo. No sexto tempo Marciano esticou um direto à cabeça de Layne. Êste, cansadíssimo esparramou-se. Estava terminado.

•

Era inevitável que Louis devia ser pressionado para lutar com Marciano. Afinal de contas, o rapaz de Brockton era agora um astro.

Marciano recebeu cêrca de 8.000 dólares pela luta com Layne. Fôra a sua maior bolsa. Êle cavara o ouro, de fato, e cavou mais direitinho quando derrbou Louis no dia 26 de outubro de 51. E dessa luta, o lutador de Nova Inglaterra, um rapaz que nascera pobre, saiu com um cheque de 49.605 dólares. Uma multidão de 17.241 pessoas pagara 152.845 dólares mas a renda fôra mais considerável pelo pagamento dos direitos de rádio e televisão que ascenderam a 185.000.

Antes do combate, Marciano prometera aparecer em vários programas de rádio à meia noite, ganhasse ou perdesse. Mostrava um ôlho machucado e um lábio policrômico e engrossado. Mas apareceu. Com um sorriso. Consigo estava sua noiva há ano e meio, a encantadora garôta Bárbara Cousens, de Brockton. Mais tarde foi a uma festa de comemoração no Hampshire Hall.

É possível que enquanto subisse no elevador no luxuoso hotel do Parque Central em que mora, Marciano recordasse a sua vida passada. O pai, Perrimo Marchegiano, incapacitado pela primeira guerra mundial, fôra operário em Brockton. Lena, sua mãe, uma senhora de grande sentimento, recorda os velhos dias com lágrimas nos olhos. Rockey foi um garôto que começou a lutar pela vida muito cedo. E aprendeu a defender-se nas ruas e nos becos de Brockton. Aprendeu a boxear com um tio chamado John Piccento. Marciano recorda o tio, diàriamente exercitando-o, animando-o e particularmente esmurrando-o de modo esportivo. Foi êle quem convenceu Rocky de que devia usar a esquerda tão bem quanto a direita.

Com o tempo Rocky aprendeu a jogar futebol (rugby) tanto com a esquerda como com a direita, também, o que lhe deu boa experiência. Desde o princípio Rocky foi um atleta completo. Jogou beisebol na posição de aparador no quadro de Juniors da Legião Americana. Jogou futebol no time de Brockton High na qualidade de aspirante embora pesasse 75 quilos. E em futebol apareceu tanto como centro-avante como na defesa. Mais tarde fez ligeira carreira no quadro de beisebol de Fayetteville, North Carolina; durou três semanas. Marciano machucou o braço durante uma partida e abandonou o beisebol. Finalmente deixou a escola porque o tio John lhe disse: "Rocco, deixe a escola e arranje um emprêgo. A família precisa de dinheiro".

Marciano andou de um lado para outro, aceitando qualquer trabalho, naqueles dias de crise da década de 30. Trabalhou em caminhões transportando cerveja, lavou pratos em freges ordinários, foi gari de gêlo e até jardineiro. Mas não gostava de serviços internos: sempre apreciou o ar livre.

Em 1943 foi convocado e colocado na arma de Engenharia. Pouco tempo depois foi para a Europa. Um dia, no país de Gales, viu-se envolvido numa briga com um soldado. Marciano mandou um sôco e o rapaz, um australiano, dormiu imediatamente.

Isto e outras coizinhas semelhantes garantiram a Rocky a reputação de boxeador e quando veio para Forte Lewis, em 1945, tornou-se membro do quadro de boxe. Aí retornou ao lar e foi "descoberto" por Al Colombo. O resto da história já sabemos.

Na verdade Marciano aceitou lutar porque haviam cinco crianças na vizinhança que necessitavam alimentos e abrigo. Hoje é o mais forte pêso pesado dos últimos 25 anos. Êle tem pouca guarda, no quadrilátero, mas é sòlidamente construido. Pesa 93 quilos e mede mais de 1,90 m. É capaz de levar um sôco no corpo com a calma de um camarada que toma sol e brizinha num domingo à tarde...

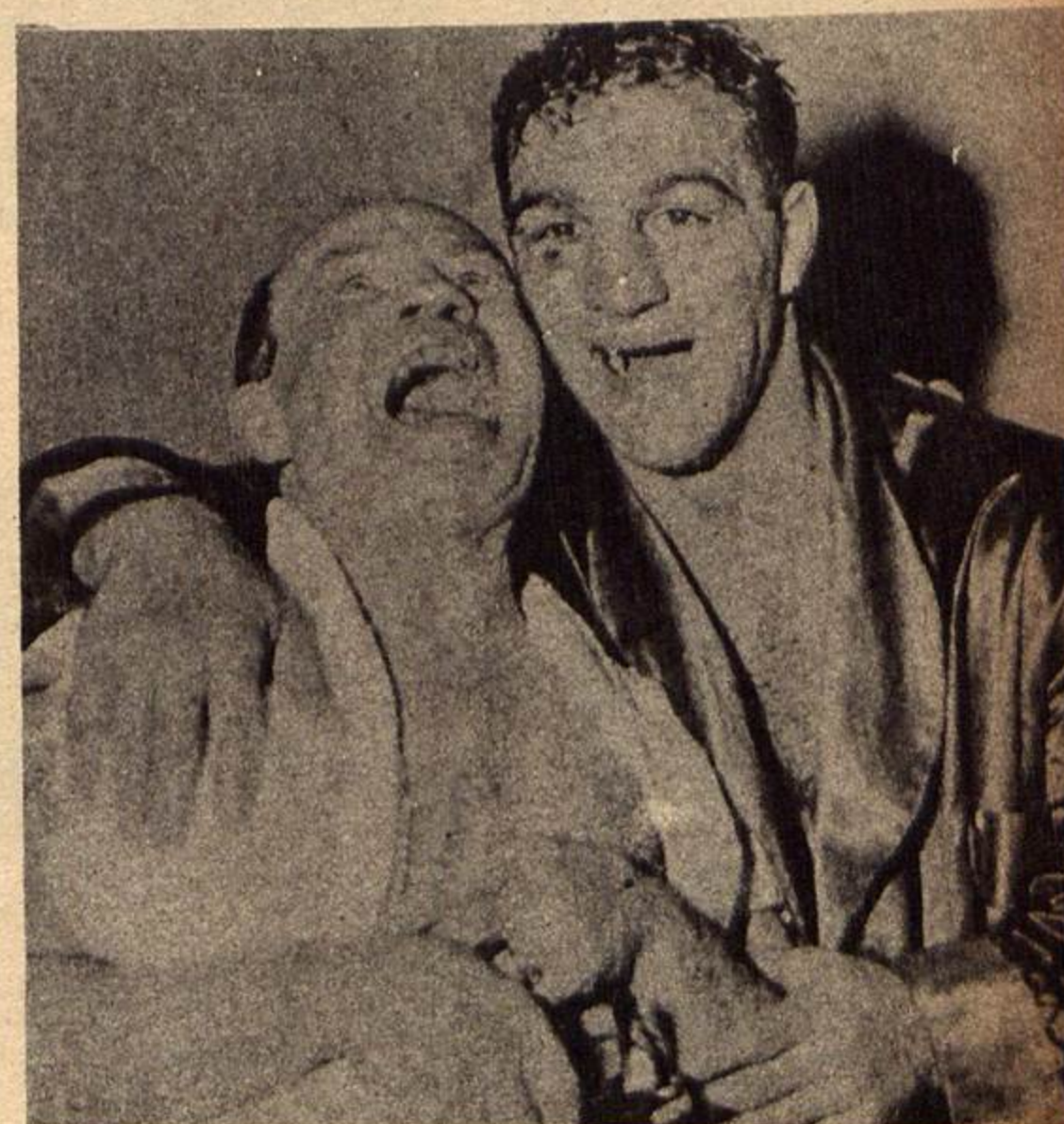
Isto é que o levou a ganhar, há duas semanas atrás, o campeonato mundial, derrubando Jersey Joe Walcott em boas condições.

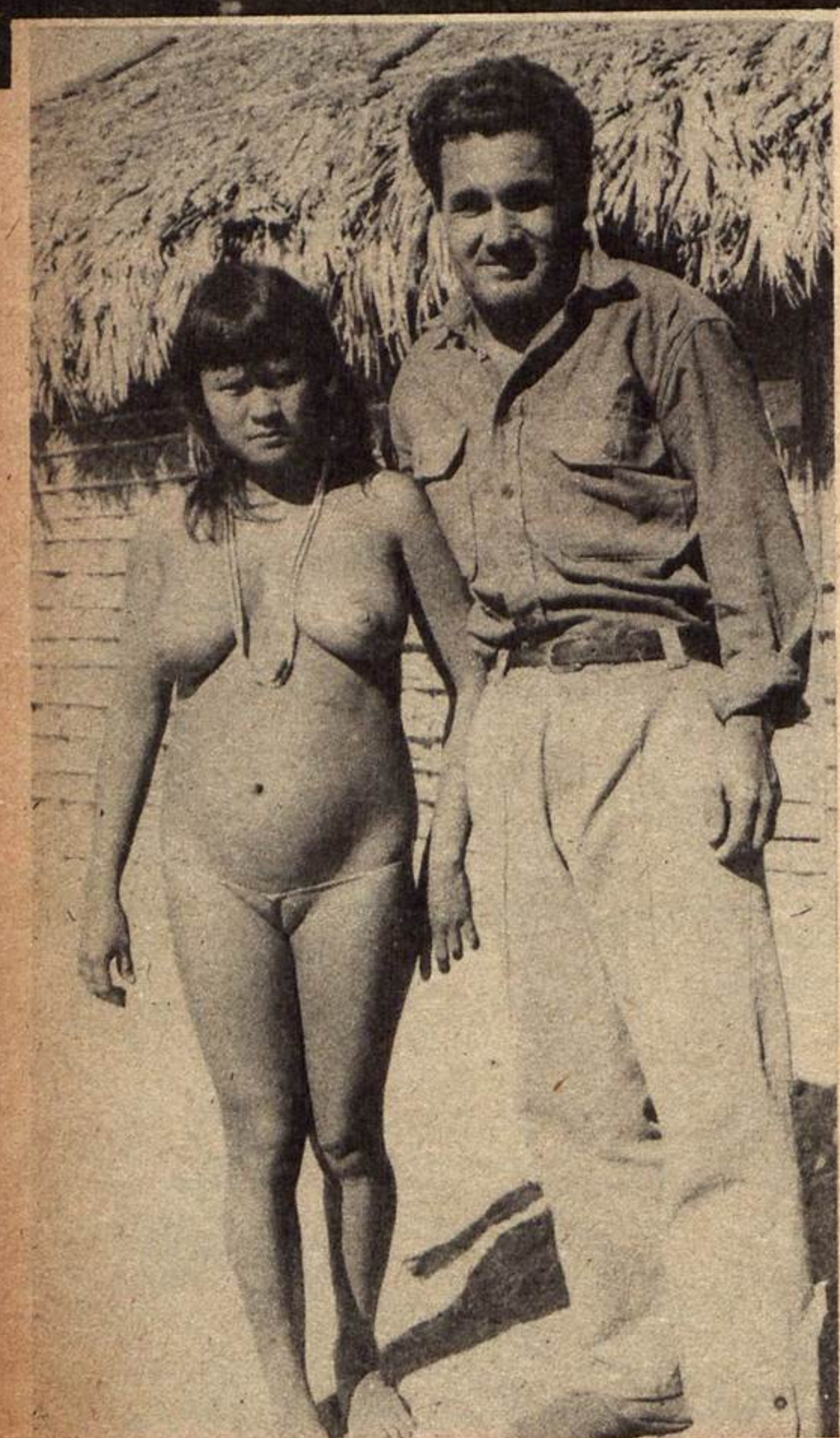
•

Rocky Marciano conheceu dias amargos e difíceis. Chegou mesmo a passar fome. E embora tenha ganho mais de 50 mil dólares em 3 anos, não acredita que a sua situação econômica esteja resolvida. Só agora — há pouco mais de 2 meses — comprou seu primeiro carro. E até 1951 nem mesmo sabia dirigir.

Seu padrão de vida continua sendo o mesmo, nestes últimos 3 anos E êle declara com a maior simplicidade, que não mudará, embora seja o campeão mundial.

Quando pisou o ringue para derrotar Walcott e conquistar o título possuia apenas 5 ternos. E 2 pares de sapatos. Sua extremosa mãe festeja-lhe as vitórias com extraordinárias macarronadas. Mas jamais o viu lutar. Nem mesmo pela televisão.

Quando Rocky luta, ela desaparece da presença de todos, fecha-se num quarto para rezar.

O treinador Charlie Goldman é, depois de Colombo, o maior amigo do novo campeão.

O caso do gaúcho Ayres Câmara Cunha, sertanista do Brasil Central, que está perdidamente apaixonado por uma jovem índia Kalapalo — Ela é doce e humilde, mas o S. P. I. parece que não vai concordar com o casamento.

Ayres Câmara Cunha tem 36 anos de idade e Diacui completou agora as 18 primaveras. Há quatro anos se amam apaixonadamente e querem se casar como cristãos.

O ROMANCE DO BRANCO AYRES COM A ÍNDIA DIACUI

Quero casar e não posso

Reportagem de DARWIN BRANDÃO

O gaúcho Ayres Câmara Cunha está sèriamente apaixonado pela índia Diacui, da tribu dos Kalapalos. É na verdade uma paixão duradoura e meditada, porque Ayres é um homem que já começa a ter os cabelos prateados e um sertanista que já conheceu muitos amores. Nenhum, contudo, como êste que Diacui agora lhe inspira. Acontece que o branco quer mesmo desposar a índia, mas desposá-la legítima e legalmente, com casamento civil e religioso. Sendo funcionário da Fundação Brasil Central, trabalhando paralelamente para o Serviço de Proteção aos Índios, precisa licença dessas duas repartições para realizar as bodas. Os jornais deram a notícia, mas não explicaram o drama que se desenrola agora nos bastidores. O S. P. I., na opinião do etnólogo Eduardo Galvão, vai negar a licença pedida por Ayres. Acha o Serviço que, permitindo o casamento do gaúcho com a índia kalapalo, estará abrindo um grave precedente na disciplina de seus serviços, porque todos os funcionários dos postos — na maioria não muito bem selecionados — vão querer tomar o mesmo caminho. Os casamentos mal sucedidos trariam talvez para o Serviço, desastrosas consequências, uma vez que criariam

choques sérios entre os indígenas e os brancos. Assim, até segunda ordem, a palavra do S. P. I. é negar a licença de casamento do gaúcho Ayres Câmara com a índia Diacui.

Uma história de àmor

O romance de Ayres e Diacui não é diferente de todos os romances, até agora. Nele não há lutas, nem crimes, nem sucídios. Nada. Apenas um homem e uma mulher que se sentem apaixonados. Ela, uma selvagem, êle, um civilizado. Ayres é um velho sertanista. Nascido em Uruguaina, RGS, largou as lides do campo e a vida agitada de fronteira, para conhecer o sertão brasileiro, em 1936. Primeiro no Araguia, durante três anos. Depois, quando a famosa Expedição Roncador-Xingu se organizou, Ayres estava metido nela. E há nove anos está no alto Xingu, vivendo a vida dos índios, comendo a comida deles, assimilando seus costumes, falando sua língua. Há quatro anos, quando entrou, pela primeira vez, na aldeia dos índios Kalapalos, viu no meio das moças e meninas que assistiam ao desembarque, uma índia que lhe chamou a atenção. Foi uma paixão à primeira vista, fulminante. Diacui tinha então 14 anos. O romance surgiu então, correspondido pela índia com a mesma intensidade. Ela é filha de um ex-cacique e foi criada pelos imãos desde pequena, quando lhe morreram pai e mãe. Ayres logo partiu. Esperou que o tempo e a distância fizessem morrer aquêle amor imenso. Mas Diacui não lhe saiu jamais do pensamento. Tanto que voltou aos Kalapalos. E Diacui esperou por êle, apaixonada e sua. Já estava então com 18 anos. O amor reviveu mais forte ainda. Fazem oito meses que Ayres voltou à aldeia Kalapalo, como encarregado de um Pôsto da Fundação Brasil Central, localizado bem ao lado da taba, à margem esquerda do rio Koluene. E agora está no Rio, lutando para conseguir a autorização de casamento, já que por uma legislação especial cabe ao S. P. I. autorizar o casamento de índias com brancos.

Uma companheira apenas

Ayres Câmara já sabe extra-oficiialmente da opinião do S. P. I. Mas não se impressionou, nem desistiu do seu intento. "Baterei em tôdas as portas, usarei de todos os meios legais, pedirei o auxílio de tôdas as autoridades, mas me casarei com a minha doce Diacui", disse êle ao repórter. "Estou de licença, no Rio, a fim de tratar do assunto e voltarei ao Xingu, para o meio de meus amigos kalapalos, para casar com meu amor."

O sertanista, segundo informa o próprio S. P. I e a Fundação Brasil Central, é um funcionário exemplar, um homem inteiramente identificado com os indígenas. Não se pode duvidar de seus bons propósitos. Mas há a lei e sua interpretação. E os amigos de Ayres estão solidários com êle, torcendo mesmo no caso. E quando se pergunta as razões de sua convicção é êle quem diz:

— Eu jamais quero voltar ao mundo civilizado a não ser em raríssimos passeios, como faço agora. Estou satisfeito entre os índios, em contato direto com a natureza. O que a civilização do asfalto e da bomba atômica oferece não me tenta. O que tenho entre os kalapalos é todo o meu sonho. Meu e da minha Diacui. Não tenho nenhuma pretensão de me tornar um "chefe branco" de tribu indígena. Quero apenas dedicar todo o resto de minha vida à causa dos índios.

Bonita, carinhosa e dócil

Ayres não perdeu os hábitos e os vícios dos civilizados. No Rio, é quase um carioca. Gosta de se vestir bem, bater papo com os amigos, tomar um chope, sentado numa cadeira de vime. ao ar livre. Mas a conversa, invariàvelmente, descamba para a vida dos índios, sôbre os quais Ayres fala com um entusiasmo de amigo e de irmão. Mas fala principalmente de Diacui: que é bonita, doce e carinhosa e que o quer com um amor que jamais poderá encontrar igual.

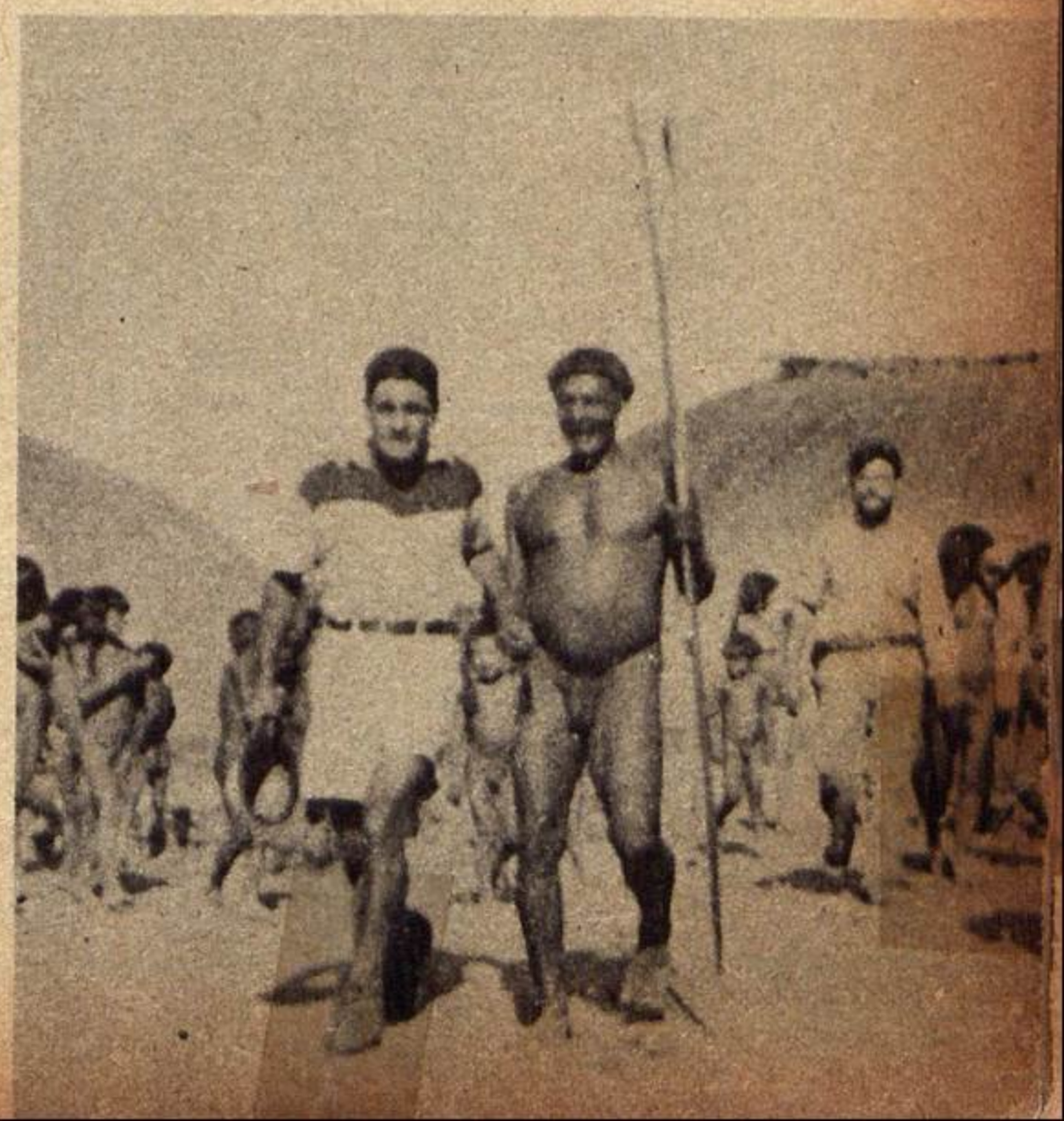
— Diacui é uma mulher excepcional. Ela poderá me fazer inteiramente feliz e eu poderei lhe dar tôda a felicidade. Jamais poderia me dar bem com uma civilizada já que continuarei a viver entre indígenas. Qual a mulher da cidade que se sujeitaria a viver comigo, numa tribu de índios? Diacui não. Viverá comigo para o resto da vida. Sou um homem quase maduro, preciso de uma companheira e Diacui é dedicada, inteligente e boa. Ademais, tôda a tribu Kalapalo me estima e está de acôrdo com o nosso casamento. Quero apenas que nossa união seja legalizada. Quero viver como marido e ela como espôsa

É uma história antiga

Ayres já recorreu a todos os amigos e autoridades para conseguir a licença. Esteve com Rondon, que lhe prometeu apôio, esteve com o Presidente da República, que vai estudar o assunto e esteve com o dr. Arquimedes Pereira Lima, prsidente da Fundação Central, que também lhe prometeu ajuda. Mas Ayres, mesmo assim, continua a peleja. Julga a atitude do S. P. I. simplesmente racista, porque ao invés de civilizar indígenas só poderá segregá-los. E cita então os casamentos realizados em tôdas as partes do mundo. entre índias e brancos, sem prejuizo algum. Entre nós, êle cita os exemplos históricos de Caramuru e João Ramalho. Nos Estados Unidos, o caso da índia Pocahontas com o inglês John Rolf. E pergunta, quase patético:

— Por que motivo um brasileiro pode casar com uma japonêsa, inglêsa, alemã, e não pode casar com uma selvícola que é brasileira como êle? Eu me casarei com Diacui. Irei até onde a lei me garantir, até onde houver justiça. E sei que me sobra razão em todos os sentidos.

O gaúcho é querido pelos kalapalos, principalmente entre os "brotinhos". Mas Diacui foi a eleita. Mesmo no Rio êle não se esquece dos presentes para a amada.

Passeando na Avenida Rio Branco, Ayres é um civilizado como qualquer outro. Mas na verdade seu coração está no Xingu, onde vive sua amada noiva, a índia Diacui.

Decisão do júri (só de homens) para D. Helbe:

CONDENADA

19 HORAS DUROU O JULGAMENTO — RECUSADA A ÚNICA MULHER SORTEADA — EMERSON DE LIMA: "A RÉ, ADÚLTERA E PREVARICADORA, PLANEJOU O CRIME" — ROMEIRO NETO ACUSA O MAL. MASCARENHAS — IMPRESSÃO GERAL: FOI UMA VITÓRIA PESSOAL DE ROMEIRO NETO.

Texto e Fotos de DARWIN BRANDÃO

A enorme multidão que assistiu ao juri de d. Helbe Mascarenhas de Moraes se dividiu contra e a favor da ré. Houve os que aplaudiram o promotor Emerson de Lima quando o representante do ministério público acusou, violentamente, a assassina do cap. Roberto Mascarenhas, mas houve também uma visível e entusiástica torcida quando o dr. Romeiro Neto defendeu a acusada. Consequentemente, houve aplausos e críticas à sentença do juiz Claudino de Oliveira, fixando a pena em seis anos de prisão. Mais importante que tudo, porém, foi o sensacional duelo entre Romeiro Neto de um lado e Araujo Lima e Emerson de Lima do outro. Cada qual procurando melhor defender sua tese, usando para tanto de todos os recursos possíveis. A defesa perdeu: a ré foi condenada. Mas na realidade defesa e acusação sairam vitoriosas ao mesmo tempo. O dr. Romeiro Neto, conseguindo para sua cliente uma pena mínima, enquanto os drs. Araujo Lima e Emerson de Lima porque no pensamento geral da multidão d. Helbe seria absolvida como o foram anteriormente outras passionais.

CONTINUA

A ACUSAÇÃO

Carlos de Araujo Lima, auxiliar da acusação, falou pouco, uma hora apenas. Seu intúito foi defender o Marechal Mascarenhas de Moraes da acusação de usar seu prestígio para fazer carga contra d. Helbe Mascarenhas de Moraes. Enalteceu também a figura do assassinado, como um militar exemplar e ótimo chefe de família.

A DEFESA

Romeiro Neto fez uma das mais brilhantes defesas de que se tem notícia no juri do Distrito Federal. Sua tese foi a da legítima defesa e do assassinato pela emoção incontrolável. Refutou as acusações do promotor, quanto à vida pregressa de d. Helbe, exibindo cartas de amigos e estranhos que atestavam o bom comportamento da acusada. Acusou o Promotor e seu auxiliar de usar o prestígio do pai da vítima, Marechal Mascarenhas de Moraes, e da própria Polícia, para conseguir depoimentos que classificou de "arranjados". Fez a réplica e a tréplica, falando mais de quatro horas. Disse que d. Helbe queria apenas a volta do espôso ao lar e que lutava para arrancá-lo dos braços da amante. No momento do crime, matou por amor. O juri aceitou sua tese em parte, reduzindo assim a pena que havia sido pedida pelo promotor: 12 a 30 anos. O dr. Romeiro Neto declarou ao final do julgamento que está satisfeito com a decisão dos jurados. Apenas não se conforma com a decisão do juiz fixando a pena em 6 anos. Acha que o justo seria 4½. Apelará desta decisão, apenas.

A RÉ

D. Helbe Mascarenhas de Moraes sentou no banco dos réus acusada de haver morto seu marido, o capitão Roberto Brandão Mascarenhas de Moraes, na esquina da rua dos Araujos com Conde de Bonfim, na Tijuca, Rio. Interrogada pelo juiz, confirmou o depoimento dado anteriormente, na Polícia. Segundo êste a morte do cap. Roberto redundara de um telefonema anônimo, através do qual fôra informada de que seu marido se encontrava na Tijuca, em companhia da amante. Enciumada, d. Helbe dirigira-se apressadamente ao local, onde viu confirmada a revelação que lhe fizera, pelo telefone, a voz misteriosa. Com o inesperado encontro irritou-se o cap. Roberto, travando-se então entre marido e mulher uma forte discussão que terminou em agressão física e finalmente na morte do militar. D. Helbe desferiu vários tiros no marido, usando de uma pistola automática que trazia na bolsa. Presa em flagrante foi agora julgada pelo Tribunal do Juri. Cumprirá seis anos de prisão além de perder a posse do filho, o menor Roberto.

O PERITO

As testemunhas não depuseram no julgamento, nem por parte da acusação nem por parte da defesa. Houve apenas o depoimento do médico-legista Nilton Sales para esclarecer se o tiro foi dado pelas costas ou não: "Os primeiros tiros foram dados pelas costas. Digo isto, baseado no estudo da forma dos ferimentos, os ferimentos caracteres e a posição dos demais tiros."

OS JURADOS:

ANTÔNIO JOSÉ CORREIA, funcionário da Ag. Nacional

EDVALDO P. MONTEIRO, funcionário do Min. Trabalho

KLIBER DA COSTA, agente da Sul América Capitalização

ROGER PEREIRA COELHO, funcionário do Min. Fazenda

WALTER SILVA, médico

RICARDO RIMER, médico

JULIÃO M. CASTELO, eng.

Condenada (concl.)

D. Helbe chorou três vêzes

DURANTE as 19 horas que durou seu julgamento, d. Helbe permaneceu impassível no banco dos réus. Serena mesmo. Chorou três vêzes, porém: quando o promotor Emerson de Lima lhe fez tremendas acusações e mostrou aos jurados o paletó ensanguentado do capitão Roberto que ela havia assassinado; quando Romeiro Neto defendeu-a como espôsa e mãe; e quando o juiz leu a sentença de seis anos de prisão. Com um bem cortado vestido azul-marinho de saia plissada, cabelos cuidados, sem pintura na face mas com as unhas esmaltadas, ladeada por dois soldados da Polícia Militar, d. Helbe apertou nas mãos, durante todo o tempo, uma estampa colorida de São José e tossiu muito, gripada que estava. Nas galerias, suas irmãs e suas amigas não arredaram pé: assistiram todo o julgamento, chorando mais do que ela, enquanto o velho professor Gerômino, seu pai, aparentando calma, permaneceu nos corredores do tribunal durante todo o tempo dos debates, sentando, finalmente, anônimo, entre a multidão que se dividiu a favor e contra sua filha. A mãe de d. Helbe não apareceu. No quarto reservado aos réus, ela às vêzes, abria a porta, uma frestinha apenas, para ver o rosto da filha. Só ouviu os debates. Não viu os julgadores de Helbe, todos homens. A única mulher sorteada para o Conselho de Sentença foi recusada pela Promotoria.

O PROMOTOR Emerson de Lima acusou d. Helbe Mascarenhas de Moraes durante duas horas e 30 minutos. Seu libelo foi uma peça magnífica, demonstrando perfeito conhecimento dos autos e de todo o processo. Acusou a ré de adúltera, má espôsa, mãe desnaturada e foi de uma violência que muitas vêzes chocou o auditório. Defendeu a tese de que o crime foi premeditado e planejado com tempo, baseando-se nos depoimentos das testemunhas que haviam ouvido de d. Helbe a ameaça de morte ao seu marido. Reforçou sua acusação mostrando que o capitão Roberto foi assassinado pelas costas, sem nenhuma possibilidade de defesa. Exibiu aos jurados e ao público a arma assassina, os sapatos e as vestes do assassinado. Recebeu palmas dos assistentes, o que levou o juiz à ameaça de esvasiar a sala a fim de manter a ordem.

O JUIZ João Claudino de Oliveira presidiu o sensacional juri e fixou a pena da ré em seis anos de prisão, decisão esta que não pareceu justa ao advogado da defesa, que recorreu.

PERANTE O JUIZ d. Helbe Mascarenhas prestou depoimento sôbre o assassinato do cap. Roberto. Contou tudo como havia contado antes na Polícia depois de prêsa.

A RÉ esteve sentada durante dezenove horas seguidas. Chorou três vêzes mas nunca perdeu as esperanças. Romeiro Neto suou tentando provar a legítima defesa.

A CATEDRAL SUBMERSA

Conto de *LUIZ CARLOS NÓBREGA*

Cada nota daquela canção era uma confissão de como eu sofria e de como eu a amava...

A bruma do tempo já envolve esta história que agora conto, sem tirar, porém, o sabor da fábula e a atualidade do conteúdo.

Ouvi-a de um velho frequentador de bares de Pôrto Alegre, numa noite em que nós buscávamos o refúgio contra o vento inclemente no aconchêgo de um cálice de vinho. Pôrto Alegre é, para mim, uma cidade diferente de tôdas as que existem no Brasil. Em minha longa vida de caminhante incansável, de eterno peregrinador, nunca me senti tão bem como quando agarrava ao corpo as abas do sobretudo e entrava num bar, todo cercado de vidro enfumaçado e aquecia o corpo e a alma no samovar de um copo de vinho. Nesses momentos, eu me esquecia de tudo, esquecia de minha velhice, dos anos de solidão que já atravessei, para então esparramar os olhos pelas mesas ensebadas, discernir amigos nos outros boêmios, sentir que a vida não acabara ainda, que sempre restava uma esperança para os que, como eu, julgavam tudo terminado.

Num dêsses cafés típicos do sul, com suas portas envidraçadas e aljofradas de neblina, encontrei-me com êle, sentado ao redor de uma garrafa, com o olhar perdido ao longe, a barba hirsuta tremente e a comissura dos lábios esticada numa linha de sofrimento e compreensão ao destino que o norteara.

Apesar de nunca o ter visto, senti como que uma intimidade para com êle, um estranho sentimento de que eu conhecia sua vida, de que estava a par da razão que o levava agora a sentar-se defronte à bebida e vaguear os olhos da alma pelas recordações.

Sua expressão alheada me chamou profundamente a atenção; sentei-me ao lado dêle, na mesa contígua, pondo-me a observar-lhe as atitudes, curioso e comiserado por seu aspecto gasto, de quem há muito já deixara de lutar contra a vida. Tudo eram dores e agonia naquela expressão, menos a doçura dos olhos profundos, olhos comuns na aparência, mas peculiares nos raios de suavidade que derramavam pelo semblante.

Vi, de repente, mexerem seus lábios, como a trautear uma estrofe perdida nos recônditos da memória e reconheci os compassos de uma música de que eu muito gostava, mas nunca conseguira captar o nome do autor.

Não mais pude conter-me, levei minha bebida para a mesa dêle e tentei travar com êle uma conversação, antevendo poder tirar uma bôa história para minhas crônicas, um assunto para meus trabalhos de velho desocupado.

A princípio, foi difícil conseguir que êle falasse. Aceitou minha companhia como todo o que se sente só aceita um outro solitário a seu lado. Só então eu notei que êle tinha à frente um bloco de papel, onde já havia escrito bastante, mas que parara, como que temendo recordar o fim do que já confiara ao papel. Quando notou, porém, que eu estava curioso por saber o que era aquilo, resolveu falar, empurrando o bloco para meu lado:

— Não está aí tôda a minha vida, mas talvez a parte mais importante dela. O senhor poderá ler o que já está escrito, enquanto eu termino aqui o restante. Escrevo isso não para que os outros saibam de minha vida, mas sinto que é uma maneira de tirar de mim essa opressão que já há muito em mim habita. Leia, por favor...

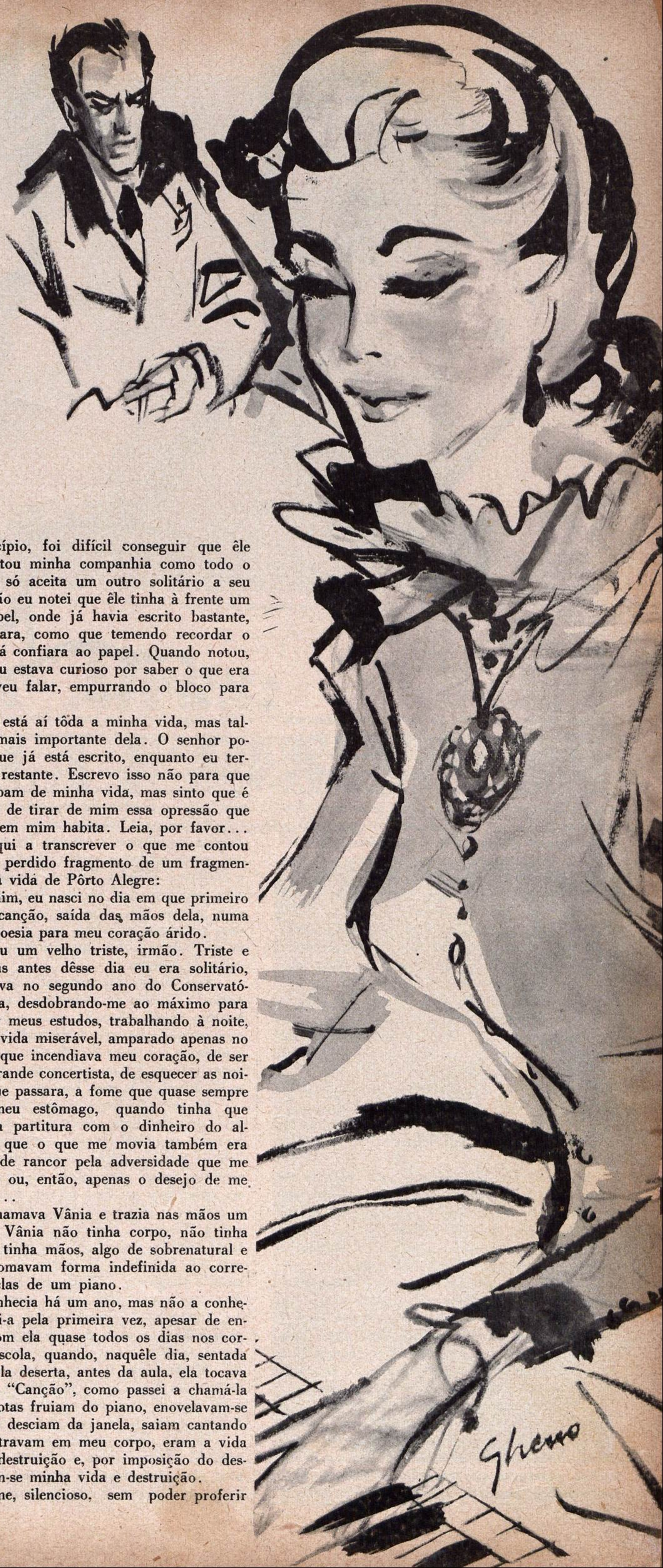
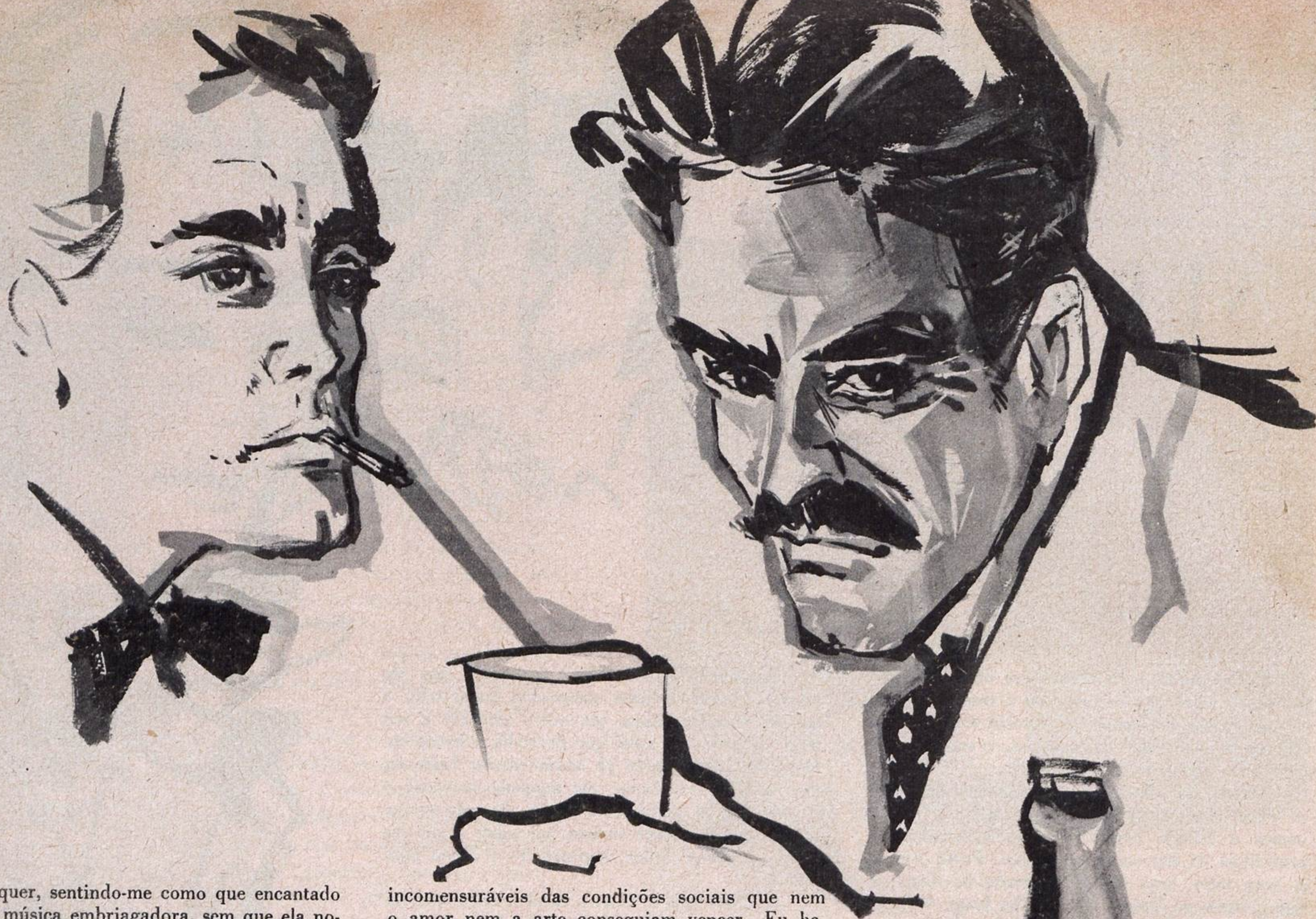
Passo aqui a transcrever o que me contou aquêle velho, perdido fragmento de um fragmento perdido da vida de Pôrto Alegre:

"Para mim, eu nasci no dia em que primeiro ouvi aquela canção, saída das mãos dela, numa apoteose de poesia para meu coração árido.

Hoje sou um velho triste, irmão. Triste e solitário. Mas antes dêsse dia eu era solitário, apenas. Estava no segundo ano do Conservatório de Música, desdobrando-me ao máximo para poder custear meus estudos, trabalhando à noite, levando uma vida miserável, amparado apenas no grande ideal que incendiava meu coração, de ser um dia um grande concertista, de esquecer as noites de frio que passara, a fome que quase sempre aguilhoava meu estômago, quando tinha que comprar uma partitura com o dinheiro do almoço. Acho que o que me movia também era uma espécie de rancor pela adversidade que me queria abater ou, então, apenas o desejo de me sentir infeliz...

Ela se chamava Vânia e trazia nas mãos um halo divino. Vânia não tinha corpo, não tinha rosto. Vânia tinha mãos, algo de sobrenatural e etéreo, que tomavam forma indefinida ao correrem pelas teclas de um piano.

Eu a conhecia há um ano, mas não a conhecia ainda. Vi-a pela primeira vez, apesar de encontrar-me com ela quase todos os dias nos corredores da Escola, quando, naquêle dia, sentada sòzinha na sala deserta, antes da aula, ela tocava em surdina a "Canção", como passei a chamá-la depois. As notas fruiam do piano, enovelavam-se nos raios que desciam da janela, saiam cantando pelo ar, penetravam em meu corpo, eram a vida estuante e a destruição e, por imposição do destino, tornaram-se minha vida e destruição.

Quedei-me, silencioso, sem poder proferir

um som sequer, sentindo-me como que encantado por aquela música embriagadora, sem que ela notasse minha presença. Quando ela acabou de tocar voltou-se bruscamente, dando a impressão que tinha sido descoberta em um segrêdo íntimo e saiu da sala sem ao menos olhar para mim, deixando-me sòzinho e confuso, sem compreender a razão daquela atitude. Notei que havia sido quebrado o encantamento do instante anterior, mas ainda tinha nos ouvidos os sons maviosos da música que bailava no espaço. Mais tarde soube que ela sempre procedia assim em presença de estranhos, tornava-se tímida e confusa, talvez pelo fato de ser muito rica e ter sempre o sentimento de que todos os que dela se aproximavam, era por sua condição de moça rica.

Quando nos encontramos na aula, um pouco mais tarde, baixou os olhos obstinadamente, mas não conseguiu apagar de minha memória, aquela impressão impalpável, a visão dos seus cabelos castanhos sendo rodeados pelo motivo da "Canção", um fio de melodia como complemento a sua beleza radiosa, o sol penetrando vitorioso pela sala, a vida cantando em minha vida, o marco da destruição impondo-se, também, em meu destino.

Durante tôda a aula não pude separar os olhos de seu semblante, recebendo de vez em quando um olhar tímido e assustado, como se ela tivesse mêdo de que eu fôsse contar ao mundo seus segrêdos, que ela parecia ter a impressão de que eu conhecia. Senti então que teria que lutar muito para que ela tivesse uma outra idéia a meu respeito. Eu tinha tudo contra mim. Minha pobreza, minhas roupas gastas e sem elegância, meu gênio arredio que me faria fugir dela quando percebesse que ela estava se interessando por mim. Teria que combater o mundo, mas, acima de tudo, teria que lutar contra mim mesmo.

Os dias passavam, os meses vieram postar-se na galeria do tempo, o curso esgotava-se. Só estudava. Passava noites inteiras debruçado ao piano, minhas mãos eram corcéis bravios, meus sonhos, centauros que varavam a distância que nos separava, buscando sempre galgar os pélagos incomensuráveis das condições sociais que nem o amor nem a arte conseguiam vencer. Eu havia formado em meu espírito o conceito da sociedade baseado no meu destino injusto, sem pensar que todos nós estamos ligados a uma teia infinita, que rege os cordéis de maneira irremediável.

Tornei-me o primeiro aluno da Escola, a glória dos professores e colegas, figura de projeção nos meios artísticos, mas ninguém diria que era o desespêro a causa do meu sucesso. Um desespêro mórbido, mar revôlto, lutas infindas contra meu próprio mal, ódio mortal às convenções de uma sociedade putrefata, que me fizera herdeiro de um cancro moral, que estiolava os homens em castas herméticas.

Sim, eu era um repositório de dores, sem ao menos o consôlo de poder um dia conseguir um lenitivo àquela situação, pois o êrro estava em mim mesmo. Eu não fazia nada para conseguir a amizade e o amor de ninguém, nem mesmo me aproximar de Vânia, que tentara depois retratar-se da atitude tida para comigo.

Percebi que minha vitória na arte havia feito dela, primeiro uma admiradora, depois uma enamorada, mas nada fiz para conseguir o seu amor. Inibida por meu gênio arredio, ela se afastou, casando-se depois com outro. Soube justamente de seu casamento próximo no dia dos exames finais e, perante o júri e o público, toquei, pela última vez, a "Canção". Nunca mais me esquecerei das faces voltadas para mim, das palmas que acolheram meu triunfo e do sorriso de Vânia, sorriso triste e resignado, sabendo que há muito me perdera, que me perdera mesmo antes de me ter...

Deram-me o primeiro lugar, mas aquilo tudo para mim era o aumento apenas de minha tortura, sentia na bôca o travo de um sentimento de perda. Minha alma fechada a tudo e a todos me deixara na condição de um ilhado, sem direito à vida normal nem ao carinho de uma palavra amiga e sincera.

Depois disso, passei anos sem ver Vânia, percorri várias cidades do Brasil como solista de uma orquestra, anos de trabalho e de sofrimento, sempre famoso e sempre triste.

Uma noite, ao terminar um dos concertos em que tomara parte, no Rio de Janeiro, encontrei-me com Vânia, à porta do teatro.

Com a passagem dos anos, eu me resignara com o destino, não mais sentia a revolta, um conformismo de cansaço se apoderara de mim, e eu podia encará-la sem pensar em fugir. A arte que em nós latejava serviu como um traço de união e combinamos encontrar-nos no dia seguinte. Sentados na taverna, tendo entre nós o calor de uma lanterna e o confôrto da música esvoaçante, contamos nossas vidas, abrimos nossos corações, todo aquêle passado frustado, pois ela me quisera tanto como eu a quis e não fôra feliz no casamento. Mas, apesar da tristeza pelo que perdêramos, havia a música que nos jungia para sempre. Tudo perfeito, tudo aureolado pela paz dos que amam o mesmo ideal em comum; não importava que Vânia estivesse casada com outro perdida talvez para sempre, que aquela noite representasse um todo de felicidade, apenas algumas horas de comunhão, o obstáculo fôra vencido, a "Canção" evolava-se triunfante... Eu poderia seguir meu caminho, era triste, era prosáico, mas era, acima de tudo, meu destino. Ficaria o elo a ligar nossas vidas, a cadeia imponderável que governa os universos e os nadas que fazem o infinito..."

O velho parou de escrever nêste ponto, deixando a narrativa aparentemente sem nexo. Mas eu compreendi que sua vida terminara naquela noite, à luz mortiça de uma lanterna, e que agora só restava uma canção, uma simples "canção sem palavras..."

Gravações de Chico: 1.376. Aproveitaveis apenas 112. Entre elas "A Voz do Violão". As matrizes em cêra estragaram-se.

Chico Alves: LUTO, HERANÇA E DESESPÊRO

Texto de ELMO LINS *Fotos de FENELON PAUL*

12 dias depois da morte de Chico Alves, todo o país chora ainda o seu desaparecimento. De todos os lugares, de tôdas as cidades, chegam notícias impressionantes. Em S. Paulo, na missa de 7.º dia, a Catedral completamente cheia presenciou um espetáculo inédito e emocionante.

Quase 5 mil pessoas lotaram completamente a Igreja e seus arredores. Enquanto a missa era rezada, as orquestras de corda da Rádio Nacional e da Rádio Excelsior executaram em surdina "A Voz do Violão", a canção que mais que qualquer outra simboliza o grande seresteiro que foi Chico Alves. Durante a cerimônia, homens, mulheres e crianças choravam copiosamente.

De Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Salvador, Recife, etc. as notícias são as mesmas. Emoção, tristeza e desespêro.

No Rio de Janeiro a explosão de sensibilidade continua. Divulgado que o carro de Chico Alves estava em Braz de Pina multidões começaram a se deslocar para lá. E numa manifestação surpreendente e inesquecível arrancavam pedacinhos do carro para guardar como lembrança. Em pouco, o carro — que já era apenas um monte de ferro retorcido — desaparecia na voragem de saudade que envolve agora tudo que lembra Francisco Alves.

Nos rádios da cidade, nas casas de discos, em todos os lares, o milagre do progresso que é a voz impressa em acetato, substitui a voz do cantor que emudeceu definitivamente.

5 milhões de discos foram vendidos em pouco mais de uma semana. As prateleiras das casas especializadas esvaziaram-se para atender aos pedidos patéticos dos fãs. A fábrica Odeon, gravadora exclusiva do cantor, esgotou completamente seus estoques. Tôdas as máquinas existentes no Rio e em S. Paulo foram mobilizadas para prensar novamente canções antigas e modernas. Mas infelizmente das 1.376 gravações de Chico Alves apenas 112 podem ser regravadas. As matrizes em cera estragaram-se inteiramente. Só as de acetato resistiram ao tempo.

★

Desaparecido Francisco Alves — talvez mesmo antes de seu corpo mergulhar novamente na terra —, começou a batalha judicial pela posse dos seus bens.

A espôsa legítima (com quem Chico Alves viveu 3 meses) discute na Justiça com a amante (companheira do cantor durante 30 anos).

A primeira apresenta dois filhos e atribui a paternidade de ambos ao cantor. A segunda — amparada pela família dêle — exibe um atestado médico que prova que Chico Alves não poderia ser pai de ninguém. Sua esterilidade era um fato indiscutível.

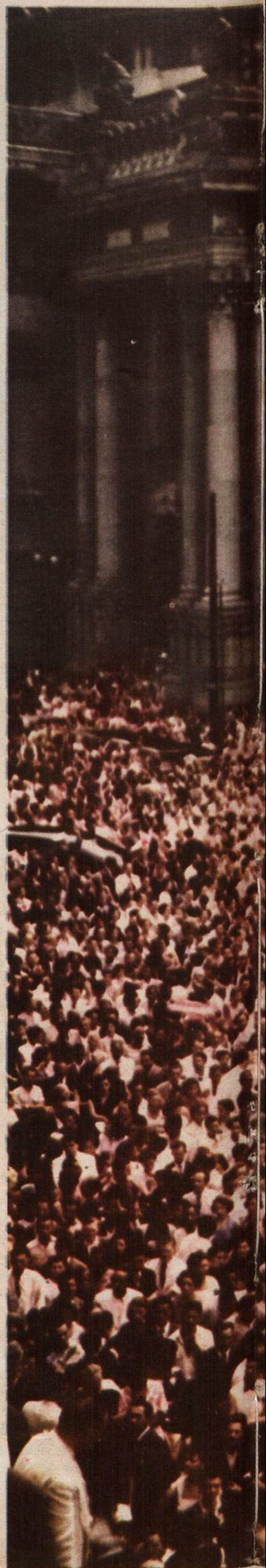
Os próprios filhos do cantor entram na discussão e o mais velho, (17 anos) chega a dizer tranquilo e convicto: "até a inclinação musical que possuo, prova que sou filho de Francisco Alves". Mas a Justiça não reconheceu o fato e deu ganho de causa ao cantor na sua negativa de que seja pai de alguém. Mas D. Perpétua recorreu da decisão e o caso foi agora para Instância Superior e não se sabe como terminará.

Apesar de viver separado há 30 anos, Francisco Alves jamais se desquitou de D. Perpé-

D. Perpétua, espôsa legítima de Francisco Alves, chora juntamente com seus filhos Cristino e Tereza — depois de 30 anos de separação — a morte do marido

DESPEDIDA

Tudo é silêncio, agora. As lágrimas tentam em vão lavar a saudade. É mais um amigo que parte. Deixando um vazio nos olhos úmidos e uma melodia triste nos ouvidos. Morreu Chico Alves.

A passos lentos, a multidão acompanha o entêrro até à sepultura — como que procurando retê-lo. Inùtilmente. A morte traiçoeira tomou-o de nós. Ficou a saudade. Ficou a dor. Restou sua voz.

David Nasser (esquerda), biógrafo de Chico Alves, defende o amigo que em vida não pôde esclarecer a paternidade dos filhos de D. Perpétua. Apontará o verdadeiro pai.

D. Célia (esquerda), amante de Chico — com quem viveu como espôsa durante 30 anos — não parece disposta a renunciar os direitos conquistados. Ao seu lado, Linda Batista.

CHICO ALVES (conclusão)

tua, que continua sendo, portanto — pelo menos perante a lei — sua espôsa legítima e incontestável.

É possível que por displicência o cantor não tenha tratado do desquite. Pois a verdade é que nenhum laço afetivo o ligou à espôsa depois da separação. Mas D. Perpétua não conseguiu exibir para a Justiça a prova que esta lhe exigiu: de coabitação dos cônjuges. E jamais poderá exibí-la, pois morou com Francisco Alves, apenas durante 3 meses, que foi o tempo que durou o casamento.

A prova de consanguinidade — marcada para o dia 4 de Outubro — foi evidentemente prejudicada, pois o cantor morreu 7 dias antes, ou seja no dia 27 de Setembro.

★

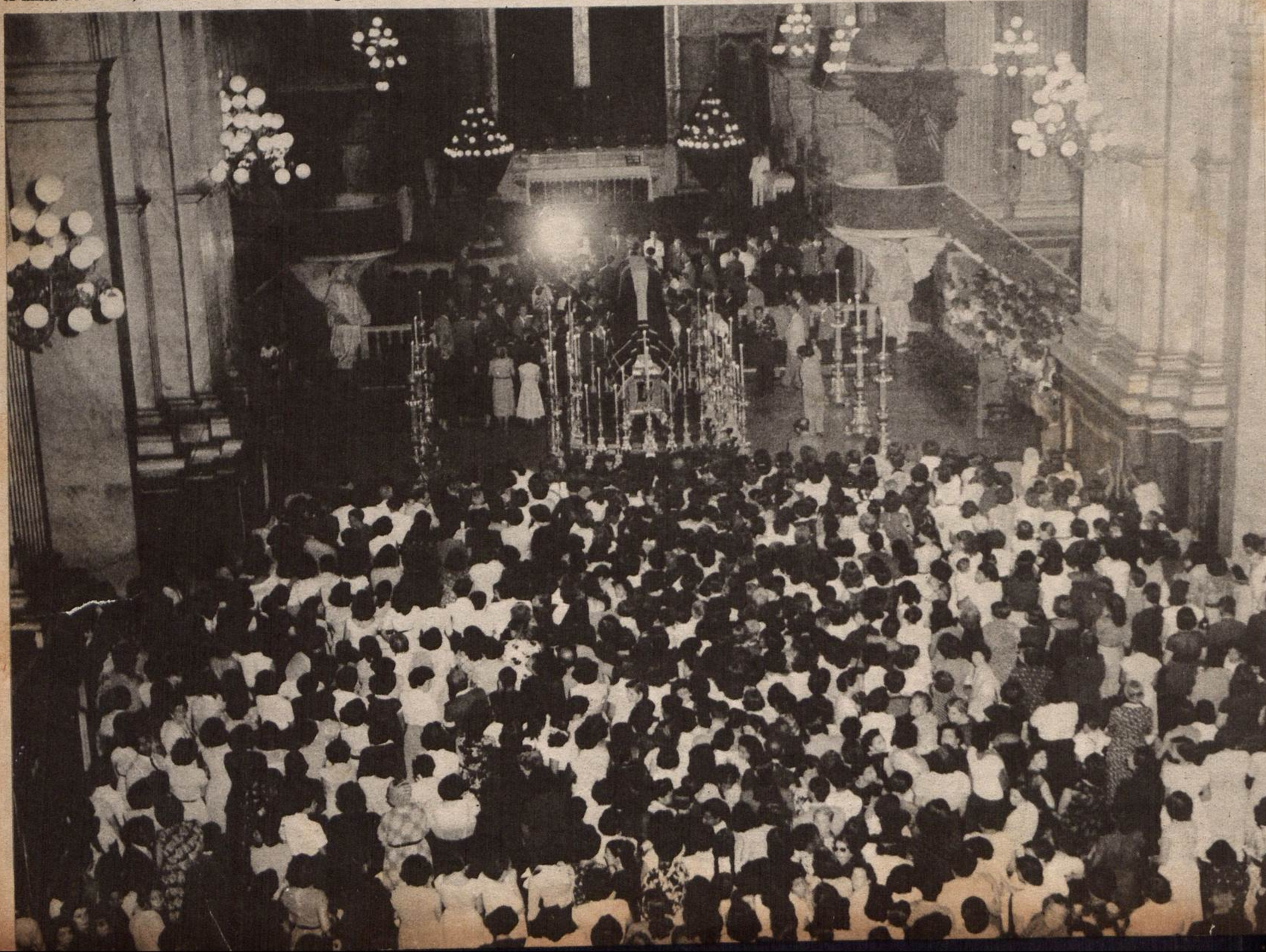
A questão está nesse pé. D. Perpétua mandou rezar missa de 7.º dia, chora a morte de Chico Alves, quase não se lembra mais que durante 30 anos viveu separada dele.

D. Célia Zenatti — a amante — inconsolável e deseperada, vive o drama de uma paixão que resistiu a 30 anos de vida em comum. Não parece disposta a renunciar aos direitos que conquistou com amor e dedicação.

Os amigos também estão dispostos a tomar partido. E surge finalmente David Nasser — indiscutìvelmente o maior amigo de Chico e seu biógrafo — com a declaração de que conhece o pai dos filhos de D. Perpétua e que vai revelar o seu nome se ela continuar a insistir na questão.

E não esqueçamos a revelação sensacional de um matutino, que em manchete, explicou: "Nem Perpétua, nem Célia. Chico Alves amava outra".

Mas isso já é outra história.

A missa de 7.º dia, oficiada na Candelária, foi grandemente concorrida. Enorme multidão lotou inteiramente o templo, desde cedo, e transbordou pela Avenida Presidente Vargas.

Minhas relações com Pier Angeli

Texto de LUCILA NORONHA

NÃO pude resistir ao desejo de escrever um pouco sôbre Pier Angeli, vendo como ela está tomando de assalto o coração dos brasileiros, do mesmo modo como, em um momento, com um tímido sorriso, conquistou a minha amizade.

Devo observar, antes de tudo, que não sendo nada do que vou dizer publicidade encomendada, a publicidade premeditada, elaborada, inventada e feita em tôrno dos artistas para "vendê-los" ao público, tem por isso mesmo mais valor e mais interêsse. E é também com imenso prazer que o faço, pois Anna, como a chamo, está muito aquém de tudo o que se diz dela e de tudo o que se vê nela. Não faço mais que confirmar o que se advinha nela, — dando assim a Cesar o que é de Cesar.

Anna Maria Pierangeli era um "brotinho" romano de 17 anos, que com sua irmã gêmea, Maria Luiza, — esta tão morena, viva e mulher quanto Anna é loura, etérea e criança — freqüentava a escola, gostava de cinema e discos, fazia esporte, em suma, levava uma vida simples de tôda menina de sua idade, sòmente talvez mais prêsa devido à vigilância dos pais, um distinto arquiteto de Roma e uma "signora" de Bologna. Até pouco tempo Anna nunca saíra só com um rapaz e imagino que ainda não o faz.

Moravam numa casa de apartamentos construída pelo pai e onde também morava uma famosa artista do cinema italiano, que admiravam de longe. Esta as abordou um dia, perguntando se queriam fazer um "test" para uma película para a qual Vittorio de Sica procurava em vão uma menina. Custaram a obter a permissão em casa — mas fizeram o "test".

E Anna foi escolhida para fazer esta célebre "DOMANI È TROPPO TARDI". Anna era justamente o tipo que De Sica imaginara. Muito inteligente e precoce, ela até hoje aparenta muito menos idade, o que lhe permitiu criar o papel duma colegial. Não se esqueçam que essa foi a primeira vez na sua vida que representou e que nunca houve em sua família ninguém no teatro, daí a relutância dos pais em deixá-la seguir esta carreira. Mas ela tem talento demais para que alguém lhe embargue o caminho; desde então só pensa na sua arte e em aprender tudo o que lhe ajude a aperfeiçoá-la.

Logo depois do sucesso enorme dêste primeiro filme na Itália, foi contratada pelo conhecido Arthur Loew (produtor ligado à M.G.M.) e fez "TERESA", dirigida por Fred Zinnemann e passada em New York e aqui há coisa de um ano e meio. Em "TERESA" o sucesso de Pier foi maravilhoso por se tratar de êxito absolutamente pessoal: todos os críticos de New York lhe teceram os maiores louvores e lhe auguraram um brilhante futuro.

Na vida particular, é uma curiosa mistura: muito criança e simples, e ao mesmo tempo incrìvelmente inteligente, aprende e assimila tudo com uma facilidade espantosa. Êste ano mesmo, aprendeu exercícios no trapézio para uma película que foi adiada por ter luxado o pulso.

É muito religiosa; e muito obediente, embora nem sempre compartilhe das idéias conservadoras da mãe.

Ùltimamente aprendeu bailado clássico e em duas semanas já fazia "ponta", o que é dificílimo para uma menina de 19 anos. O seu súbito amor à dança deve ter vindo da sua recente amizade com Leslie Caron e Debbie Reynolds.

Sôbre rapazes... perguntei-lhe acêrca dos tantos namoros que lhe atribuiam. — Tudo publicidade, imaginação, me disse ela, de jornalistas ávidos por notícias. John Barrymore Jr., apenas vi uma vez quando lhe fui apresentada, ... e nem ao menos simpatisei com êle; Farley Granger, somos ótimos camaradas, saímos às vêzes em grupo aos domingos; Arthur Loew Jr. o filho do "boss", gentilíssimo, conheço-o desde que pus os pés em terra americana, e é só. Além disso o trabalho intenso não me deixa tempo para nada. Ensaios, estudos diversos, fotografias, entrevistas e a filmagem pròpriamente dita, como posso ter tempo para alguma coisa? Até roupas, quase tudo minha mãe compra para mim.

Anna tem uma lógica e uma compreensão da vida que muita mulher feita não tem; e ao mesmo tempo tem reações ingênuas de criança, como colecionar bichos de pelúcia (creio que os esconde agora) e chorar em público quando é magoada...

Vi Anna pela primeira vez há dois anos em New York, pois habitávamos o mesmo hotel, no mesmo andar, em apartamentos um defronte do outro. Sempre nos cruzávamos e me encantava o seu jeitinho tão diferente das americanas sofisticadas. Fizemos camaradagem por intermédio da Kiki, cachorrinha que eu tinha e que muito se afeiçoou a ela; estávamos sempre juntas pois o seu inglês deficiente ainda mais nos aproximava. É inútil dizer que Anna hoje o fala correntemente.

Foi nessa ocasião que apresentei-a a um rapaz brasileiro de origem italiana e ela teve, então, o seu primeiro "flirt". Mas êste não foi um "flirt" para efeito de publicidade como os outros negados por ela ùltimamente. Pelo contrário, foi um namoro sincero de menininha, sempre sob as vistas da Sra. Pierangeli pois nunca saiam sós. E até hoje, apesar da distância e do silêncio que os separa, não acredito que se tenham esquecido de todo...

Logo depois completou 18 anos, em Junho de 1950, e voltou para a Itália levando um ótimo contrato que a ligava por 5 anos a Arthur Loew (contrato êsse que já foi transferido à Metro Goldwyn Mayer).

Pier Angeli não usa absolutamente nenhum vestígio de "maquillage" nem sob as luzes dos refletores durante as filmagens, nem na vida de todo dia. Não precisa. Lava os cabelos com freqüência, penteia-os a todo instante como lava o rosto, — e é sã. É linda, muito mais bonita em pessôa do que na tela, com seus cabelos alourados e sua tez dourada e os dentes brancos de criança. Mas tem um lindo corpo já mais de mulher, bem lançado e gracioso e embora se vista com muita simplicidade, tem sempre uma idéia, um toque original que a distingue das outras. Não usa quase decotes, e não possui jóias, que aliás não creio lhe ficassem bem.

Voltando a Roma, aí ficou por alguns meses e teve o imenso desgosto de perder o pai do qual era a preferida. Foi quando decidiram — já que nada as prendia em Roma e já que forçosamente teriam que, volta e meia, estar em Hollywood — a fixarem residência definitivamente na Califórnia.

Assim sendo, num dia nevoso de Dezembro de 1950, estava eu quietamente no meu quarto trabalhando, quando ouvi batidas na porta com acompanhamento de risadas alegres. Era Anna que, com a irmã, chegara naquele dia, ansiosa para me vêr e me apresentar Mariza, muito bonita também mas outro gênero como já disse (está agora, com o nome de Mariza Pavan, sob contrato com a Fox, onde já filmou a segunda versão de "WHAT PRICE GLORY"). Imediatamente fomos encontrar a Sra. Pierangeli e conheci também Patrícia, a irmãzinha de 4 anos; pusemos em dia as saudades e as novidades, ... e até queriam me levar com elas para a ensolarada Califórnia!

Lá chegando se instalaram numa casa provisória e logo depois Anna começou "O MILAGRE DO QUADRO", na Metro, com Stewart Granger e Georges Sanders; mas não gosta do papel que representa, por inadequado ao seu tipo, no que tem razão. Esta película (que foi feita parte na Sicília) já foi passada em New York e como na anterior, Pier Angeli fez pessoalmente mais sucesso do que a própria produção. Está portanto definitivamente no caminho da glória, mas noten bem, não será uma atriz glamorosa nem espetacular como tantas — nunca! No entanto foi há pouco tempo escolhida como uma das 10 mais belas atrizes da tela.

Poder-se-ia talvez classificá-la como uma jovem Ingrid Bergman, porém mais real e mesmo mais artista, porquanto esta não se revelou tão cedo.

A Metro tem tais esperanças em Pier Angeli que faz um enorme "build up" ao redor dela, sabendo que em tempo serão amplamente recompensados. Passou o tempo. Sempre tinha notícias dela; mudaram-se para uma casa mais ao gôsto italiano. Pier e Mariza foram se habituando aos costumes americanos sem perderem a personalidade de latinas — que certamente nunca perderão!

Vi-a ràpidamente indo e vindo para a Itália, pois embora com horas em New York sempre nos encontrávamos. Saí com sua mãe para fazer compras, e como geralmente eu me fazia de intérprete... voluntário, trocava tudo e falava italiano com as vendedoras e inglês com a Sra. Pierangeli! Inútil contar a confusão e como riamos! Por esta época Pier tomava ligeiramente ares de estrêla, o que não era de espantar, devido a tanta atenção que despertava em todo lugar e a que não estava acostumada. Não lhe disse nada e esperei que o tempo passasse... e o seu bom senso prevalecesse, — no que tive razão.

A vez seguinte que a vi foi em Janeiro dêste ano, inesperadamente: numa fria manhã de domingo dormia eu sem nenhuma intenção de me levantar senão muito tarde, quando às 8 horas o telefone começa a tocar com insistência: era Anna que, estando por um dia em New York queria me ver; depois de me telefonar não sei quantas vêzes, mesmo morta de sono, ao meio-dia fui vê-la e à mãe no Waldorf; capitulei porque ninguém resiste à Anna; e não me arrependi porque me comoveu encontrar um almoço a minha espera, embora elas já tivessem comido. Encontrei a antiga e simples Anna, cheia de gentilezas, esquentando e servindo-me o almoço e palreando como um passarinho. Ia para a Europa fazer um filme com Gene Kelly, que adiara a fita que deveria tem começado, para não a deixar parada. (A Metro tivera que adiar um filme que ela tinha que rodar com Spencer Tracy) — Sabem o que isso significa em prestígio? Gene Kelly, uma das maiores figuras do cinema atual, um dos melhores bailarinos da tela do momento, coreógrafo, diretor, produtor, "talent scout", orientador e que sei mais? (Entre parentesis, também em pessoa de uma personalidade e "charme" invulgares).

Anna estava radiante; ia por uma semana a Roma visitar parentes e amigos e depois — Munich, onde faria o filme "HOMEM, MULHER E DIABO!", que já terminou, voltou para Hollywood, e deve estar agora a caminho do México onde fará "SOMBRERO".

Vêem vocês pois, que a menininha italiana por quem todo rapaz suspira, e a quem tôda mocinha procura imitar, e na qual todos nós admiramos a arte latente, nos poderá dar ainda muitos e muitos outros momentos de puro contentamento e esquecimento das agruras da vida — o que não é dizer pouco.

Só esta vez ▶

Temos boas referências desta comédia escrita por Sidney Sheldon e dirigida por Don Weis, um novato que até agora não demonstrou suas possibilidades Janet Leigh entra na história para impedir que o detestável Peter Lawford gaste tôda a sua herança. Isto é o fim! (MGM).

◀ Rasho-mon

O filme vencedor do Grande Prêmio do Festival Internacional de Veneza em 1951 é esta produção japonêsa escrita e dirigida por Akira Kurosawa com base num romance de Ryiosuke Akutagana, "No bosque". É uma história policial vista de quatro maneiras: pela vítima, pelo agressor, por uma testemunha e como realmente aconteceu. Os intérpretes são Toshiro Mifune, Mishiko Kyo e Masayuki Mori. Uma das grandes credenciais do filme é a sua fotografia, impecável segundo a crítica européia. Aliás, os japonêses e os chinêses são geniais em matéria de fotografia de cinema (RKO).

A família do gênio ▶

Jeanne Crain, Myrna Loy, Debra Paget, J. Hunter e Hoagy Carmichael, dirigidos por Samuel Engel, em tecnicolor, revivem a década 1920-30 em aventuras domésticas inspiradas pelo gênio, isto é, Clifton Webb, salvo seja... Prognóstico: regular, no seu gênero (Filme 20th-Fox).

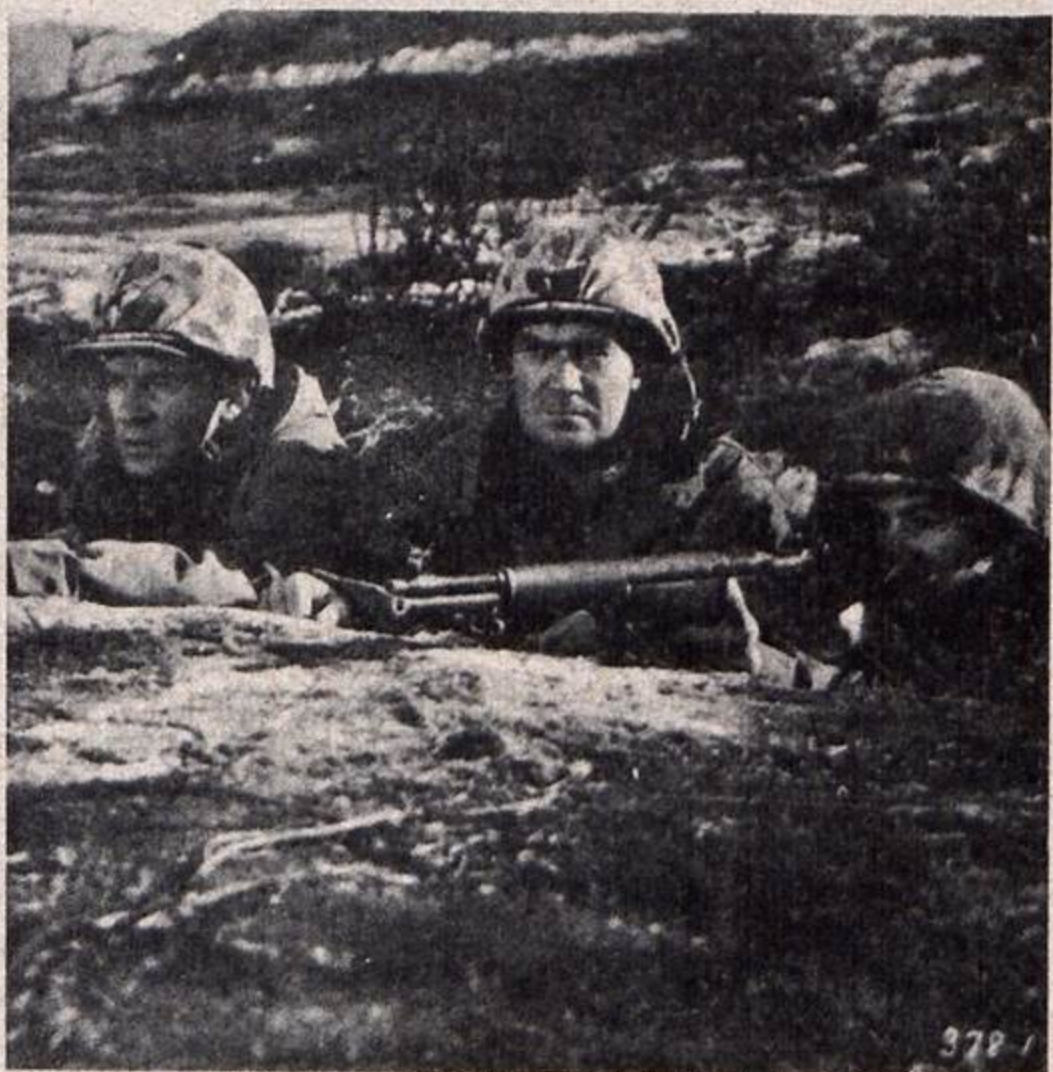
Só os covardes se rendem ▶

Conta a história da resistência ianque na cabeça de ponte da Coréia do Sul, em 1950, quando avançavam os chinêses. Frank Lovejoy, Richard Carlson e outros estão no elenco. Screen-play de Milt Sperling e direção de Joseph H. Lewis (Warner).

◀ Paixão de beduino

Para variar, mais um filmezinho sôbre o lendário Oriente das histórias em quadrinhos e dos contos-de-trancoso. Um idílio entre uma princêsa e um beduino. Argumento e guião de Gerald Drayson Adams e direção de Charles Lamont, dois "padronizados"... Maureen O'Hara, que é bonita e nasceu mesmo para o colorido, é a princêsa, enquanto Jeff Chandler, de turbante e vestes exóticas, é o beduino no deserto do abandono a soluçar... Susan Cabot e Lon Chaney Jr. completam a lotação e na corrida, o nosso prognóstico é: diverte tacometricamente (U-I).

A favorita do barba azul ▶

Falam coisas interessantes dêste gevacolor — novo processo de côr — francês dirigido por Christian Jaque, cineasta aceitável, às vêzes. Pierre Brasseur é o Barba Azul e Cécile Aubry é a sétima espôsa. Jacques Sernas comparece à farra (França Filmes).

SALA DE ESPERA

Por F. S.

AJUNTAMENTO na praça 15. Aproximo-me para ver o que houve. Um rapaz de côr preta, rodeado de caras e dedos acusadores, olha envergonhado para o chão.

— O que houve?

— Êste sujeito aqui. No bonde. Quando a mulher olhou... Ladrão!

— Ladrão não senhor — ousou protestar o prêto, erguendo a cabeça. — Não cheguei a roubar.

— Não chegou por que não deu tempo! Mas já viu só que atrevimento?

E o senhor gordo e meio calvo que o acusava segurou-o pelo pulso:

— Desta você não escapa. E o guarda? Já chamaram o guarda?

Ninguém se mexia para chamar o guarda. Todos, como eu, queriam saber apenas o que havia acontecido.

— Imagine o senhor — e o gordo acusador voltou-se para mim — que êste porcaria estava num bonde ao lado de uma senhora...

— Porcaria, não! — interrompeu o prêto.

— ... ao lado de uma senhora, e mete a mão na bolsa dela para furtar dinheiro. Se não fôsse eu estar olhando... Foi apanhado com a boca na... com a mão... com a bolsa na boca...

— Com a boca na botija — corrigi.

— Isto: na botija. Agora está dizendo que não houve nada, que não furtou. Ladrão! isto é que êle é. E o guarda? Onde está êsse guarda?

— Não disse que não houve nada — prontificou o prêto, cheio de dignidade — disse que não houve flagrante.

— E a mulher? Quede a mulher? E o bonde? — perguntava-se ao redor.

— O bonde foi embora — explicou o homem, tentando atender à curiosidade de todos que o cercavam. Consegui apanhar êste aqui tentando furtar...

— Não houve flagrante — repetiu o prêto, mais firme.

— Já viu só? — disse o homem, indignado, dando no seu prisioneiro um sacolejão. — Ainda insiste em dizer que não houve flagrante! Com flagrante ou sem flagrante você desta não escapa. Ladrão!

— É isso mesmo! — disseram várias vozes. — Leva! Leva!

— Lincha! — arriscavam-se outros. Para êle aprender!

— Espera, espera — interrompi o movimento que já ameaçava — afinal de contas o homem vai prêso, vamos deixar para a polícia resolver.

— A culpa não foi minha — disse o prêto, voltando-se agradecido para o meu lado.

— Não foi sua? — tornou o gordo, sempre a segurá-lo. — Ora essa é muito boa! Mete a mão na bolsa da mulher e ainda diz que a culpa não é dêle. De quem é a culpa, então?

— Da sociedade.

Todos os olhares se voltaram para o prêto quase respeitosamente estupefatos. O seu algoz voltou a quebrar o silêncio:

— Prêto sem-vergonha, você merece é apanhar.

E começou a sacudir violentamente o rapaz. Houve adesões e protestos. O movimento ameaçava degenerar em desordem.

— Num país civilizado não aconteceria isso — resmungava o prêto, sem perder a compostura, apesar dos empurrões e do perigo que corria.

— Num país civilizado você seria morto, cachorro.

Foi quando um cadilac começou a buzinar insistentemente junto ao agrupamento, pedindo passagem. O passageiro do cadillac outro senhor gordo e meio calvo, abaixou o vidro e inclinou-se para fora:

— **Psiu!** Oh Souto! O que você está fazendo aí?

O homem que segurava o prêto voltou-se vivamente ao chamado:

— Ah, Dr. Sampaio! O senhor? Eu... Êste homem aqui...

Largou o braço do prêto e enquanto êste se recompunha das sacudidelas, deu dois passos em direção ao carro:

— Imagine o senhor que apanhei aquêle tipo tentando roubar uma senhora... Mas o senhor por aqui? Vai para Copacabana?

— Vou. Entre aí.

Enquanto isso alguém sussurrava aos ouvidos do prêto:

— Aproveita agora, fuja.

Êste alguém era eu. O rapaz voltou-se para mim e olhou-me da cabeça aos pés:

— Fugir por que? Não fiz nada. Não houve flagrante.

O Dr. Sampaio abria naquele instante a porta de seu cadilac e o Souto entrava todo lampeiro, esquecido de sua vítima. O prêto pôs as mãos nos bolsos e afastou-se em passos lentos, sem ser molestado. A multidão foi-se espalhando aos poucos, entre risos e comentários. Não tendo mais o que ver, fui-me embora também.

★

E os jornais continuam a encher de espanto os leitores com as suas notícias. A mais espantosa, porém, coube ao "Diário Carioca", anunciando que o Itamarati resolveu designar para determinada função diplomática o Conselheiro Besta Vettori. E na mesma notícia diz-nos que o êrro corre por conta do "Diário Oficial", pois o nome do Conselheiro é **Beata**, e não como foi publicado naquele órgão.

★

NO prefácio de uma tradução de "Os Irmãos Karamazov" de Dostoiewski, lançado por uma editôra paulista, lemos mais ou menos o seguinte:

"Nesta tradução foram suprimidos alguns trechos por demais longos ou sem interêsse para o leitor em língua portuguêsa, a exemplo do que se fez na tradução francêsa da qual nos servimos. Assim procedemos visando tornar mais accessível a obra do grande escritor russo, na certeza de que ela é tão genial que resiste a tôdas as mutilações".

— ... como no tempo em que os navios portuguêses iam às Índias buscar especiarias — explicou meu amigo, trazendo argumento novo à discussão em que nos empenhávamos. Acontece, porém, que êle pronunciou "especiárias".

— EspeciaRIas — corrigi.

Êle ficou a olhar-me, apanhado em flagrante, e me lembrei de episódio idêntico em que feri com o mesmo êrro os ouvidos finos de Mário de Andrade. Caminhávamos juntos por uma rua de São Paulo, quando tirei do bolso um cachimbo e pús-me a enchê-lo de fumo. Era no tempo em que eu achava bonito fumar cachimbo.

— Como êste fumo é perfumado — observou êle.

— É: deve ser preparado com alguma especiária — comentei.

O comentário de si já era idiota. Êle se deteve, curioso:

— Por que você diz **especiária** e não **especiaria**?

Desconsertado, não dei o braço a torcer:

— Sempre ouvi falar **especiária** — menti cìnicamente.

— É curioso... — disse êle, pensativo. — Vou verificar. Vocês lá em Minas costumam às vêzes falar certo.

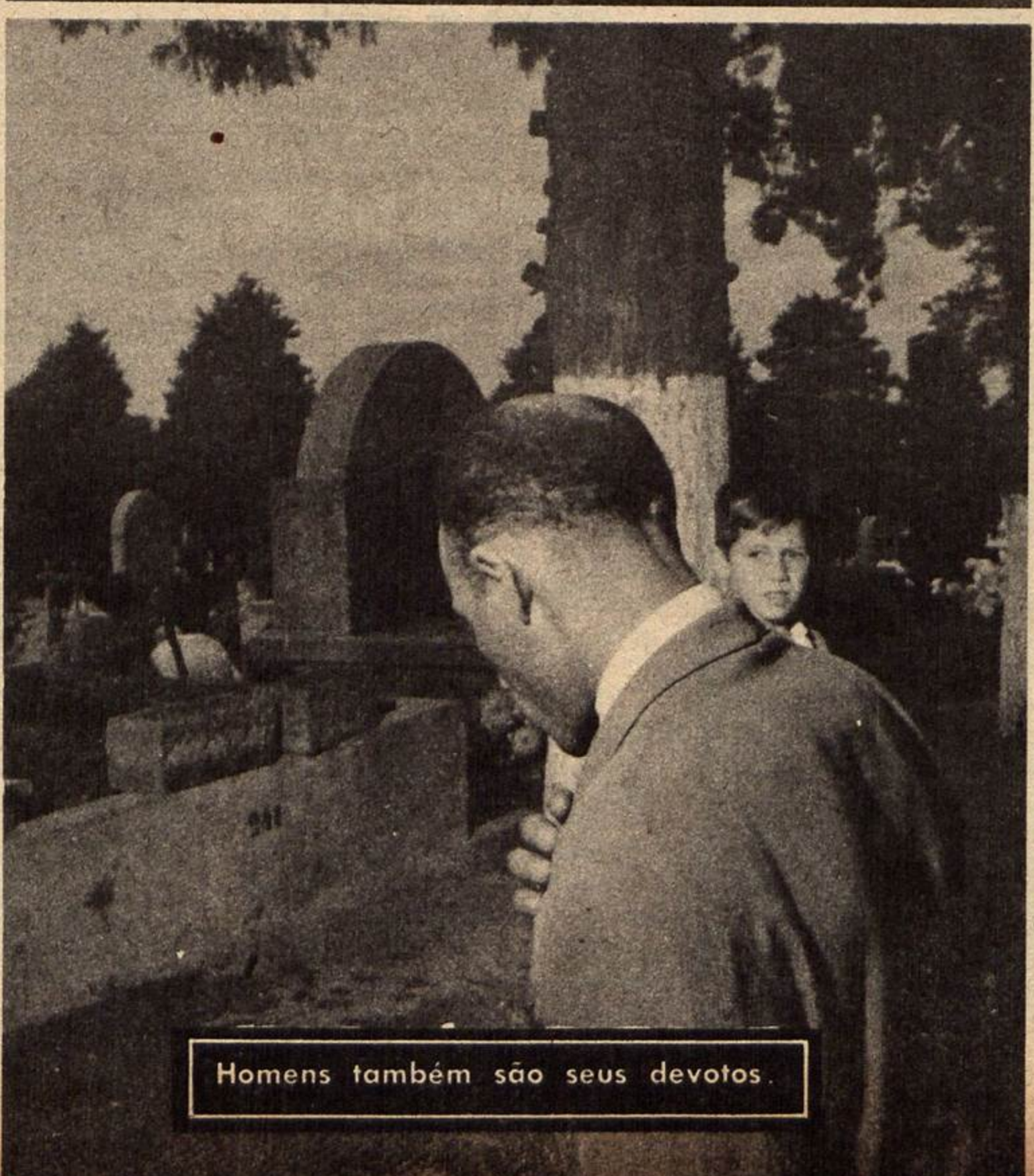
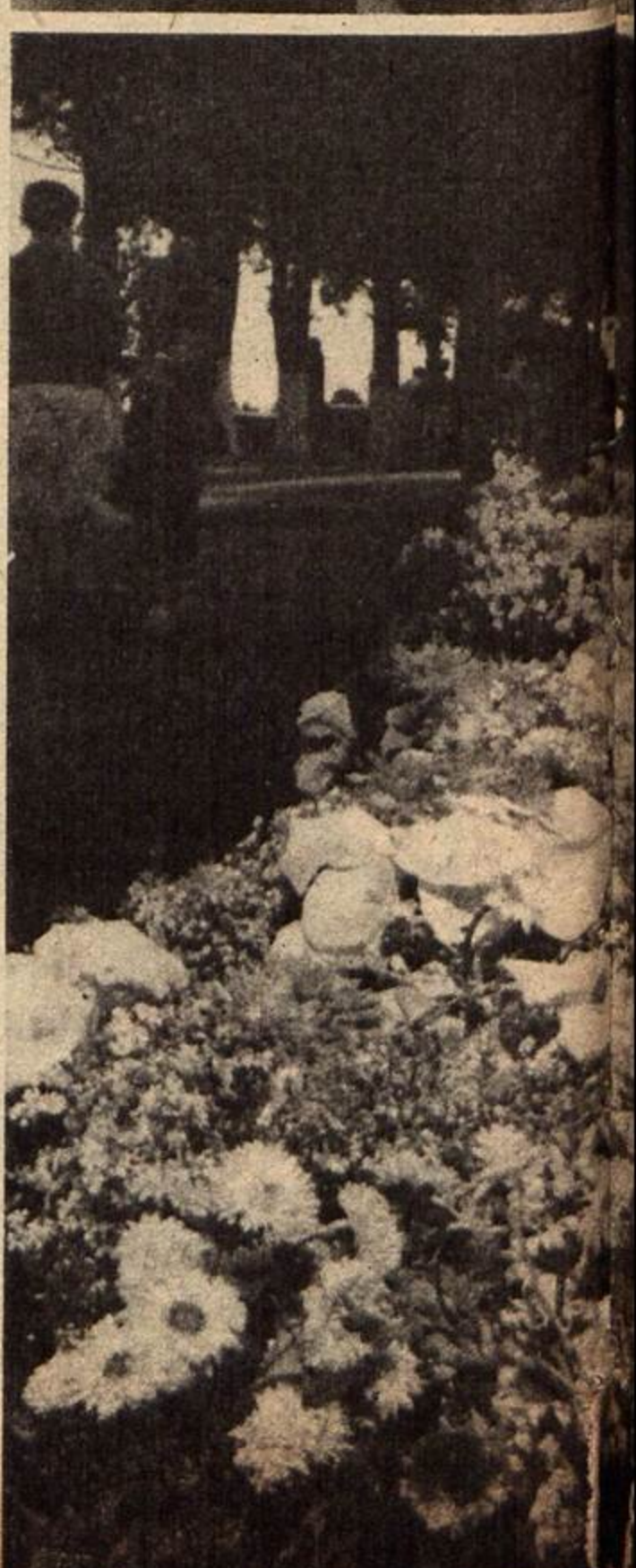
E para a minha aflição, puxando do bolso um caderninho, tomou nota.

A romaria ao túmulo é diária.

Duas canecas servem a todos.

Todos pedem e querem milagres.

A água cura tôdas as doencas.

Fila e paciência para rezar.

Homens também são seus devotos.

A água de Izildinha purifica.

Izildinha é o anjo das crianças.

Flôres para a menina Izildinha.

IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR.

O ANJO E O SEU SENHOR

Em São Paulo, os milagres da menina Izildinha vêm empolgando milhões e estruturando o mais completo trust das graças jamais suspeitado

Reportagem de *FREDERICO STERN* e *DARWIN BRANDÃO*

Omitidos, naturalmente, os maridos bilontras, para os quais as espôsas são sempre umas "santas" (na indulgência dos seus pecados), o comendador Constantino Castro Ribeiro é o único homem na face da terra a dispor de uma **autêntica** santa em família, cujos milagres aproveitam tanto a êle como a meio milhão de paulistanos. É que o feliz titular da Ordem dos Templários é irmão da menina Izildinha, "o anjo do senhor", a mais recente descoberta taumatúrgica da crendice popular. Uma portuguezinha de 13 anos, falecida em Portugal e que, encontrado o seu corpinho intacto na sepultura, 39 anos depois de morta, foi dada como santa e transportados os seus despojos para São Paulo.

O Comendador Constantino Castro Ribeiro (Tininho) é irmão e senhor do anjo Izildinha. Êle é quem escreve as orações, quem atende aos fieis, quem anota as graças e quem recolhe o dinheiro para a construção do futuro orfanato que abrigará crianças pobres.

Em tôrno dos milagres de Izildinha, avoluma-se, diàriamente, de maneira assombrosa, a onda de admiração das massas. Diante do seu túmulo, no cemitério São Paulo, desfilam os devotos em peregrinação constante, levando-lhe flôres, orações, relatórios de graças alcançadas e óbulos em profusão — os quais o comendador Castro Ribeiro recolhe piedosamente, para com

O prof. Rocha Pombo é um dos dirigentes da curiosa devoção. Gerente do jornal.

êles construir um orfanato-mausoléu, onde abrigar as crianças pobres e os ossinhos da defunta.

Ainda no dia 17 último, data do aniversário da morte de Izildinha, dia êsse que o comendador deseja ver santificado, extensas filas de devotos desfilaram ante o túmulo, numa peregrinação que durou 12 horas. Gente do povo, comerciários, funcionários públicos e até milionários — mais de 3 mil pessoas foram tributar a Izildinha o testemunho da sua fé. Mulheres humildes, empunhando os filhos ou com êles em forquilha nas ilhargas, chegaram de rôjo ao túmulo. Homens graves, de negro, pérola na gravata, levaram a revelação de graças obtidas.

Metódico e contábil, o comendador mantém rente ao túmulo um minucioso serviço de registro de graças.

— Nove mil cruzeiros mensais — esclarece o comendador — me custa a manutenção dêste pessoal.

São 4 funcionários, munidos de mesinhas e livros conta-corrente das graças e dos óbulos. Ali estão registrados mais de 5 mil milagres, muitos dos quais o comendador escriturou pessoalmente, com a sua letra grossa e um tanto trêmula. Ao lado dos livros, há também uma tendinha com medalhas de Izildinha, retratinhos, opúsculo com notícias biográficas, gravuras, velas em cujo balcão uma sobrinha do comendador atende à freguezia.

Compete aos funcionários, também, o cuidado com as flôres que se destinam ao túmulo:

Ao lado do túmulo da menina, há várias bancas funcionando. Esta recebe donativos em dinheiro e mensalidades do culto.

ajeitá-las nos canudos de fôlha de Flandres e ainda a renovação da água do pequeno barril de vidro que se encontra sôbre a lápide. Do barril se serve o povo, retirando a água em garrafas ou tomando-a ali mesmo, numa caneca de alumínio que passa de boca em boca. A água é "milagrosa", justifica o comendador — não há perigo de contágio. Até tuberculosos e leprosos tomam da mesma caneca.

O MILAGRE EM ESCALA COMERCIAL

A devoção por Izildinha começou em 1950, logo que as agências telegráficas internacionais divulgaram o milagre da sua não decomposição. O fato ocorreu na cidade de Guimarães, em Portugal, de onde procede o ilustre titular da Ordem dos Templários. Ao tomar conhecimento da notícia, o comendador, que já residia há 20 anos em São Paulo e que "era muito apegado à menina", decidiu importar os despojos. Explica êle que aqui se dedicava à indústria de cereais em conserva. O negócio ia bem. Com o advento, porém, dos primeiros milagres realizados sob a inspiração de Izildinha, em Guimarães, resolveu lançar no comércio um tipo de ervilhas com o nome da irmã. Deu-se, então, o milagre em escala co-

Duas senhoras, funcionárias do comendador, vendem os retratinhos de Izildinha.

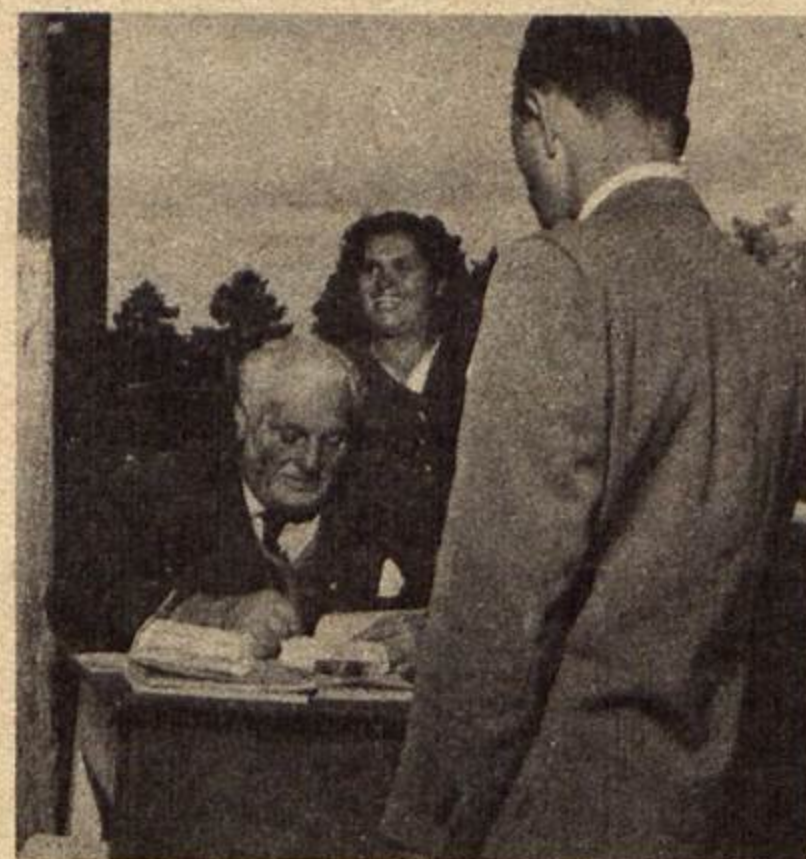
mercial, isto é, as "Ervilhas Izilda" alcançaram uma aceitação nunca vista. Tendo ganho bom dinheiro com o negócio, não vacilou mais: arrostou as despesas e trouxe os despojos da querida irmãzinha.

PATENTEOU A MARCA

Dado ao corpo sepultura condigna no Cemitério São Paulo, não cessaram as graças, as quais a imprensa ia registrando com grande alarde. Foi então que o comendador resolveu disciplinar os milagres. Instalou as mesinhas e os livros. Como o número de milagres e de óbulos crescia sempre, o comendador ("Tininho, era como ela me chamava") resolveu contratar com um jornal diário uma página de anúncios permanentes, a fim de escriturar com precisão as graças. Isso durou cêrca de 6 meses. Como o número de graças continuava a crescer, e consequentemente o número de óbulos, Tininho (com o perdão pela intimidade) deliberou lançar um jornal semanal — "Noticiário Paulista" — com o propósito de, com mais largueza, divulgar os feitos da irmã. Fundou também uma instituição, que já conta com cêrca de 500 sócios, todos êles assinante do jornal os quais pagam mensalmente à instituição quanto quiserem, contanto que não seja menos de 20 cruzeiros. Mas o "negócio" continuava a crescer ainda. Tanto que foi necessário montar escritórios, que tomam quase todo um andar em edifício central de São Paulo, contratar uma equipe de cobradores para a arrecadação dos óbulos e para correr o "Livro de Ouro" destinado à obtenção de fundos para a construção do orfanato-mausoléu. Mas o "negócio" cresce ainda. Porisso o comendador vai passar a editar o jornal diàriamente e está providenciando o loteamento de uns terrenos nos subúrbios da capital, onde localizará num dos lotes o orfanato e quanto aos outros lotes, naturalmente, valorizar-se-ão ràpidamente, transformando o local numa vila (são os planos do comendador), a qual terá o nome de Vila Izildinha.

No momento, Tininho está tratando da carta-patente da marca Izildinha e Izilda. Isso porque êle já verificou que indivíduos sem escrúpulos estão usando o nome da sua irmã para batizar casas comerciais e produtos industriais. Patenteando a marca — esclarece o comendador — todos quantos, no futuro, quiserem adotar o nome Izilda ou Izildinha para as suas farmácias, empórios ou arranha-céus, terão que lhe pagar uma certa taxa, que variará de acôrdo com a importância do empreendimento. A verba oriunda da patente, será revertida em obras de urbanização da Vila Izildinha.

— Tenho que providenciar tudo enquanto vivo — declara Tininho ao repórter. E eu sou muito meticuloso nos meus negócios.

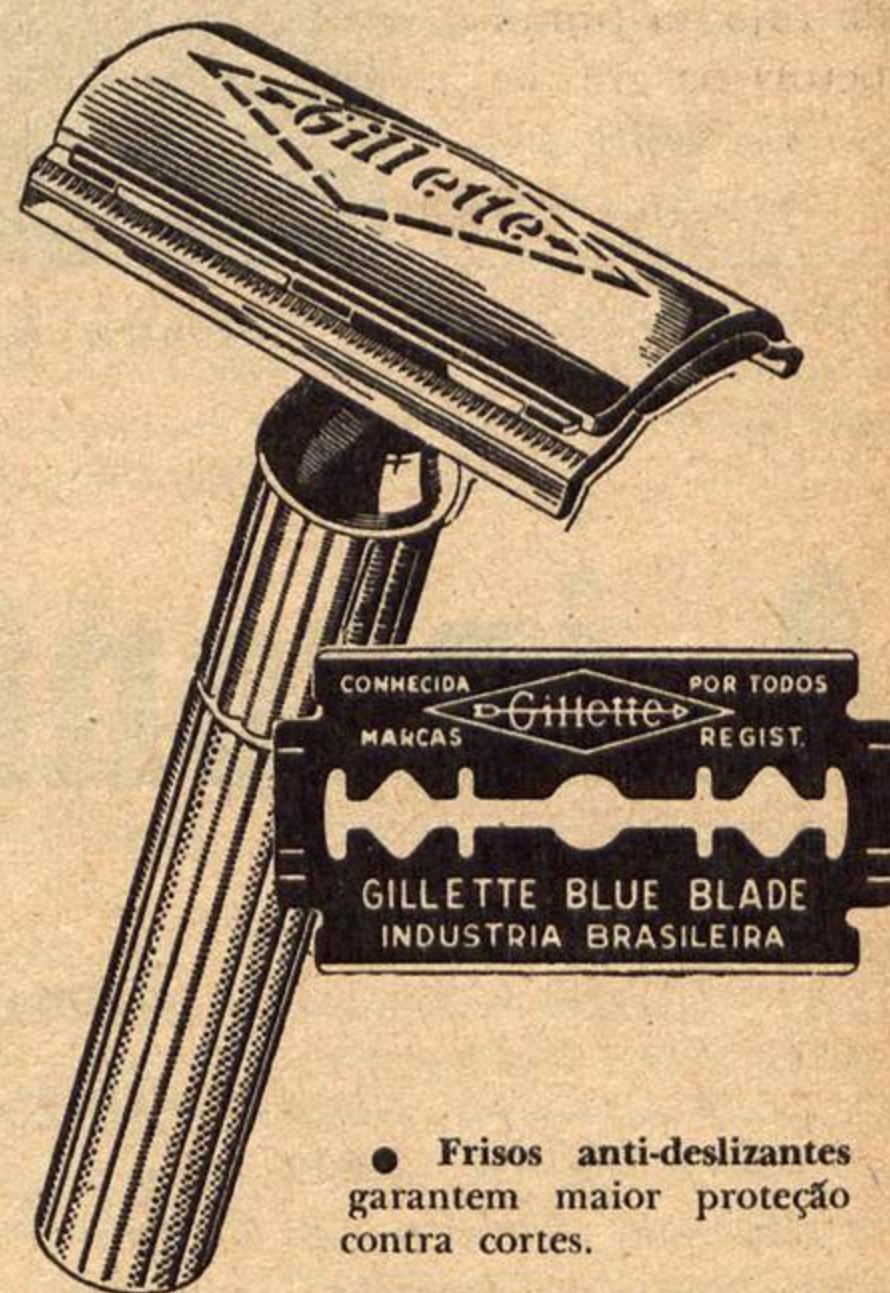
De fato, êle é muito meticuloso. Porisso, o repórter estranhou que não tivesse ainda cogitado de canonizar a irmã. Nada mais natural. Os milagres não estão aí atestando a sua santidade? E então? Tininho, porém, não quer saber de padre no "negócio" (devo esclarecer que o sr. comendador usa expressões comerciais muito correntemente, daí a razão do seu registro). É que, explica Tininho, se os padres se metessem, êle ficaria inibido na sua ação dinâmica. Teria de se contentar em ser espectador dos acontecimentos. Ademais, declara o comendador sem rebuços, não é razoável que sendo os milagres operados por pessoa da sua família, partam os óbulos para o Vaticano.

Nos escritórios ligados ao culto funcionam as caixinhas coletoras de óbulos destinadas à futura sede do orfanato-mausoléu.

— Negócios são negócios, devoção à parte. Não quero mal aos padres, mas, que diabo, êles são muito herméticos nos seus misteres!

O caso do comendador, como se vê, é único no mundo. Além do fato honroso de ter um anjo na família, as circunstâncias têm agido no sentido de fazer S. S. o seu Senhor.

Elixir da juventude

Por RICARDO SERRAN

Daqui a alguns anos, os que se entregarão à tarefa de pesquizar o passado, naturalmente vão encontrar no capítulo 1952 farto material para estudo. Neste décimo mês, já se pode dar uma espiada nos acontecimentos e tirar conclusões sôbre o deve e haver do futebol. Velhos capítulos de histórias de sempre, foram revividos, sem que deixassem de aparecer fatos novos para acrescentar aos muitos problemas do nosso esporte. A tarefa, portanto, não e das mais difíceis quando se tem diante dos olhos uma folha de papel e dezenas de teclas para dedilhar. Vai-se colocando as letras pretas na lauda imaculada e o assunto empresta completa ajuda. Para não dar um recuo grande no tempo, ficando nas prateleiras mais novas da memória, temos um recente Vasco e Flamengo, realizado no colosso do Maracanã. Foi outro dia, naquele domingo cheio de sol e de calor insuportável, no dia 28 de setembro. Não é preciso ficar assustado, não vamos falar dos detalhes técnicos da peleja, dos seus goals incríveis ou dos enganos que estragaram tantas esperanças. Nem se preocupem pois não haverá desvio para observações ditas filosóficas, com as indefectiveis frases bonitas ou o insuportável jôgo de palavras. O melhor, para não complicar um esporte por si difícil como técnica, é ficar com as lições simples das aulas das quatro linhas do campo. Houve quem se surpreendesse porque o favorito ganhou. Antes do match, era o Vasco a melhor indicação para a vitória; perdeu o Flamengo e muita gente não ficou conformada com a lógica de um resultado. Porque era um domingo de sol e de calor insuportável, os obstáculos do tempo eram colocados apenas para entravar as pretenções cruzmaltinas. Mas os velhos craques do Vasco souberam resistir, não só ao verão extemporâneo como à própria adversidade. Contra dois goals que não estavam num programa de um team de classe, encontraram a solução reagindo para retomar a vantagem no placard. Há os que falam em golpe de sorte, os que acreditam que o Flamengo afinal tenha sido vítima do destino. Isso porque o goal que foi o da vitória, nasceu de uma bola que na volta da trave tocou nas mãos de Garcia e tomou o caminho das rêdes. No mundo do futebol, nunca faltam explicações para as derrotas e auto-elogios para as vitórias. Fala-se em destino e apenas o que estava marcado é que o Vasco tinha melhor preparo para os noventa minutos do match. Em determinado momento, quando o veterano Barbosa andou complicando as coisas, o team esteve perdido em campo, perto mesmo da derrota. Mas o pior passou e quando chegou a hora da segunda metade do encontro, o Vasco estava de plena posse de seu poderio. Ficando inteiro para a fase decisiva, lògicamente tinha de acabar vencedor. Dizem que o team de São Januário ficou velho, que os seus cracks famosos já batem à porta do museu. Dizem, mas o quadro vascaino está escrevendo as coisas de forma diferente e no local apropriado para os testes legítimos. Não se sabe a fórmula do elixir de Gentil Cardoso, embora sinta-se que houve um adiamento no adeus dos veteranos cruzmaltinos. Quando os entendidos preparavam-se para fazer literatice em torno do fim de carreira de Augusto, Ely, Danilo, Ademir e Chico, ei-los correndo num dia africano, transferindo para outra época a despedida do futebol. O São Pedro do futebol ainda não sabe a data certa para assinalar no calendário, marcando o encerramento das atividades dos famosos scratchmen brasileiros. E por isso é que o Flamengo, porejando esperanças, parou diante do que se pode chamar de juventude eterna futebolística dos cracks cruzmaltinos. Para os rubro-negros que sòmente agora estão caminhando para formar um esquadrão, o Vasco ainda é team superior. Restava saber como se comportariam os seus jogadores diante das exigências de um esforço de noventa minutos. O físico dos vascainos aceitou as obrigações da dura disputa e foram muito novos do Flamengo que se curvaram ante a maior experiência do adversário. É bom não esquecer que o Vasco subiu com a direção dos mestres Ondino Vieira, Flávio Costa, e hoje, Gentil Cardoso. Começou trabalhando há mais de dez anos, colhendo resultados à partir de 45. Uma escola de craques, servida de bom dinheiro para as remodelações. O sol, às vêzes, esconde-se em nuvens passageiras, mas quando brilha em São Januário é difícil para os adversários esperar outra coisa além de derrota.

Carmen Santos como apareceu em "Inconfidência Mineira" seu mais famoso filme.

A inconfidente Carmen Santos

Portuguêsa de nascimento e pioneira do cinema brasileiro – Rebelde, teimosa e obstinada – 48 de idade e 32 de Cinema – Morreu em plena atividade.

Reportagem de CARLOS MOREIRA

Na mesma semana em que a nossa música popular perdia a sua maior figura, (o seresteiro Francisco Alves), o cinema nacional via também desaparecer uma de suas expressões mais significativas: Carmen Santos. Portuguêsa de nascimento, Carmen Santos foi, sem dúvida, a grande pioneira do cinema brasileiro. Bonita, inteligente e estudiosa, Maria do Carmo Gonçalves Seabra (seu nome verdadeiro) teve origem humilde, e alcançou fama e prestígio nacionais graças ao seu talento e aos seus esforços próprios. Ex-balconista do antigo Parc Royal, apareceu pela primeira vez na tela como estrêla do filme **"Urutau"** dirigido por um americano de nome William Jansen. Em 1920. Depois vieram outros, muitos outros: "A Carne", extraído do famoso romance de Júlio Ribeiro, "Mulher", "Sangue Mineiro", "Inconfidência Mineira", "Cidade Mulher", "Argila".

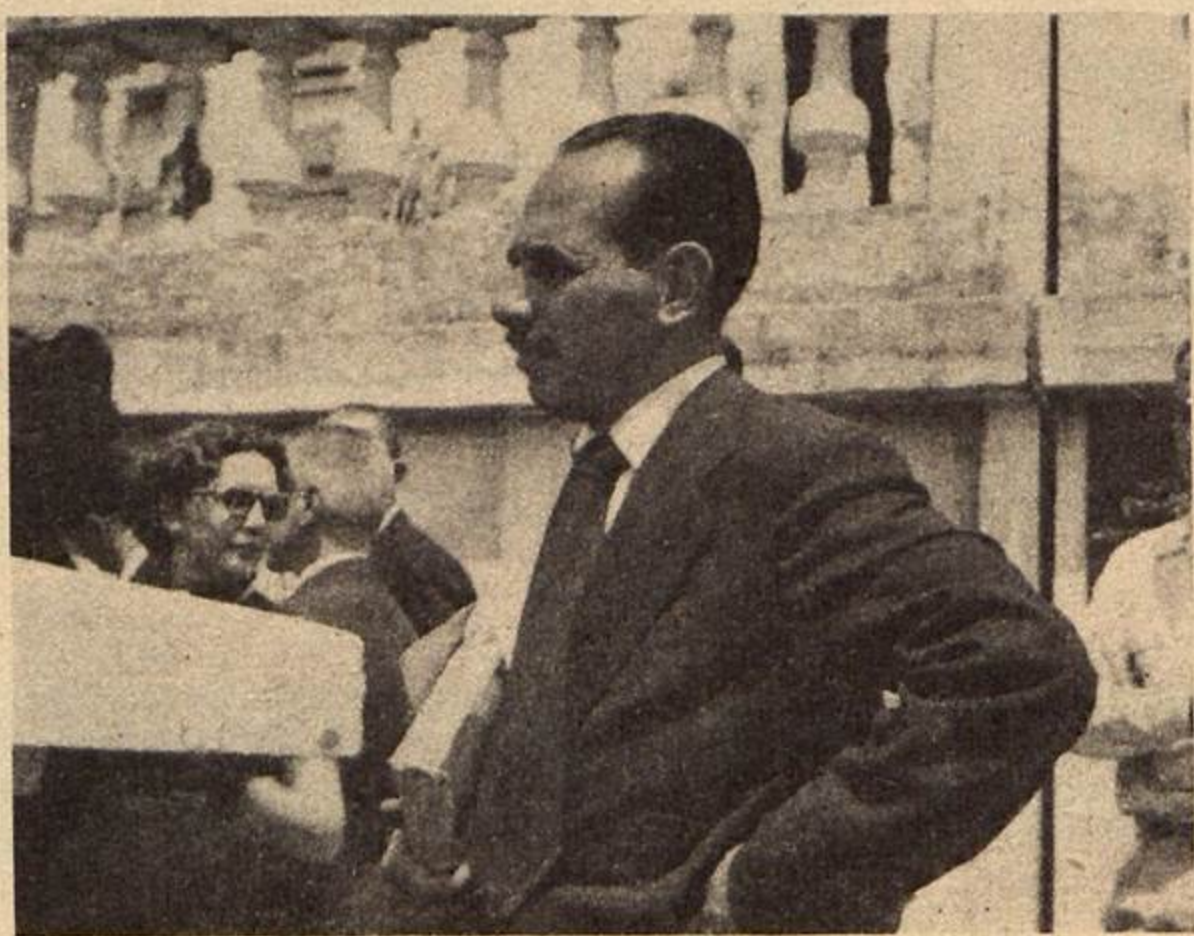
Garantido seu sucesso como estrêla, Carmen idealizou aquilo que na época não era mais do que um sonho: o cinema como indústria. Ligou-se profissionalmente a Humberto Mauro, que ela descobrira em Minas e juntos realizaram um dos melhores filmes nacionais de todos os tempos, "Favela dos Meus Amores", com argumento de Henrique Pongetti. Nêle, Carmen, além de produtora, foi também estrêla. Seus planos sempre foram fantásticos. Para realizar "Onde a Terra Acaba", sob a direção de Mário Peixoto, Carmen Santos construiu na Marambaia uma verdadeira cidade do cinema. O filme, infelizmente, nunca foi concluido.

A obra à qual Carmen dedicou o melhor de seu talento e a quase totalidade dos seus bens, foi "Inconfidência Mineira". 13 anos de trabalho, dirigido e interpretado pela artista. Três "Tiradentes" trabalha-

ram no filme, pois durante a longa filmagem dois dêles morreram, resultando daí as substituições. Finalmente coube a Rodolfo Mayer fazer o principal papel masculino, mas o filme ficou muito aquém das ambições e dos desejos de sua idealizadora.

Em tôda a sua vida de cineasta, Carmen descobriu e revelou valores que hoje brilham no cinema brasileiro: atores, diretores, cinegrafistas. Armando Louzada, Rodolfo Mayer, Leo Marten e Edgard Brasil são descobertas suas. Foi também a atriz nacional mais fotografada. Tinha mesmo um fotógrafo exclusivo, Musso, profissional que teve grande cartaz no país. Musso chegou a bater duzentos fotos diárias de Carmen.

Carmen Santos desapareceu aos 48 anos de idade, quando se realizava no Rio de Janeiro o I Congresso Brasileiro de Cinema, organizado para discutir os problemas e as necessidades de uma indústria que sempre foi a grande paixão da artista. Seu esfôrço valeu, contudo. O cinema nacional hoje, estrutura-se como indústria, os estúdios produzem aceleradamente, os primeiros filmes começam a ser exibidos para platéias internacionais. E embora se possa discordar do conteudo artístico dos filmes de Carmen, não se pode negar a sua posição de pioneira.

Os colegas de Carmen Santos prestaram-lhe justas e merecidas homenagens. Seu velório proporcionou um desfile sem fim dos maiores nomes da cinematografia indígena. As estrêlas e os astros, os diretores e os fotógrafos, todos levaram a Carmen seu último adeus. E no cemitério São João Batista também não faltou ninguém. Muitos, como Watson Macedo, não puderam reprimir as lágrimas: choraram a morte daquela cuja vida foi a própria história das primeiras lutas e vitórias do cinema brasileiro.

Rui Santos, o grande cinegrafista brasileiro, falou à beira do tumulo. Recordou a vida de Carmen Santos, desde o seu aparecimento.

Todo o mundo cinematográfico despediu-se de Carmen Santos, a grande pioneira do cinema nacional, que desapareceu aos 48 anos.

Moacir Fenelon e Walter Silveira compareceram ao cemitério para prestar à grande artista a homenagem do Congresso Nacional de cinema.

Colcha de RETALHOS

Os cartazes espalhados pela cidade anunciando o recital da dançarina parodista Cilli Wang, traziam uma estranhíssima figura que não se sabia ao certo o que seria... Uma figura metade pássaro, metade girafa, metade forma abstrata, metade mulher. Mas mais estranho, mais esquisito ainda que o anúncio era o programa! Cada número tinha nome e apelido, ou melhor título e subtítulo sugestivamente explicativo como certas novelas e folhetins.

Por exemplo, a dança "Marianka" era também "Cuidado com Marianka — Não é o que parece!" e o "Soldado Estufado" chamava-se igualmente "Pode-se soprar uma bolha, mas aí arrebenta"! O segundo nome do número "A Voz do dono" era "Êste cachorro precisa consultar um psiquiatra", e o do "Filhote de Coruja" era "Quando êste pintinho quebrou a casca nasceu um gênio". A explicação de "A Camareira" era "A patrôa disse-lhe que devia limpar os vidros até ficarem transparentes como o ar. Ela faz o possível. Porém, será bem sucedida?" Conceda-lhe uma lágrima", e "A Girafa" trazia como sub-título "Esta criatura é quase um animal".

Compreende-se portanto que depois dos cartazes e do programa inédito, fôsse grande a expectativa curiosa reinante no Municipal, que por sinal se encheu para ver e aplaudir Cilli Wang, dançarina parodista!

Como sempre acontece, houve quem gostasse e quem odiasse, quem batesse frenéticas palmas e quem saisse no meio chorando os cruzeiros do ingresso, quem risse a bandeiras despregadas e quem permanecesse imperturbàvelmente sério não achando graça nenhuma. A crítica reconhecendo as grandes qualidades artísticas da bailarina e sua indiscutível maestria em tão difícil gênero de dança, declarou contudo tratar-se mais de um espetáculo próprio para music-hall, revistas, cassinos do que para um recital de mais de uma dúzia de números.

A crítica a meu ver, está com a razão. O mundo criado pela figura, metade abstração, metade girafa, metade pássaro e metade mulher, ora soldado gordo, ora pintinho de coruja, ora pintor, ora perdigueiro, ora camponeza do Tyrol, a intérprete mais parecendo marionete do que bailarina, é apesar de muitas vêzes irresistìvelmente cômico e inteligentemente engraçado, um mundo um tanto ou quanto monótono...

Mas de qualquer maneira encerra uma grande, uma sábia lição que talvez não tenha sido compreendida pela maioria do público, mas que foi expressa pela própria Cilli Wang numa entrevista explicativa "Minha dança refere-se ao lado humorístico das dificuldades da vida". O lado humorístico das dificuldades da vida! Como seríamos mais felizes, como viveríamos melhor, como tudo seria mais fácil e lindo, se soubéssemos rir, nem que fôsse só um pouquinhozinho de nada, das dificuldades da vida!...

Numa recente pastoral, Sua Santidade o Papa, falando a respeito da vida nos conventos, referiu-se aos trajes das freiras, explicando que poderiam ser modernizados, tornados mais práticos e adaptados às necessidades da vida atual.

Já o ano passado uma pequena ordem de religiosas norte americanas, freiras que não só trabalhavam no campo, como também guiavam e concertavam elas próprias a caminhonete do convento, rebelando-se contra os tradicionais, cumpridos e pesados hábitos, pediu à famosa costureira Hattie Carneggie o desenho de um vestido mais cômodo. Hattie Carneggie acedeu prontamente, e as freirinhas encantadas adotaram logo o modêlo oferecido, uma espécie de tailleur cinza, de lã no inverno, de mescla no verão, com mangas arregaçáveis e a saia terminando no meio da perna.

Seguirão as comunidades religiosas o conselho do Papa e o exemplo das americanas? Não resta dúvida que sob muitos pontos de vista seria uma coisa ótima, excelente, altamente recomendável, sobretudo num clima como o nosso... Lembro-me que quando era menina e estava no colégio tinha uma pena louca das freiras pensando no horrível calor que deveriam sentir, cobertas de lã preta dos pés à cabeça... Mas por mais que a inteligência e o bom senso mostrem o acêrto da idéia, cuja adoção generalizada, será, estou certa, apenas uma questão de mais ou menos tempo, não se pode deixar de sentir uma certa estranheza, de achar esquisito...

E' tolice, é bobagem, é pura convenção. Em muitos países do mundo os padres andam sem batina, mas é difícil pensar numa freira sem ser vestida de freira... Numa irmã de caridade sem esvoaçantes asas brancas, numa madre do Sacré-Coeur com roupa diferente da que foi usada desde a fundação... A natureza humana é assim mesmo... Não houve quem não achasse formidável a idéia da modernização dos hábitos das religiosas. Mas no fundo, de coração será que gostaríamos de vê-la concretizada?

MAIS uma semana vivida. Mais uma semana empurrada silenciosamente para fora do tempo. Semana triste com o crépe da morte envolvendo os corpos de Carmen Santos e Francisco Alves.

Carmen Santos cansada de lutar pelo cinema nacional. Um cinema que nunca existiu. Que viveu apenas no seu sonho eterno de insatisfeita desbravadora. 50 anos de lutas, agora transformados em recordações.

Francisco Alves morrendo brutalmente num desastre de automóvel, mobilizou tôda a cidade para o seu entêrro. As dramáticas circunstâncias de sua morte, e a atmosfera psicológica criada por tôdas as estações de rádio, recordando durante o dia todo os maiores sucessos do grande violeiro, contribuiram para a apoteose espantosa que foi o seu entêrro. O espetáculo do povo acompanhando aos milhares o corpo do seu cantor popular, dificilmente poderá ser igualado, ou esquecido. Foi uma crise emocional, uma explosão de sentimento, de um povo que apesar de tudo, teima em não perder a sensibilidade.

E era povo mesmo. Gente de todos os lugares e de tôdas as condições sociais. Do subúrbio, do centro, de Copacabana. Homens e mulheres, velhos e crianças, durante tôda a madrugada, velaram o corpo do grande cantor. E não arredaram pé, vencendo a canseira e as dificuldades, para acompanhar Francisco Alves, levar-lhe uma flôr, chorar uma lágrima, dar-lhe o último adeus.

•

Dos Estados Unidos vem a notícia que há um novo movimento contra os russos provocado ainda pela troca de prisioneiros na Coréia. Pelas contas americanas são 12.000. Os russos dizem que em seu poder estão apenas 3.100. Há gritos na imprensa, no Parlamento e nas ruas. Vozes alteradas, de todos os lados, cruzam-se num pedido único: represalias contra os russos.

E a paz vai ficando mais distante.

E a guerra fria vai esquentando.

Ainda de Nova Iorque chega uma declaração sensacional. Do Cardeal Spellmann, reconhecendo que há realmente desequilíbrio social e que é forçoso dar ao trabalhador a posição econômica que merece. E conquista completamente o coração de Barnabé, quando diz — numa linguagem que espanta os nossos broncos policiais — que o trabalhador deve ter casa própria, geladeira e automóvel.

E Barnabé, de olhos fechados, já se sente guiando um conversível pela Avenida Atlântica, olhando arrevezado para as "boas" que dão sopa na areia. E quando no boteco, alguns amigos discutem a última derrota do Flamengo e a contusão do Pinheiro, não toma parte na discussão. E espanta todo mundo quando diz que não se interessa por essas coisas. Agora é socialista cristão e vai estudar a evolução econômica da história.

•

Os empregados da Light querem aumento de salários. Quem não quer? O Flamengo foi derrotado pelo Vasco, Genuino não vem mais para o Madureira, enquanto o matutino com ar meio irritado informa na primeira página, que "o govêrno desmente, mas Danton insiste". Em que, por obséquio?

Stalin agonizante — mais uma vez — Eisenhower e Truman discutem pela imprensa por causa de suposto suborno, o Rio de Janeiro vai ficar sem leite — influência da falta dágua — e Munhoz da Rocha, do fundo do Paraná, grita que é contra a reforma da Constituição.

Mas grito mais real e lancinante é o do pobre operário, que patético, implora: "Volta, Irene, antes que eu morra".

Ela não volta. Mas a vida segue o seu curso.

UM ASSUNTO E TRES RESPOSTAS

É possível baixar o custo da vida?

CARLOS BRANDÃO

PRESIDENTE DA ASS. COMERCIAL

A baixa dos preços das mercadorias depende de fatores que estão fora do contrôle dos homens de emprêsa, como impostos e salários. Há uma forte tendência nos projetos de lei, federais, estaduais e municipais, de aumentar os impostos, inclusive sob a forma de empréstimos compulsórios, que apresentam característicos tributários. Sempre que se projeta uma lei, para resolver determinado problema, cria-se um impôsto ou taxa, ou mesmo várias taxas, para financiar a solução, e lançam-se as bases de mais um órgão, que pode ter o nome de comissão, ou instituto, a fim de gerir o fundo, alimentado pelos tributos projetados.

Uma campanha para aumentar a oferta de mercadorias, único meio de fazer com que baixem os preços (supondo-se que a procura continue no mesmo nível ou cresça em proporção menor que a oferta), encontra dois obstáculos principais: falta de energia e de transportes.

Reconhecemos que os Govêrnos federal e estaduais estão empenhados em ampliar os transportes e a produção nacional de energia elétrica. Recente trabalho do Conselho Nacional de Economia sugere os meios de remover as condições que dificultam o encaminhamento de capitais para investimentos em energia elétrica.

Se os impostos não se elevarem, o poder do povo, de adquirir gêneros de primeira necessidade e outros bens proporcionados pelas atividades econômicas, irá aumentando, na medida em que se concretizem em resultados visíveis, as providências governamentais no sentido de promover o desenvolvimento dos transportes e da produção de energia.

HEITOR BELTRÃO

DEPUTADO

Meu velho amigo Cabello assegurou mesmo resolver o asfixiante problema da carestia até janeiro próximo? Deve ser "surmenage". Do contrário êle não afirmaria isso, pois é homem inteligente. Êle está disfarçando por dever do cargo, por honra da firma. Aceitou em má hora o posto mirabolante de suplente despistador, como lugar-tenente do invicto campeão nacional de promessas, sr. Getúlio Vargas. Êste é doente incurável de desvarios políticos, autor, inimitável de historietas da miséria em quadrinhos côr de rosa, pelotiqueiro sorridente de esperanças burladas, com figurinhas coloridas para uso popular, super-milionário do ar demagógico, onde paira, desde 1930, da fuzelagem do seu charuto voador, contando já quase 17 anos de vôo acrobático — enfim, a grande anedota brasileira. Cabello sabe que por inepcia administrativa a produção não produz, os transportes não transportam, o crédito não dá crédito, os preços sobem, os impostos e taxas crescem, cada dia mais, sem nenhuma significação socio-política. Assim, os preços da vida, por isso e por outros motivos, subiram em 4 anos, quanto a gêneros alimentícios, mais de 72%. A inflação inflando e impando a mais não poder, o Brasil devendo a si mesmo e ao mundo inteiro, a confiança no govêrno já morta e enterrada, apesar de o Congresso lhe ter concedido tôdas as medidas solicitadas. Como quer então Cabello, o mágico desventurado, e como êle espera, graças à alquimia de sua atribulada COFAP, acabar com tudo isso e fazer-nos entrar no desejado reino da fartura e do bem estar dentro do "curto período" de 105 dias? Ah! Se Deus de misericórdia o ouvisse! Mas não. Seria abuso de milagre. Cabello não se parece, infelizmente, com as fadas. Nem dispõe de varinha miraculosa. Nem pode modificar tão depressa o negro panorama. A situação não é mesmo boa, primo...

BENJAMIM S. CABELLO

PRESIDENTE DA COFAP

É. Havendo produção suficiente o custo de vida baixará automàticamente pelo menos na parte de cereais. O que ocorreu êste ano foi uma anormalidade. Além da queda da produção em conseqüência das sêcas que assolaram as regiões produtoras do sul, existe a grande sêca do Nordeste que nos obriga a abastecer uma região que antigamente produzia mais de metade de seu próprio consumo com os escassos gêneros do sul. Um desequilíbrio dêsses tinha necessàriamente que produzir os seus efeitos sôbre os preços em geral.

Pena de morte

O apêlo do deputado sra. Conceição Santamaria ao Ministro da Justiça ★ Francisco Negrão de Lima: "Sou favorável à pena de morte para os tarados" ★ Pesquizas mundiais sôbre a opinião pública ★ A pena de morte no estrangeiro ★ 10 respostas colhidas nos diferentes setores de atividade social no Brasil ★ Hamilton Mariz e Barros: "A pena de morte não acaba com o crime, mas acaba com os criminosos" ★ Evandro Lins e Silva: "A pena de morte não soluciona o problema da criminalidade" ★ Até onde vai o direito de matar.

Reportagem de MARQUES PINHEIRO e ANTONIO ROCHA

A sra. Conceição Santamaria, deputado trabalhista da Assembléia Legislativa de São Paulo (PTB), fez um apêlo ao Ministro da Justiça, sr. Francisco Negrão de Lima, no sentido de estabelecer a pena de morte para os tarados. Particularmente, o Ministro declara que é favorável à pena de morte para os tarados. "A experiência demonstrou que êsse tipo de criminoso é irrecuperável". E acrescentou que êste é um tema muito delicado, uma vez que pode chocar o sentimento católico da nossa gente. Além do mais, isso implicaria na reforma constitucional da Carta Magna, cujo item referente à pena de morte está legislado — mas não regulamentado. Tudo isso veio tornar mais atual a nunca positivamente decidida questão da aplicação da pena de morte no Brasil. Questão delicadíssima, que se divide em duas partes acentuadamente fortes (a do contra e a do a favor), ela implica uma série de considerações e agita as várias correntes de opiniões que formam as bases da sociedade humana, na sua forma atual. Aplicada ou não, em diversos países do mundo — e das formas mais diversas — nunca se tem certeza de estar ao lado da verdade. Para isso, era preciso que uma grande e desproporcional maioria se manifestasse contra ou a favor. E não é o que acontece.

★

Na Austrália (pena de morte por enforcamento) foi feita uma pesquisa entre a opinião pública: 52% da população manifestou-se a favor; 48% contra. Nos Estados Unidos, em 1936, todos os Estados pronunciaram-se a favor, com exceção da Nova Inglaterra, com uma percentagem de 6% contra. (A pena de morte é aplicada nos E.E. U.U. de várias formas, de acôrdo com o Estado: cadeira elétrica, fôrca, câmara de gás, etc. Em alguns Estados não existe mais). Na Grã-Bretanha (enforcamento) em 38, o resultado foi de 55% a favor e 45% contra. Na Suécia (desde 1921 não vigora mais) numa pesquisa feita exclusivamente entre homens, em 42, o resultado final foi êste: 44% a favor da execução dos traidores da pátria, 25% contra; 32% a favor da execução nos assassínios premeditados, 32% contra — e o restante indiferente. Nesse mesmo país, numa pesquisa entre mulheres, 34% manifestaram-se a favor da execução dos traidores da pátria, 24% contra; 23% a favor da

SIM

Hamilton Moraes e Barros

Juiz

— O problema, de rara complexidade, é do legislador e não do juiz. O assunto, que pode assumir caráter polêmico, já deixou de ser matéria opinativa, podendo ser tratada com seguros critérios doutrinários e científicos.

Embora conhecendo as respeitáveis razões em contrário, desde o piedoso esfôrço de Becaria, sou pela instituição da pena de morte e por sua extensão, no Brasil, a certos crimes comuns, uma vez que já está prevista para a legislação militar em tempo de guerra. O culto e ponderado Ministério Público de Minas Gerais, aliás, em congresso, já pediu a providência.

Creio ser ponto pacífico que devemos aumentar a segurança individual e coletiva, detendo a brutal onda de crimes.

Malfeitores de tôda ordem assaltam, perturbam e eliminam e vemos a sociedade inquieta e violentada, humilhada e ofendida, desarmada diante dêles.

Dir-se-á que a pena de morte não acaba com o crime. É certo. Mas acaba com os criminosos e já é grande coisa.

No Rio, há mais de um homicídio por dia, enquanto que Londres, quatro vêzes maior, não vê quarenta por ano...

Há um assassino e assaltante aqui, tratado pela imprensa como herói e galã, que, se não me falha a memória, já matou onze pessoas. Houvesse a pena de morte, se a recebesse no primeiro ou no segundo caso, dez ou nove vidas teriam sido poupadas, ou talvez êle mesmo estivesse pacatamente no seu bairro, e não surgisse no macabro estrelato.

Só há um argumento sério em contrário: a irreparabilidade de um êrro judiciário, possível, mas pouco provável e de ocorrência raríssima e episódica.

Além disto, pena de morte não é panacéia, mas remédio heróico, para os grandes crimes, de cuidadosa aplicação.

O efeito da pena não é emendar o criminoso, alvo meio quimérico, mas intimidar os que pretendem delinquir, criando e fortalecendo inibições.

Não é demais relembrar que nos países onde se vota o maior respeito ao homem e mais visceral é o culto e a prática das liberdades, onde a polícia não usa armas, aí a pena de morte existe para os crimes comuns, exatamente porque a dignidade e a incolumidade do homem se devem resguardar de qualquer atentado.

Pena de morte

O apêlo do deputado sra. Conceição Santamaria ao Ministro da Justiça ★ Francisco Negrão de Lima: "Sou favorável à pena de morte para os tarados" ★ Pesquizas mundiais sôbre a opinião pública ★ A pena de morte no estrangeiro ★ 10 respostas colhidas nos diferentes setores de atividade social no Brasil ★ Hamilton Mariz e Barros: "A pena de morte não acaba com o crime, mas acaba com os criminosos" ★ Evandro Lins e Silva: "A pena de morte não soluciona o problema da criminalidade" ★ Até onde vai o direito de matar.

Reportagem de MARQUES PINHEIRO e ANTONIO ROCHA

A sra. Conceição Santamaria, deputado trabalhista da Assembléia Legislativa de São Paulo (PTB), fez um apêlo ao Ministro da Justiça, sr. Francisco Negrão de Lima, no sentido de estabelecer a pena de morte para os tarados. Particularmente, o Ministro declara que é favorável à pena de morte para os tarados. "A experiência demonstrou que êsse tipo de criminoso é irrecuperável". E acrescentou que êste é um tema muito delicado, uma vez que pode chocar o sentimento católico da nossa gente. Além do mais, isso implicaria na reforma constitucional da Carta Magna, cujo item referente à pena de morte está legislado — mas não regulamentado. Tudo isso veio tornar mais atual a nunca positivamente decidida questão da aplicação da pena de morte no Brasil. Questão delicadíssima, que se divide em duas partes acentuadamente fortes (a do contra e a do a favor), ela implica uma série de considerações e agita as várias correntes de opiniões que formam as bases da sociedade humana, na sua forma atual. Aplicada ou não, em diversos países do mundo — e das formas mais diversas — nunca se tem certeza de estar ao lado da verdade. Para isso, era preciso que uma grande e desproporcional maioria se manifestasse contra ou a favor. E não é o que acontece.

★

Na Austrália (pena de morte por enforcamento) foi feita uma pesquisa entre a opinião pública: 52% da população manifestou-se a favor; 48% contra. Nos Estados Unidos, em 1936, todos os Estados pronunciaram-se a favor, com exceção da Nova Inglaterra, com uma percentagem de 6% contra. (A pena de morte é aplicada nos E.E. U.U. de várias formas, de acôrdo com o Estado: cadeira elétrica, fôrca, câmara de gás, etc. Em alguns Estados não existe mais). Na Grã-Bretanha (enforcamento) em 38, o resultado foi de 55% a favor e 45% contra. Na Suécia (desde 1921 não vigora mais) numa pesquisa feita exclusivamente entre homens, em 42, o resultado final foi êste: 44% a favor da execução dos traidores da pátria, 25% contra; 32% a favor da execução nos assassínios premeditados, 32% contra — e o restante indiferente. Nesse mesmo país, numa pesquisa entre mulheres, 34% manifestaram-se a favor da execução dos traidores da pátria, 24% contra; 23% a favor da

Hamilton Moraes e Barros

Juiz

— O problema, de rara complexidade, é do legislador e não do juiz. O assunto, que pode assumir caráter polêmico, já deixou de ser matéria opinativa, podendo ser tratada com seguros critérios doutrinários e científicos.

Embora conhecendo as respeitáveis razões em contrário, desde o piedoso esfôrço de Becaria, sou pela instituição da pena de morte e por sua extensão, no Brasil, a certos crimes comuns, uma vez que já está prevista para a legislação militar em tempo de guerra. O culto e ponderado Ministério Público de Minas Gerais, aliás, em congresso, já pediu a providência.

Creio ser ponto pacífico que devemos aumentar a segurança individual e coletiva, detendo a brutal onda de crimes.

Malfeitores de tôda ordem assaltam, perturbam e eliminam e vemos a sociedade inquieta e violentada, humilhada e ofendida, desarmada diante dêles.

Dir-se-á que a pena de morte não acaba com o crime. É certo. Mas acaba com os criminosos e já é grande coisa.

No Rio, há mais de um homicídio por dia, enquanto que Londres, quatro vêzes maior, não vê quarenta por ano...

Há um assassino e assaltante aqui, tratado pela imprensa como herói e galã, que, se não me falha a memória, já matou onze pessoas. Houvesse a pena de morte, se a recebesse no primeiro ou no segundo caso, dez ou nove vidas teriam sido poupadas, ou talvez êle mesmo estivesse pacatamente no seu bairro, e não surgisse no macabro estrelato.

Só há um argumento sério em contrário: a irreparabilidade de um êrro judiciário, possível, mas pouco provável e de ocorrência raríssima e episódica.

Além disto, pena de morte não é panacéia, mas remédio heróico, para os grandes crimes, de cuidadosa aplicação.

O efeito da pena não é emendar o criminoso, alvo meio quimérico, mas intimidar os que pretendem delinquir, criando e fortalecendo inibições.

Não é demais relembrar que nos países onde se vota o maior respeito ao homem e mais visceral é o culto e a prática das liberdades, onde a polícia não usa armas, aí a pena de morte existe para os crimes comuns, exatamente porque a dignidade e a incolumidade do homem se devem resguardar de qualquer atentado.

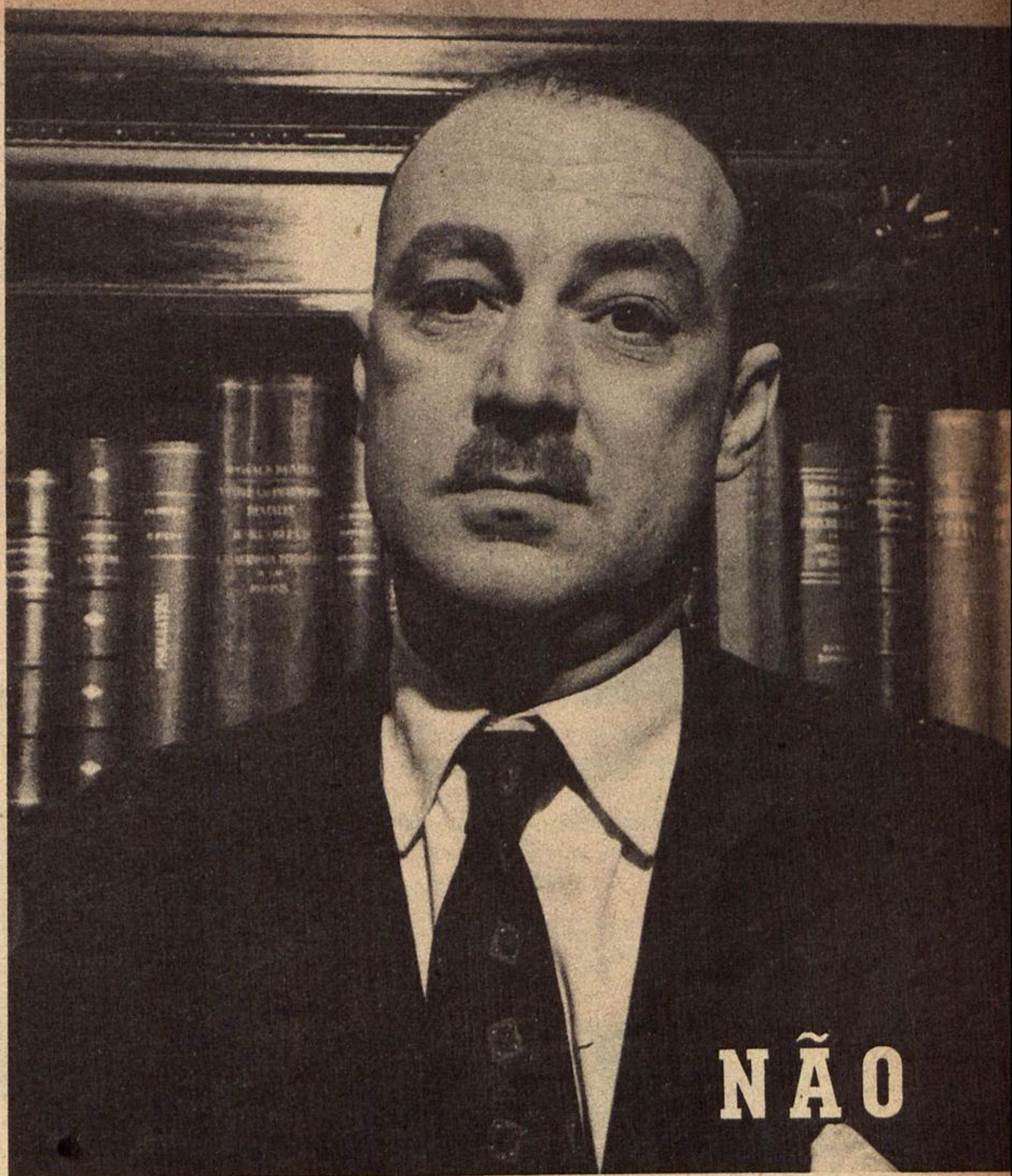
no Brasil ?

execução nos assassínios premeditados, 30% contra — e o restante indiferente. Na Dinamarca (onde a pena de morte foi abolida desde 1930) em 45, 54,5% são contra a sua reintrodução, 32,9% a favor — e o restante indiferente. Na Holanda (abolida há 80 anos) em 1945, 73% são a favor, 22% contra e o restante indiferente. Na França usa-se a guilhotina; na Alemanha Oriental fusilamentos para soldados, decapitação para civis, e forca para crimes políticos; no Canadá, enforcamento; na Espanha, enforcamento e fusilamento. Em Portugal não se aplica a pena de morte; na Alemanha Ocidental, abolida desde 45; na Itália, abolida em 48 pelo art. 27 da nova constituiçao italiana; na Suiça, abolida há 20 anos.

✶

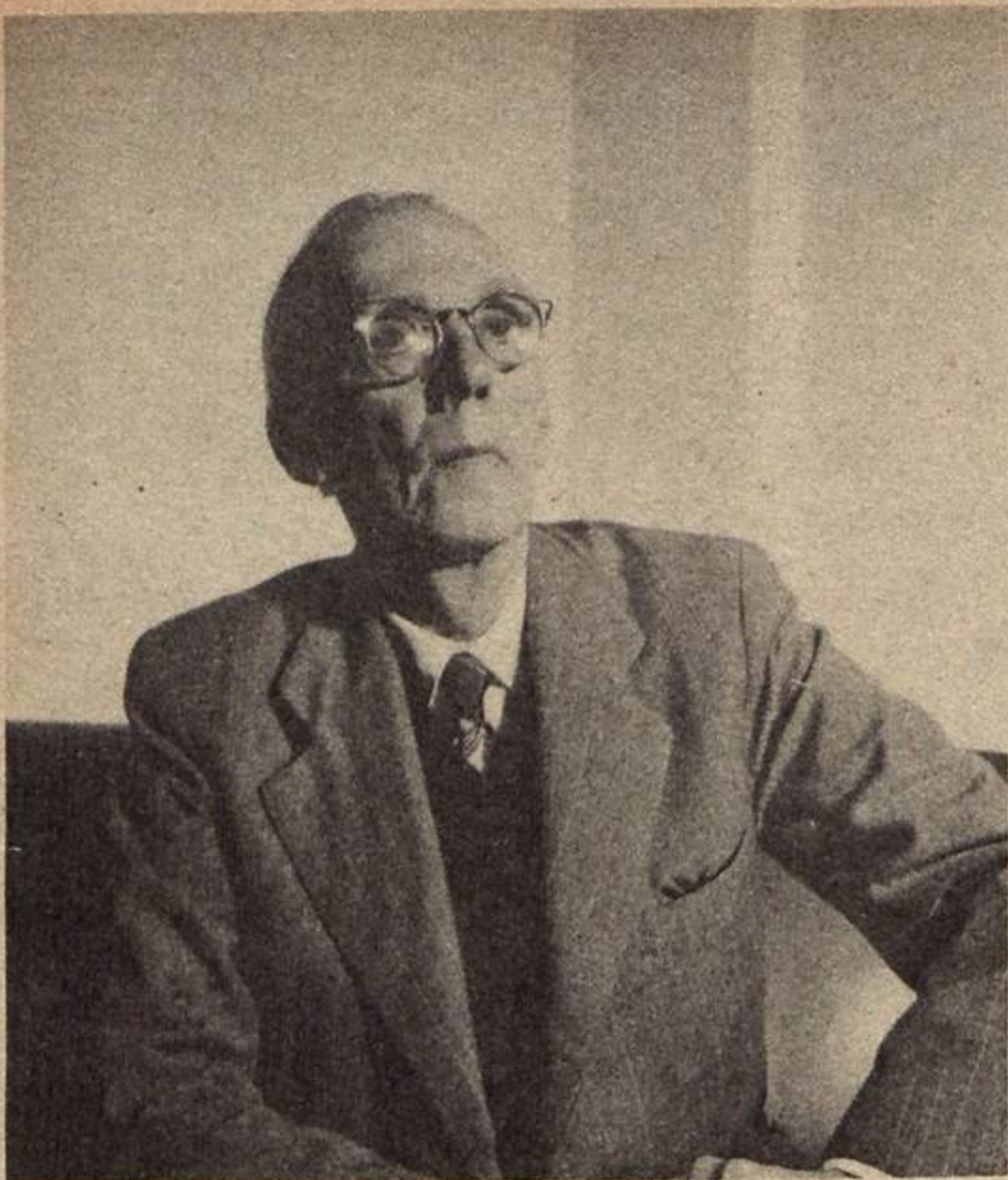
No Brasil, de acôrdo com a Constituição de 46, não há pena de morte — a não ser para crimes militares de excepcional gravidade e exclusivamente em tempo de guerra. Prevista também pela Carta de 37 (exclusivamente para homicídios com mostras de crueldade extrema), depois de um longo período de inexistência, durante tôda a velha República, a pena máxima não foi, todavia, aplicada a nenhum caso depois dêsse período. Segundo uma pesquisa feita ainda êste ano pelo Ibope, entre homens e mulheres do Rio e São Paulo, ficou constatado o seguinte resultado: No Rio, 52,2% a favor, 28,1% contra e 14,2% não opinaram. As mulheres de ambas as cidades aprovam mais moderadamente a aplicação da pena de morte aos assassinos.

O Rio de Janeiro, particularmente, é uma das cidades do mundo onde mais se mata. Média de 3 crimes de morte por dia. Freqüentemente, um caso domina a atenção pública, nos cabeçalhos dos jornais. O criminoso, favorecido pelas diligências erradas da polícia e pelo sentido de sensacionalismo que lhe imprime parte da imprensa, transforma-se quase sempre em herói. Se é bem verdade que, em qualquer parte do mundo, inocentes são condenados, é também verdade que muitos criminosos permanecem impunes. O que prova que nem tudo é perfeito. Nem mesmo a Justiça. Mas até onde, apurada a verdade, chega a responsabilidade de um crime de morte? Ao ponto de perder a vida? Evidentemente, o problema encerra em si uma série de considerações, tôdas elas respeitáveis. Porque nenhum de nós, homens da sociedade e a própria Justiça, tem o direito de matar. Mas se mata. Se a pena de morte fôsse aplicada como medida de repressão ao crime (a vida pela vida) — e é um dos argumentos invocados pelos que são a favor — temos certeza de que a quase totalidade das opiniões contrárias não hesitaria também em admiti-la. Como também estamos certos de que os que vetam tal medida se baseiam com firmeza na hipótese (bem admirável, aliás) dos prováveis "erros judiciários" — infelizmente irreparáveis com a pena de morte. No entanto, independente dêstes argumentos básicos que formam o grosso das duas correntes, uma série interminável de ponderações pode ser feita. Para isso, procuramos algumas sumidades nos mais diversos setores da atividade humana e cujas profissões estão ligadas direta ou indiretamente à defesa da sociedade contra o próprio homem. E vice-versa. Ninguém melhor do que êles para opinar. E ninguém melhor do que os leitores para julgar suas opiniões.

NÃO

Danilo Perestrello

Psicanalista

— Dado o enorme contingente subjetivo que participa em todo julgamento, qualquer pena irrevogável parece-me absurda e a morte é, sem dúvida, a mais irrevogável das penas. Pelo simples fato de representarem a justiça não têm os homens direito de dispor da vida de qualquer semelhante. Nem mesmo no caso de crimes de morte. Seria um retrocesso à lei de Talião.

Nenhuma escola criminológica ou psicológica atual deixa de encarar o criminoso como um doente. A própria prisão do criminoso, no sentido de castigá-lo, torna-se porém um contra-senso, a não ser que se tenha a iniquidade de pensar que o castigo pode curar alguém. A reclusão do criminoso só pode ser compreendida como **medida de segurança**, como meio de proteção da sociedade; jamais como punição. A prova do fracasso dos meios primitivos como medida saneadora dos delitos está nas reincidências que todos os dias assistimos. Parece mesmo que em certa categoria de delinquentes o castigo aumenta sua propensão ao crime. Refiro-me aos "criminosos por sentimento de culpa" que a psicanálise tão bem conhece. Movidos pela culpa são levados ao crime e por necessidade de castigo buscam inconscientemente a pena (indícios, auto-traição, compulsão à confissão). São os tipos Raskolnikoff tão bem simbolizados neste personagem de Dostoiewsky. Por paradoxal que pareça, a pena de morte viria apenas agravar o problema, atraí-los ainda mais ao delito. E depois, tudo criminoso é pouco Raskolnikoff. Todos nós psicanalistas sabemos que o castigo ao contrário de ser evitado pelo criminoso é até procurado por êle Inconscientemente o deseja para aliviar os sentimentos de culpa oriundos de uma infância conflituosa. Nos casos em que êstes sentimentos assumem grande intensidade, a pena de morte, ao contrário de evitar o delito, o estimulará ainda mais. Sòmente em nossos dias em que a agressividade e o sadismo humanos alcançaram formas tão requintadas é que se compreende que se cogite de pena de morte em nosso país. Parece que seus apologistas necessitam do criminoso para vingarem-se nêle das tendências anti-sociais e criminosas que abrigam dentro de si próprios sob a forma latente. O criminoso, como doente, precisa de tratamento, compreensão. Com castigo não se cura ninguém. Desejar a morte é o máximo de ódio que se pode expressar a alguém e sôbre o ódio nada se conseguiu construir neste mundo. Nós psicanalistas sabemos que sòmente o amor pode edificar — curar portanto — e a pena de morte não parece ser filha do amor...

Professor Lemos Britto

Presidente do Conselho Penitenciário

— Sou contrário à pena capital, com a única exceção ditada pela legislação militar, em tempo de guerra, nos casos de provada traição que ponha em perigo a sorte de um exército ou a própria segurança nacional. É a única exceção que abro ao princípio da inaplicabilidade da pena de morte aos criminosos comuns, já que em relação aos políticos sempre considerei tal pena a maior monstruosidade jurídica da História. Sei que numerosos juristas aceitam essa pena para os casos de crimes revestidos de crueldade ou reveladores de alta perigosidade. O próprio Guizot, que nos deixou uma das mais lúcidas argumentações contra essa pena em relação aos criminosos políticos, aceitava-a quanto aos comuns, admitindo sua eficácia moral, seja pelo temor que impõe, seja porque, aí, ao contrário do que acontece na chamada delinqüência política, a opinião pública unânime aceita o fato incriminando como uma transgressão realmente merecedora de severa punição. Para mim, e a história dessa pena não dá margem a dúvidas, ela não produz qualquer dos resultados invocados, além de poder recair sôbre um inocente, sem possibilidades de reparação. Os leitores da revista MANCHETE já não precisarão que invoque o famoso caso do Correio de Lyon, executado por um homicídio que não praticara. Nem outros casos célebres de êrro judiciário irreparável. Têm à mão o caso recente de Minas, dos dois irmãos condenados por um crime bárbaro a que foram inteiramente estranhos. Com a pena de prisão, foi ainda possível corrigir o êrro judiciário. Com a de morte, não seria. E os êrros ou excessos de rigor penal são mais comuns do que parecem. Outro aspecto da questão: — Recomendam os partidários da pena de morte sua aplicação nos casos de crimes que revelem ferocidade ou ausência de sentimentos de honra e piedade Serão os casos dos "monstros", de que fala a imprensa. O recente caso de São Paulo, do estrangulador de crianças e mulheres, com a profanação sexual dos cadáveres, parece robustecer essa opinião. Trata-se, porém de um degenerado, ou de um louco moral, agindo em obediência a instintos primários perversíssimos, de um anormal, enfim. De qualquer maneira, um enfermo, e se como tal merece a pena eliminatória extrema, o argumento levará forçosamente ao preconício desta sanção eliminatória para todos os loucos que pratiquem desatinos dêsse ou de outro gênero. — Isto nos conduziria aos tempos em que se punia a loucura com a fogueira ou com as masmorras, permanentemente acorrentados os infelizes, cousas estas tão monstruosas que arrancaram lágrimas e brados de protesto aos São Francisco de Assis, aos Pinel e aos Howard, quando, em épocas diferentes, baixaram até êsses incríveis horrores. Além disto, a opinião pública no Brasil sempre foi hostil a essa pena, e antes que a riscássemos do Código o Imperador Pedro II passou a comutá-la, em obediência ao sentimento popular. Convém refletir em que o clamor por medidas extremas se faz sentir quando ocorrem certos crimes que abalam e revoltam a sociedade. Como, porém, já fazia sentir Prins, nada mais perigoso e desaconselhável que realizar essas reformas sob a pressão de tais sentimentos, momentaneamente sublevados. A meu ver é sempre possível a recuperação do delinquente, por mais terríveis que sejam seus crimes. A questão é aplicar-lhes métodos compatíveis com sua personalidade, suas tendências ou sua enfermidade mental. Para os resistentes a tais métodos de cura ou recuperação, fornece a lei penal a medida de segurança detentiva e o regime penitenciário dispõe de meios de individualização do tratamento e de segregação especial e permanente. Sou, pois, contra a pena de morte.

Roberto Lyra

Penalista

— Em 451 anos, a contar da "descoberta" do Brasil, a pena de morte só deixou de figurar, entre os meios oficiais de combate ao crime comum, durante 47 anos, isto é, de 1890 até a Carta de 1937 e da Constituição de 1946.. Até quando?

Mesmo depois da independência política vigorou o Livro V das Ordenações do Reino e, entre as penas com que brindavam a Vara da Justiça, alistavam-se "a morte natural, a morte natural para sempre, a morte natural cruelmente (auto-crítica não faltava) e a morte pelo fogo — até ser feito o condenado em pó, para que nunca de seu corpo à sepultura pudesse haver memória.

O Código de 1830 previa a pena de morte na fôrca. O condenado, "com seu vestido ordinário", era conduzido "pelas ruas mais públicas". O porteiro ia lendo em voz alta a sentença. O entêrro dos enforcados não poderia ser pomposo, sob pena de prisão por um mês ou a um ano. Na mulher prenhe não se executaria a pena de morte, senão quarenta dias depois do parto...

A Constituição de 1891 manteve a pena de morte prevista na legislação militar em tempo de guerra (fusilamento) e a de 1934, esclarecendo dúvidas quanto à guerra civil, precisou: guerra com país estrangeiro. A Carta de 1937 facultava a pena de morte para certos crimes políticos e sociais e, também, para o homicídio cometido por motivo fútil e com extremos de perversidade. A lei "constitucional" n.º 1 tornou imperativa a aplicação e, para o homicídio, deixou de exigir as duas condições — motivo fútil e extremos de perversidade. Num ou noutro caso seria aplicada. A lei de segurança (nacional?) de 18 de maio de 1938, dois dias depois da emenda "constitucional", à época do chamado "putch" integralista, estabelecera o fusilamento. Ninguém foi fusilado. Nem os criminosos de guerra que orientaram os submarinos alemães para a matança de mulheres e crianças brasileiras em nossas águas. Sòmente a dois "pracinhas" foi aplicada a pena de morte, felizmente não executada. Depois veio a justa comutação. Espiões e traidores mereceram a graça.

Está encerrada a controvérsia, mais sentimental do que intelectual, mais política do que jurídica, sôbre a pena de morte. Se o 5.º mandamento não conseguiu mesmo com a ameaça de inferno vitalício, evitar até nos tempos do direito divino as churrascadas inquisitoriais, de que valeria o ideário dos abolicionistas? E aí estão os novos sacrifícios que só diferem pela técnica. As correntes e os fogões passaram a ser elétricos.

O que resta a indagar é o seguinte: em última análise, para defender o que, a quem conceder o instrumento heróico? Pena de morte para a defesa dos privilégios que são a negação do direito? Pena de morte para armar, ainda mais, as imunidades? Em nome de que verdade ou de que utilidade?

Os técnicos do direito, com os olhos nas manchetes sensacionalistas e nas estatísticas superficiais, falam de homicídios insignificantes em face dos que se praticam, impunemente, contra massas de inocentes. Mas, para dominá-los, é preciso lançar o coração nas profundezas humanas e sociais.

Da pior pena de morte não se lembram os sentimentais de glândulas que limpam à porta do cinema as lágrimas provocadas pelo "mocinho" e vão gozar; da que se executa contra os honestos, os trabalhadores, os estudiosos — sub-alimentados pelos gêneros envenados, contra as crianças em ôsso, contra os traumatizados pela miséria, pela perseguição, pela injustiça. É a morte lenta de multidões vitimadas pela ganância ou pela usura, pelo egoísmo ou pela ambição. Acumulam-se a fraude e a violência, pelos motivos mais tôrpes, e contra os mais operosos, os mais fecundos.

A "pena de morte" está em pleno vigor no Brasil e, no entanto, não faz chorar os que ensopam lenços pela punição de um inimigo do progresso, da cultura e da paz, de um responsável pela morte por atacado. Eis os maiores "crimes contra a humanidade".

Interpretemos a fundo as estatísticas da nati-mortalidade e da mortalidade infantil — as verdadeiras estatísticas criminais — de famintos, sedentos, doentes, exaustos, explorados e oprimidos.

Matam por omissão e até por ação, obrigando os desesperados a abôrtos, infanticídios, suicídios, forçando às degradações, coagindo à morte moral. O que fazem os responsáveis sociais por êstes sacrifícios incomparáveis é o papel de carrascos.

Evandro Lins e Silva

Criminalista

— Sempre fui e continuo sendo contra a pena de morte. Em duas palavras justifico minha posição: a pena de morte não soluciona o problema da criminalidade, como se pode ver pelo exemplo dos países que a adotam. Depois, ela é irreparável, e, por isso, em caso de êrro, não se pode corrigi-la.

O meu ponto de vista, a respeito da pena de morte, não é apenas sentimental. É que, segundo penso, as razões que dão causa ao aumento da criminalidade não se eliminam com a supressão da vida do delinqüente. Antes de encarar a repressão do crime, devemos levar em conta a sua prevenção, atacando a matéria de frente e não com paliativos. A miséria, as doenças, as desigualdades, o abandono da infância desvalida, o desemprêgo, as guerras, etc., são os fatores que provocam os desajustamentos sociais e o crime. Combatendo êsses fatores, com energia e firmeza, teremos colaborado para a redução do índice da criminalidade. A pena de morte não é sequer um paliativo — é uma monstruosidade.

J. B. Cordeiro Guerra

Ex-Promotor, atual Curador

— Não sou partidário da pena de morte. Ela é irreparável e afasta a idéia da recuperação dos delinqüentes. Para mim, a vida humana é inviolável, tanto para o indivíduo, como para o Estado.

Sòmente a necessidade imperiosa e irremovível a justifica. Em nosso meio, de delinquentes rústicos e humildes, fàcilmente intimidáveis, senão recuperáveis, com um sistema penitenciário de austeridade e trabalho, a sua introdução teria efeitos desastrosos sôbre a repressão penal.

De fato, se é difícil punir-se quem mata com alguns poucos anos de prisão, qual seria o jurado que condenaria um acusado de homicídio à pena de morte?

— Seria mais uma lei para não ser cumprida.

A solução é outra. É cumprir e fazer cumprir a Lei que já existe, e que é boa; sem vacilações, sem preferismos; educar e construir; reduzir, senão anular, o sensacionalismo deletério e malsão. Evitar, enfim, o endeusamento do criminoso, o que, infelizmente, anda em voga.

A solidariedade, o sentimento bom do povo, deve ir para os que sofrem e não para os que fazem sofrer.

Estou do lado das vítimas. Não das vitimas hipotéticas: mas dequelas reais, das que morreram.

Olympio de Mello

Cônego

— Não é admissível, no Brasil, a pena de morte. Deixamos de parte, para não repisar as mesmas razões, os graves inconvenientes já por tantas vêzes apontados por juristas brasileiros a respeito do assunto, entre outros os referentes à irreparabilidade da sentença que decretasse a pena capital.

País onde a lei ainda não tem o devido acatamento, e onde a Justiça é ainda tão desprezada, a instituição da pena de morte traria consigo terríveis conseqüências.

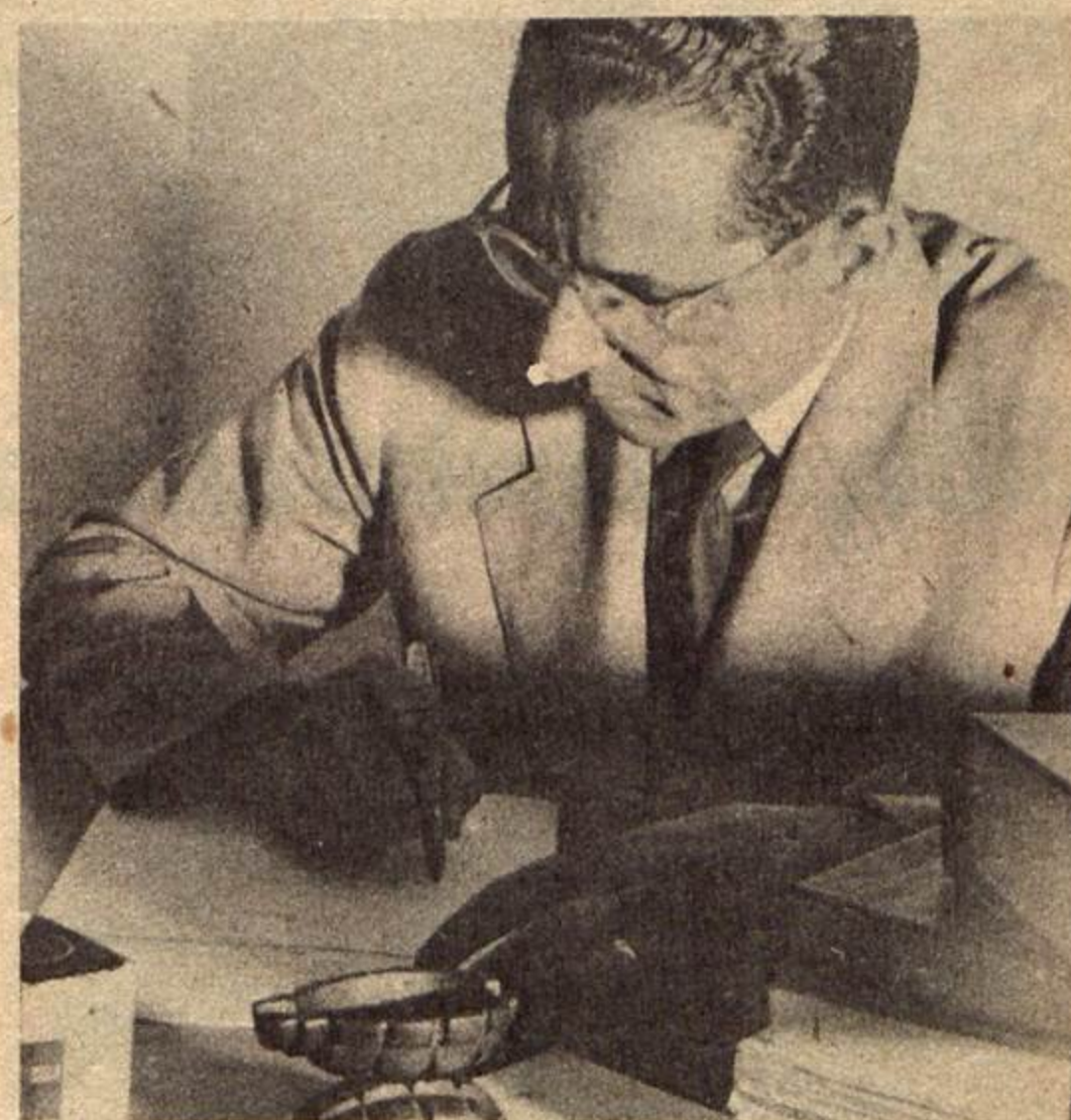
No Brasil a pena de morte seria utilizada, isto sim, como arma política, instrumento terrível e ameaçador como a espada de Damocles. E como arma para fins políticos, deixaria de ter a sua verdadeira finalidade punitiva.

L. A. Costa Pinto

Sociólogo

— Sou contra o restabelecimento da pena de morte no Brasil. Como forma de punição ela é hoje tão superada quanto a idéia lombrosiana de "criminoso nato" e tão irracional quanto a fundamentação da pena na idéia de "expiação", de medievalesca memória. O fundamento científico do sistema penal moderno é a noção de **re-educação, de re-adaptação** do criminoso às normas e pautas de conduta socialmente aprovadas. Essa plasticidade, essa educabilidade todo ser humano a possui, pois é atributo inherente à espécie **Homo Sapiens,** à qual o delinquente não deixa de pertencer pelo fato de haver desrespeitado a lei penal.

É sintomático que num país em que, ainda nos nossos dias, encontra-se no parlamento a maioria necessária para derrotar um projeto de lei de divórcio — encontre éco a idéia de se aprovar uma lei de pena de morte. Bastaria essa linha de nefasta coerência para antecipadamente nos estarrecer ante o provável uso que acaso fariam de tal recurso extremo, se acaso o obtivessem, os pais da idéia e eventuais beneficiários dela. O comportamento criminoso é um autêntico produto dos fatores sociais que o engendram. Porque os que se revelam tão desembaraçados no sugerir uma lei de pena de morte — mostram-se tão tímidos na hora de aplicar medidas consequentes contra as causas sociais do crime? De minha parte, estou convencido de que isso ocorre por algo mais do que mera coincidência...

Disse e repito: sou contra o restabelecimento da pena de morte no Brasil.

Cyro dos Anjos

Escritor

— Sou contra. Razões? Há muitas. Um êrro judiciário é sempre possível. Verificado o êrro, como reparar o dano feito à vida? Para os criminosos, que hajam delinquido com requintes de perversidade, haveria o recurso à prisão perpétua, se assim entendessem os legisladores. Quer se encare a pena como punição, quer a consideremos como um meio de defesa da sociedade, a reclusão por tôda a vida resolveria o problema. Em tais condições, a prisão é o pior castigo. Há muitas coisas piores do que a morte, diz-nos Sócrates, na famosa página de Platão.

Se se trata de um tarado, cabe à sociedade recolhê-lo a um manicômio. Se não, pode haver esperança de recuperar o criminoso. Mas, o espaço é curto para nos alongarmos em considerações. As razões do sentimento são melhores do que as da inteligência. E o sentimento leva-me a repelir a pena de morte. A vida é um dom de Deus, não deve o homem atentar contra ela. Até o sacrifício de um animal ou de uma planta me repugna. Como sacrificar o homem?

Billy, o costureiro que despe

Billy Livingstone é provàvelmente o mais famoso costureiro do teatro de revista norte-americano. Sua grande especialidade consiste em criar vestidos mais para "tirar" que para "pôr", pois é dono de imaginação e habilidade extremas na difícil arte

O Conde de Dalkeith, 28 anos, e Miss Jane MacNeill, 22, anunciaram há pouco o seu noivado. Lord Dalkeith é um dos amigos mais íntimos da Princêsa Margaret.

Na recepção do Marechal Tito ao casal Anthony Eden, apareceu em público pela primeira vez a jovem e nova Madame Tito, Jovanka Bros (centro), que tem 28 anos.

MODA PROGRESSISTA

"Se lhes acontecer passeiarem pelas ruas de Paris, Roma ou Nova Iorque" — escreve o jornal tchecoslovaco **Svet Sovetu** — "vocês notarão que as mulheres têm tôdas o mesmo aspecto; e isto porque elas seguem cegamente, como escravas, os ditames da última moda. Os vestidos das mulheres soviéticas, ao contrário, são elegantes, mas não excêntricos ou uniformes. Nem Paris, nem Londres têm o que quer que seja para ensinar a Moscou no terreno da moda. Nos países do decadente capitalismo, tudo está em declínio, incluídos a moda e o gôsto. O ocaso da civilização do ouro cintila nas côres e desenhos dos tecidos ocidentais, cuja excentricidade faz pensar num cometa, condenado a extinguir-se antes ainda de ter nascido. Mas as altaneiras habitantes do país mais lindo do mundo — a União Soviética — saem à rua em passo de dança e as leves nuvens coloridas, que são os tecidos dos seus vestidos, irradiam pelo mundo milhares de novas côres e de novos desenhos". É o caso de o grupo do algodão sorridó, que recentemente andou se divertindo em Paris para propaganda dêsse tecido nacional, organizar nova festança, desta feita no castelo de um qualquer Jacques Fathowski moscovita. Com pequenas vestidas de leves nuvens coloridas, bastaria uma boa rajada de vento para o divertimento sair ainda melhor.

NEGAÇÃO PARA O CINEMA

Num momento como o atual, em que o mais bisonho manipulador de câmara cinematográfica se gaba de estar desvendando algum mistério da alma humana ou enfrentando algum problema de transcendental importância social ou, de qualquer modo, lançar sua mensagem ao mundo, apontamos à execração dos nossos gênios do celuloide as prosaicas e desalentadoras declarações de um diretor cinematográfico italiano, que acaba de concluir um filme musical sôbre Nápoles e suas canções: "Com o meu filme, eu não entendi dizer nada de especial. Procurei apenas fazer o meu produtor ganhar uns cobres e divertir o público, que larga o seu dinheirinho nas bilheterias dos cinemas para ter uma hora e meia de distração; procurei também, destarte, lançar as bases para que, no futuro, os produtores cinematográficos remunerem melhor a minha atividade".

PINTURA MODERNA

Passeiando no mês passado pelos arredores de Cannes, o pintor Salvador Dali viu uma bicicleta atirada à margem da estrada, com as rodas tôdas amassadas e o guidão retorcido, vítima evidente de alguma memorável trombada automobilística que não destoaria no panorama do trânsito carioca. "Você está vendo?" — foi logo dizendo Salvador Dali, que é surrealista mas, também, **pompier**, a um crítico de arte que lhe estava ao lado. — "Essa não é uma bicicleta arrebentada; é uma bicicleta de Picasso".

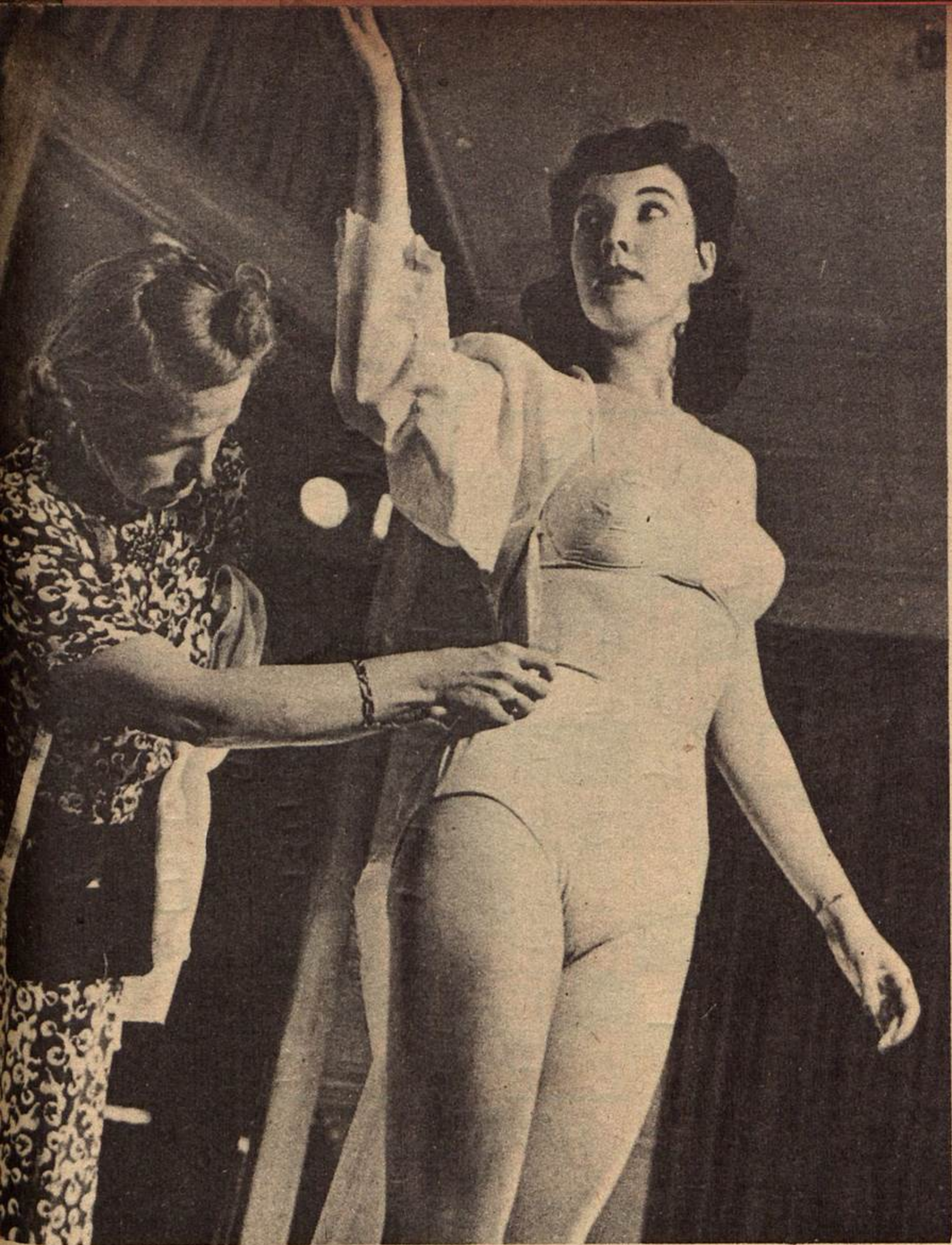
SONHO DE SOLTEIRONA

Uma turista inglêsa, miss Andrey Leathiey Williams, que percorria a Alemanha ocidental, caiu do trem durante uma viagem de estrada de ferro ao longo do Reino. No Hospital, aonde foi recolhida, referiu aos jornalistas as circunstâncias em que se verificou o acidente: "Eu estava sòzinha no meu compartimento, olhando a paisagem e verificando no meu guia os nomes das localidades. De repente, entrou no compartimento um homem, que se parecia extraordinàriamente com Hitler e que me pediu em casamento. Depois, não me lembro mais de nada". Os jornais não disseram qual fôsse a idade da miss; mas, pela própria descrição que ela deu do seu caso, pensamos que deva orçar pelos cinqüenta anos.

O DIREITO À DEVOLUÇÃO

Em conseqüência de um comêço de incêndio num cinema de Baltimore, os bombeiros se viram compelidos a dissolver, fazendo uso das mangueiras, numerosos grupos de espectadores, que se amontoavam diante da bilheteria dispostos a não sair do cinema sem antes ter recebido de volta o dinheiro do bilhete de ingresso.

EM BOA COMPANHIA

A Sagrada Congregação do Index condenou, nos últimos tempos, não apenas as obras completas de Sartre, Gide e Morávia, mas também, muito recentemente, um livro do escritor francês Robert Morel, intitulado "La mère" e tendo como argumento a vida de Nossa Senhora. A êsse propósito talvez convenha

de realizar modelos que as "strip-teasers" — um gênero tão em voga nos EE. UU. — devem despir em público. Entre suas clientes contam-se celebridades tais como Gypsy Rose Lee e Margie Hart. E Jessica Rogers, que nas fotos acima demonstra a especialidade de Livingstone: 1) num detalhe de "zip", 2) na medição, 3) na prova com tecido experimental e 4) num movimento que tanto vale para vestir como para despir. Um vestido dêste pode custar 2 mil dólares. Para se ver, afinal, o manequim!

lembrar que, há mais de cem anos, outro livro, também dedicado à Virgem e intitulado "O precioso sangue de Maria" foi posto no Index da Igreja. Seu autor, um jovem padre de idéias um tanto liberais, tornou-se mais tarde universalmente conhecido quando ascendeu ao trono de São Pedro assumindo o nome de Papa Leão XIII.

FORAIN

Por ocasião da grande exposição, organizada pela Biblioteca Nacional de Paris, da obra do desenhista Forain, recordam os jornais francêses numerosos "mots d'esprit" dêsse artista, que não era apenas um satírico do lápis, senão, também, uma língua ferina de primeira ordem. O mais curto e fulminante foi o que êle pronunciou durante um jantar a Cécile Sorel, que já não estava na flôr da idade. Falava-se, justamente, da idade das mulheres e a atriz, a certa altura, declarou: "No dia em que eu perceber que estou ficando velha, darei um tiro nos miolos". "Fogo!" exclamou sem perda de tempo Forain, em tom de mando, do outro lado da mesa.

VÁ ALGUÉM FIAR-SE NA POLÍTICA

Um engenheiro industrial apresentou-se numa delegacia da polícia de Turim e pediu para falar com o delegado. Explicou o seu caso. Sua honra de marido fôra covardemente enxovalhada pela espôsa e mais um vil sedutor. Mas, como êle estava apaixonadadíssimo pela mulher e não queria perdê-la, quem tinha de pagar o pato era o amante. Não era coisa de matar, não. Êle queria sòmente torná-lo definitivamente inofensivo para os maridos de outras mulheres, aplicando-lhe, com uma navalha, o método adotado outrora pelo reverendo Fulbert contra o filósofo nominalista Abelardo, quando o pilhou em flagrante delito de amor com a sobrinha Heloisa: um servicinho que, como o delegado podia verificar, tinha ilustres precedentes e que êle levaria a cabo em poucos minutos. Mas queria uma autorização da polícia, já que se tratava de medida saneadora dos bons costumes e porque uma pessoa de bem, mesmo nessas coisas, deve sempre respeitar a autoridade constituída. O delegado, de início, autorizou verbalmente a delicada operação; mas quando o homem ia saindo da delegacia com a consciência tranqüila e afiando meticulosamente a navalha, mandou traiçoeiramente prendê-lo e trancá-lo no hospício. Se isso é coisa que se faça!

FONTE DE INSPIRAÇÃO

Pouco antes do escritor inglês Somerset Maugham entrar para a clínica suíça, onde se submeteu a recente intervenção cirúrgica, perguntou-lhe um amigo qual seria o argumento do seu próximo romance, se êle se decidisse a pegar novamente na pena depois da operação. "Tenho um argumento originalíssimo, respondeu Maugham, um tema de que nunca tratei até agora. Encontrei-o num filme tirado de um conto meu".

DEVAGAR VAI-SE AO LONGE

A crise em que se encontra a indústria francesa dos vinhos induziu alguns deputados a sugerirem medidas para um maior consumo das bebidas alcoólicas em geral e do vinho em particular, provocando violenta reação da parte da liga antialcoólica que renovou em maior escala sua obstinada propaganda contra o uso imoderado de aperitivos e licôres da parte dos francêses. A Associação dos Bebedores da França, por sua vez achou que a ocasião era propícia para uma campanha destinada a angariar novos sócios e, em oposição aos anti-alcoólicos, entrou a dar a máxima divulgação ao seu velho lema báquico: "O álcool é um veneno que mata lentamente, mas nós não temos pressa".

REALIDADE SURREALISTA

O semanário parisiense Arts transcreve sensacional notícia publicada, em 14 de julho último, por um jornal de Nice e que dispensa quaisquer comentários: "Um dos mais extraordinários acidentes de motocicleta provocou ontem a morte de duas pessoas. Outras duas ficaram gravemente feridas. Uma chapa de metal, caindo de um caminhão, guilhotinou literalmente um motociclista, que estava, justamente, ultrapassando o caminhão. O motociclista, sem cabeça, prosseguiu seu caminho por mais alguns metros e atropelou, ferindo-as, uma mulher e uma criança. Quando o motorista do caminhão viu o corpo sem cabeça conduzindo a motocicleta, levou tamanho susto que morreu instantaneamente. O caminhão, então, foi bater contra uma casa, ocasionando prejuízos consideráveis.

Edith Piaf, famosa cantora francesa, casou recentemente com Jacques Pills, também cantor. Ei-la chegando a Nova York, numa viagem profissional e de núpcias.

O leitor em Manchete

PONGETTI

ESTA seção mudou de rumo, de nome e de objetivo. Antes, era apenas o leitor que falava. Um monólogo. Agora é uma conversa entre dois amigos que não se conhecem, mas que procuram entender-se. Um diálogo. Aqui responderemos a tôdas as consultas comuns em leitores de revistas. E lhe contaremos também nossos planos, nossas dificuldades, e o que pretendemos fazer no futuro e mesmo no presente.

A primeira comunicação é com pesar que fazemos: Pongetti deixou a direção da revista. Se MANCHETE "nasceu vitoriosa" e é "a revista que faltava ao Brasil", como tem sido reconhecido por dezenas de milhares de leitores, em todo o país, muito deve à inteligência, sensibilidade e experiência jornalística de Henrique Pongetti. Como Diretor Responsável, não se limitou êle a dirigir: foi redator, repórter, e às vêzes, até revisor. Sua dedicação não teve limites. Absorvido inteiramente pelos naturais problemas da primeira infância desta revista Pongetti privou-se pessoalmente de tudo que mais gosta de fazer na vida: freqüentar e fazer teatro e cinema, redigir crônicas e conversar com seus amigos que são tantos.

Sòmente agora que a revista atingiu a sua fase adulta é que o admirável cronista e excelente teatrólogo manifestou desejos de voltar ao sossêgo de sua vida intelectual para se dedicar novamente às criações literárias. Seria egoismo não atendê-lo, já que continuará conosco, assinando semanalmente a sua conhecidíssima "cara ou coroa".

A equipe de profissionais que deixou formada, acrescida de novos valores, agora sob a direção de Hélio Fernandes, continuará trabalhando para manter a situação de destaque que MANCHETE conseguiu em tão pouco tempo.

*
* *

Neste número apresentamos ainda outras modificações. Uma crônica esportiva semanal assinada por um cavalheiro — Ricardo Serran — que escreve sôbre esporte com a cabeça e não com os pés. "Um flash em manchete" — que começou com um excelente flagrante — contará — numa foto e 10 linhas de texto, o que de mais sensacional aconteceu na semana, no Brasil e no mundo.

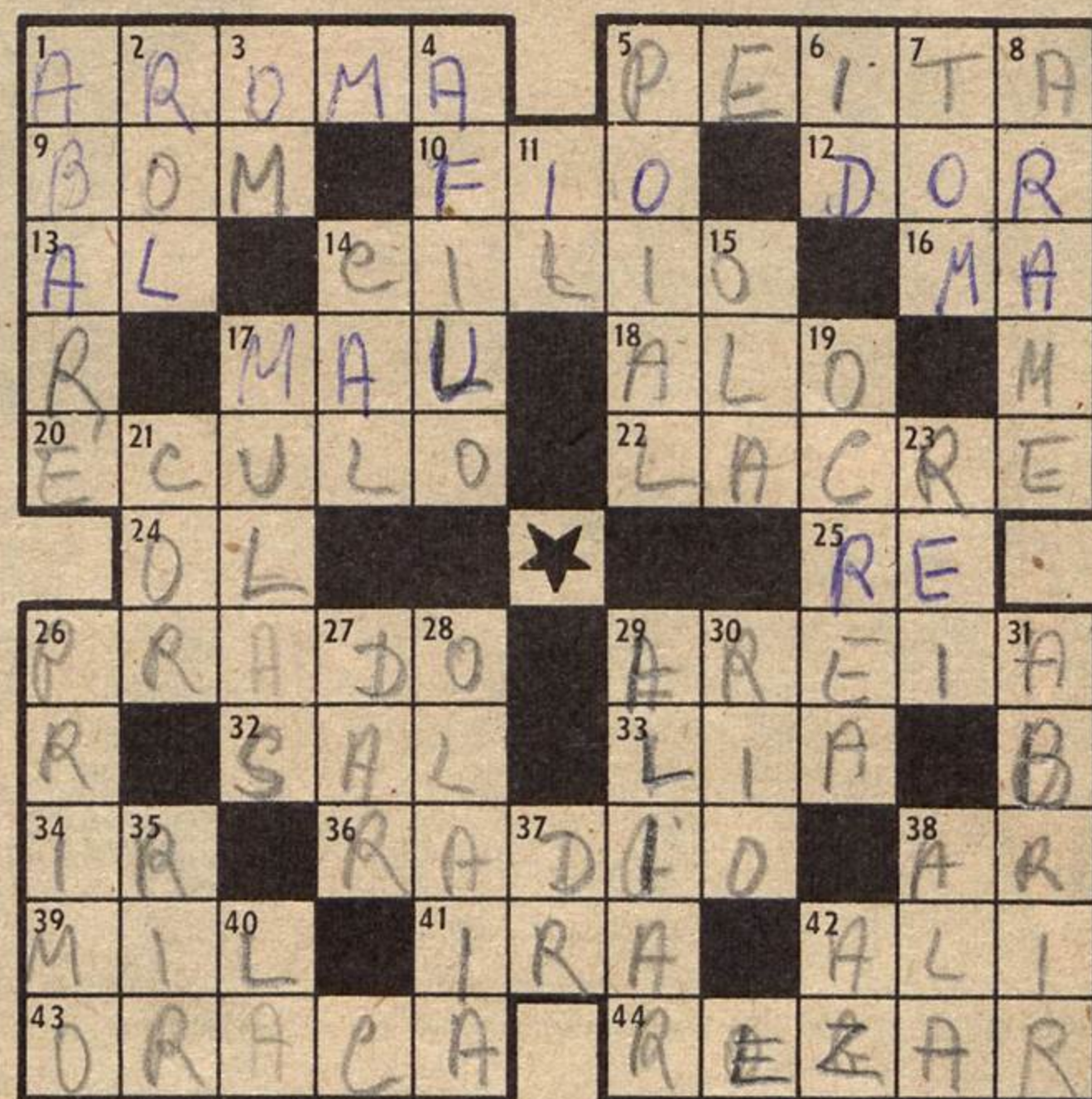
Fernando Sabino, o excelente cronista que já escreveu para MANCHETE nos seus primeiros números, voltou definitivamente. E já hoje inicia uma seção fixa, intitulada "Sala de espera". "Recordações da Semana" — outra seção fixa — pretende apresentar de 7 em 7 dias, baseado no fato diário e cotidiano, o retrato de uma sociedade pretensiosa e insensível, que se julga eterna e indestrutível.

"Espetáculos" é uma página que reune as antigas seções de cinema e teatro, e as novas de rádio e boites. "O Brasil pergunta" reestruturado e com maior espaço, transforma-se numa seção de interêsse permanente.

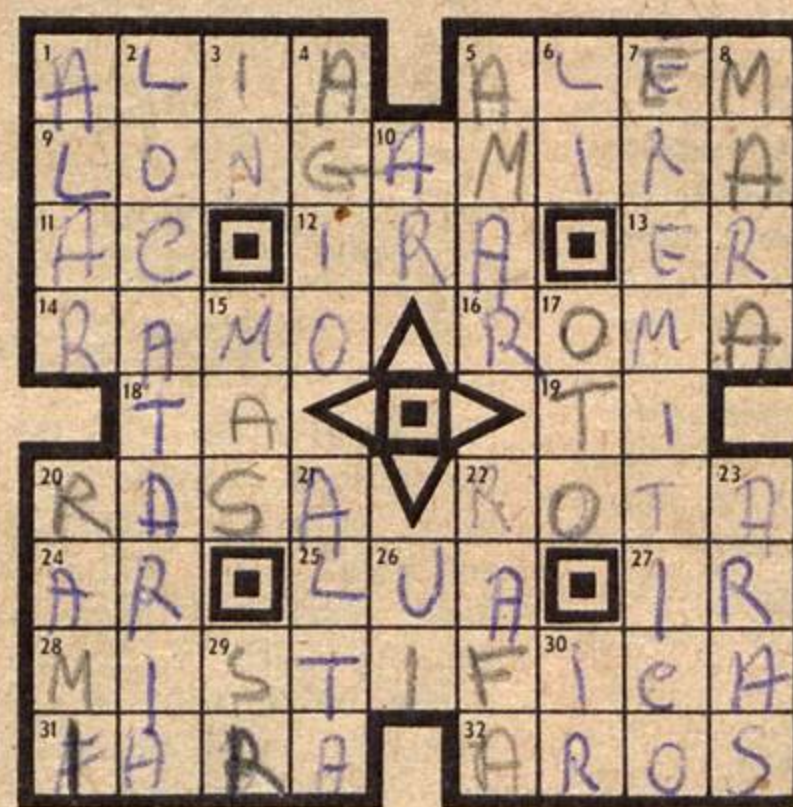
Essas são algumas das modificações que podemos apresentar por ora. É apenas o início do caminho que pretendemos percorrer para atingir essa coisa misteriosa, terna, cruel, assustadora, displicente, interessada, indiferente, mas indispensável que se chama LEITOR.

PENSE E RESOLVA

POR VERAMOR

Esta seção recreativa é destinada a proporcionar alguns momentos de distração e entretenimento aos leitores. Aceitamos colaborações de todos os gêneros de charadas e passatempos, todos de fácil solução, nos moldes das que apresentamos abaixo. Os desenhos devem ser feitos a nanquin e as chaves enviadas em separado. Dicionários usados: **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa — Simões da Fonseca** e **Enciclopédia do Charadista** (Silvio Alves). Tôda a correspondência deve ser dirigida a **VERAMOR** — Redação de **Manchete** — Rua Frei Caneca, 511 — **As soluções de cada número são publicadas no número seguinte.**

Santos — Ma.

HORIZONTAIS — 1 — Fragrância. 5 — Antigo tributo pago pelos que não eram fidalgos. 9 — Misericordioso. 10 — Gume. 12 — Mágoa. 13 — Outra coisa. 14 — Pestana. 16 — Nociva. 17 — Perverso. 18 — Para barlavento. 20 — Espécie de mocho. 22 — Mistura de substância resinosa que serve para fechar garrafas, cartas etc. 24 — Sufixo designa aumento. 25 — Acusada. 26 — Hipódromo. 29 — Praia. 32 — Cloreto de Sódio. 33 — Sedimento. 34 — Seguir. 36 — Osso do antebraço. 38 — Aragem. 39 — Grande número. 41 — Variedade de abelha que faz ninho no chão. 42 — Lá. 43 — Alma de gato (Rio Grande). 44 — Suplicar.

VERTICAIS — 1 — Nome que os índios davam aos missionários. 2 — Apontamento. 3 — Invocação mística dos índios. 4 — Sem folhas. 5 — Banco fixo de pedra. 6 — O substrato instintivo da psiquê. 7 — Intervalo entre duas notas. 8 — Fio de metal flexível. 11 — Sufixo diminutivo equivale a al. 14 — Cano de moinho. 15 — Fôlha de palma na Índia portuguêsa. 17 — Fêmeas do mulo. 19 — Estípula que ultrapassa o ponto de inserção do pecíolo no caule, e o circunda. 21 — Memória. 23 — Soberano. 26 — Primeiro. 27 — Ajudar. 28 — Árvore da família das Leguminosas. 29 — Unir. 30 — Curso de água. 31 — Desunir. 35 — Zombar. 37 — Doutor. 38 — Renque. 40 — Símbolo do Lantânio. 42 — Ala do exército.

ATICA S. CITALI - S. P.

HORIZONTAIS — 1 — Agrupa. 5 — Afora. 9 — Óculos de alcance. 11 — Antes de Cristo. 12 — Rancor. 13 — Símbolo do Erbio. 14 — Ramificação. 16 — Capital de um país europeu. 18 — Interjeição suspensiva. 19 — Variação pronominal. 20 — Medida antiga que correspondia pouco mais ou menos ao alqueire. 22 — Rumo. 24 — Jeito. 25 — Planeta satélite da Terra. 27 — Morrer. 28 — Burla, engano. 31 — Mulher fantástica. 32 — Arredóres de terras importantes.

VERTICAIS — 1 — Voar. 2 — Arrendatária. 3 — Símbolo do Índio. 4 — Prêmio de agência. 5 — Escolher. 6 — Medida itenerária chinesa. 7 — Que diz respeito a eremita. 8 — Mamífero sul americano da família dos Roedores. 10 — Clima. 15 — Dificuldade. 17 — Filho de Netuno. 20 — Planta textil, asiática da família das Urticáceas. 21 — Aumento. 22 — Penúria. 23 — Lavras. 26 — Interjeição de dor, surprêsa, etc. 29 — Senhor. 30 — Partir.

CHARADAS CASAIS (Jeová B. Lima — Ceará).

1 — O chefe da **revolta** está no **pico** do Imalaia. 3.
2 — **Possuindo** uma **barraca**, o cabôclo é feliz. 2.
3 — A **narrativa** era complicada como uma **operação aritmética**. 2.

SINCOPADAS (K. Ranova — Rio).

1 — É muito **elogiado**, o meu **rebanho**. 3-2.
2 — **Estudante novato** é sempre **querido**. 3-2.
3 — Sou **prudente** quando **talho** a lenha. 3-2.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

H. — Asa — ara — austrífero — it — airi — tú — noas — moer — ora — aro — lar — ala — iças — rios — ao — adie — gc — secundário — sol — lua.

V. — Autorizações — SS — atas — afim — ré — ateriologia — aino — ri — ir — ouro — aa — oa — lias — ra — aí — asco — Saul — real — DN — id — co — ru.

H. — Lábia — ata — sôldo — som — avaro.

V. — Lassa — ato — balsa — átomo — dor.

CASAIS — Aia-aio. Doutrino-doutrina. Marca-marco.

LOGOGRIFO — Pacato.

O TERCEIRO HOMEM É SEMPRE O PRIMEIRO HOMEM QUE APARECE DEPOIS

Revisor viciado. Quando jogava pôquer perguntava sempre: porkê ?

O marido enganado: — O jornal diz que êsse sujeito fugiu com minha mulher.
O marido certo: — E você não pretende matá-lo?
O marido enganado: — Só se êle mudar de idéia.

O repórter atrevido foi fazer uma reportagem com uma Santa. Quando terminou a reportagem ela já não era uma Santa.

INTERMEDIÁRIO é um indivíduo que mantém a ligação entre dois interêsses, visando exclusivamente o seu.

•

FRAÇÃO DE SEGUNDO é o momento exato que decorre entre o sinal abrir à nossa frente e um imbecil businar atrás de nós.

O assassino aproximou-se da jovem indefesa e disse:

— Você será a única testemunha do crime que vou cometer. E não contará nada a ninguém.

— Mas como pode saber o senhor que não contarei?

— Porque você será à vítima.

ROTEIRO NOTURNO (e diurno) PARA UM TURISTA PREVENIDO

NO CÁIS DO PÔRTO — Logo ao saltar do navio, deve tomar as primeiras precauções. Contra os choferes de praça. Evitar o sotaque estrangeiro, a fim de não dar a perceber que é um turista. Do contrário, levará quatro horas e meia rodando a cidade em tôdas as direções, para chegar ao Copacabana Palace. E ficará a ver navios. Novamente.

NO HOTEL — Vestir-se com displicência. Evitar camisas quadriculadas, de côres vivas e firmes, à prova de tinturarias chinêsas radicadas no Brasil. Não usar sandálias na hora do almôço nem "shorts" com florzinhas ou macaquinhos mal alimentados. Isso o obrigará a uma gorgeta em dólares que, ao câmbio livre, o deixará completamente liso.

PASSEIOS — Andar sempre com o mapa da cidade no bolso, em versão inglêsa — que é um idioma que todo mundo fala. Menos chofer de praça. E um mapa em versão portuguêsa. Para os ditos. Assim, se quiser ir ao Corcovado não precisará cortar caminho pela Barra da Tijuca. E se quiser ir ao Pão de Açúcar não precisará procurar um Centro Excursionista. Ainda bem.

RESTAURANTE — Ao sentar-se à mesa, não pedir nunca o cardápio. Esta é uma palavra nacional que ninguém conhece. Solicitando o MENU, será prontamente atendido. Em menos de três horas. Não dispensar o dicionário francês para a escolha de pratos. Uma boa gorgeta comprará um sorriso "à la carte" e a próxima refeição mais rápida. Em menos de duas horas.

DIVERSÕES — Sair correndo, logo após o jantar, para comprar um ingresso no cinema, antes das 8, e escolher lugar numa boite, antes das 10. No primeiro, verá um péssimo filme, no segundo beberá do pior pelo preço do melhor. Uma lanterninha de bolso é indispensável — não só para encontrar lugar no cinema como para mostrar ao garçon da boite que até o mais eficiente dos matemáticos está sujeito a pequenos enganos no escuro.

AS CAMAREIRAS — Andar mais prevenido no hotel do que na rua. Porque se na rua êle sofre atentados, no hotel êle sofre tentações. Quando a camareira é bonita. Geralmente ela entra no quarto quando o turista está no banho. E é justamente nessas horas que êle está mais desprevenido.

PIQUE-NIQUES — Quando convidado a um passeio no Recreio dos Bandeirantes ou na Vista Chinêsa, deve levar um revólver no bolso. Mas deve tomar o máximo cuidado, nas estradas escuras. Do contrário lhe roubarão a arma.

O TEMPO — O tempo é uma coisa que engana muito o turista que nos visita pela primeira vez. Mais ainda que o próprio Departamento Metereológico. Porque êle não faz previsões de si mesmo e não sabe se se portará logo mais como está se portando agora. Num dia de chuva não deve sair de casa. Para ir aonde, se está tudo paralisado? Dia de chuva no Rio não é ponto facultativo no trabalho. É ponto facultativo para se regressar ao lar.

DETALHES — Um turista prevenido deve olhar para todos os lados, antes de atravessar a Av. Presidente Vargas: para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo. Nunca se sabe se um edifício pode desabar em cima dêle ou se êle próprio cairá dentro de algum buraco.

SOUVENIRS — É importante pensar nas recordações que levará para sua terra. Evitar, por isso, conversa com camelôs. Do contrário, só levará para casa "as últimas invenções americanas" — fabricadas em casa em 15 minutos, e vendidas na rua, em 10. Quando a mercadoria é vendida, o vendedor é quase sempre apreendido. Não seja mau. Deixe o homem viver.

O REGRESSO — Chegar aqui não é muito difícil. O difícil é sair. Os aviões raramente atingem seus destinos, pois parece que tôdas as linhas conduzem ao desastre. As estradas estão obstruídas pelos destroços de automóveis. Os trens que vão partir amanhã estão sendo esperados desde ontem. Os navios exigem tanta antecedência de reserva que quando o turista regressa já é cidadão brasileiro. E passa a ser turista em sua própria terra.

A qualidade
que inspira confiança!

GRAFICOS BLOCH S. A. - RIO - SÃO PAULO